

THE UNIVERSITY
OF ILLINOIS
LIBRARY

869.9
Al2g
1910

397.77

1910

Return this book on or before the
Latest Date stamped below. A
charge is made on all overdue
books.

U. of I. Library

NOV 1 1937

JAN - 2 1940

NOV 25 1942

NOV - 1 1948

NOV 1 1948

NOV 30 1948

OCT 24 1950

NOV - 21 1952

OCT 16 1953

NOV - 29 1957

OCT 16 1987

NOV - 1 1988

NOV 1 1988

APR - 5 1971

FEB 20 1992



COMPOSTO È IMPRESSO NA TYPOGRA-
PHIA DA "A EDITORA" — LARGO
DO CONDE BARÃO, 50 — LISBOA.

869.9

al 2 g
1910

AO LEITOR

Publicando este livro em 1857, se disse ser aquella primeira edição uma prova tipografica, que algum dia talvez o autor se dispuzesse a rever.

Esta nova edição devia dar satisfação do empenho, que a extrema benevolencia do publico ledor, tão minguido ainda, mudou em bem para divida de reconhecimento.

Mais do que podia fiou de si o autor. Relendo a obra depois de anos, achou elle tão mau e incorreto quanto escrevera, que para bem corrigir, fôra misfer escrever de novo. Para tanto lhe carece o tempo e sobra o tédio de um labor ingrato.

Cinjiu-se pois ás pequenas emendas que tolleravam o plano da obra e o dezalinho de um estilo não castigado.

359113



PRIMEIRA PARTE

OS AVENTUREIROS

I

Senario

De um dos cabeços da *Serra dos Orgãos* desliza um fio d'agua que se dirige para o norte, e engrossado com os mananciais, que recebe no seu curso de dez leguas, torna-se rio caudal.

É o *Paquequer*: saltando de cascata em cascata, enroscando-se como uma serpente, vai depois espreguiçar-se na varzea e embeber no Parahyba, que rola majestozamente em seu vasto leito.

Dir-se-ia que vassallo e tributario desse rei das aguas; o pequeno rio, ativo e sobranceiro contra os rochedos, curva-se humildemente aos pés do suzerano. Perde então a beleza selvatica; suas ondas são calmas e serenas como as de um lago, e não se revoltam contra os barcos

e as canoas que resvalam sobre ellas: escravo submisso, sofre o latego do senhor.

Não é neste lugar que elle deve ser visto; sim trez ou quatro leguas acima de sua foz, onde é livre ainda, como o filho indomito desta patria da liberdade.

Aí, o *Paquequer* lança-se rapido sobre o seu leito, e atravessa as florestas como o tapir, espumando, deixando o pelo esparso pelas pontas de rochedo, e enchendo a solidão com o estampido de sua carreira. De repente, falta-lhe o espaço, foje-lhe a terra; o soberbo rio recúa um momento para concentrar as suas forças e precipita-se de um só arremesso, como o tigre sobre a preza.

Depois, fatigado do esforço supremo, estende-se sobre a terra, e adormece n'uma linda bacia que a natureza formou, e onde o recebe como em um leito de noiva, sob as cortinas de trepadeiras e flores agrestes.

A vejetação nessas parajens ostentava outr'ora todo o seu luxo e vigor; florestas virjens se estendiam ao longo das marjens do rio, que corria no meio das arcarias de verdura e dos capiteis formados pelos leques das palmeiras.

Tudo era grande e pompozo no senario que a natureza, sublime artista, tinha decorado para os dramas majestozos dos elementos, em que o homem é apenas um simples comparsa:

No ano da graça de ~~1604~~, o lugar que acabamos de descrever estava dezerto e inculto; a

cidade do Rio de Janeiro tinha-se fundado havia menos de meio seculo, e a civilização não tivera tempo de penetrar o interior.

Entretanto, via-se á margem direita do rio uma caza larga e espaçosa, construida sobre uma eminencia, e protegida de todos os lados por uma muralha de rocha cortada a pique.

A esplanada, sobre que estava assentado o edificio, formava um semicirculo irregular que teria quando muito cincoenta braças quadradas: do lado do norte havia uma especie de escada de lajedo feita metade pela natureza e metade pela arte.

Descendo dois ou trez dos largos degraus de pedra da escada, encontrava-se uma ponte de madeira solidamente construida sobre uma fenda larga e profunda que se abria na rocha. Continuando a descer, chegava-se á beira do rio, que se curvava em seio gracioso; sombreado pelas grandes gameleiras e anjelins que cresciam ao longo das margens.

Aí, ainda a industria do homem tinha aproveitado habilmente a natureza para crear meios de segurança e defeza.

De um e outro lado da escada seguiam dois renques de arvores, que, alargando gradualmente, iam fechar como dois braços o seio do rio; entre o tronco dessas arvores, uma alta cerca de espinheiros tornava aquelle pequeno vale impenetravel.

A caza era edificada com a arquitetura sim-

ples e grosseira, que ainda apresentam as nossas primitivas habitações; tinha cinco janelas de frente, baixas, largas, quasi quadradas.

Do lado direito estava a porta principal do edificio, que dava sobre um pateo cercado por uma estacadã, coberta de melões agrestes. Do lado esquerdo estendia-se até á borda da esplanada uma aza do edificio, que abria duas janelas sobre o desfiladeiro da rocha.

No angulo que esta aza fazia com o resto da caza, havia uma couza que chamaremos jardim, e de fato era uma imitação graciosa de toda a natureza rica, vigorosa e esplendida, que a vista abraçava do alto do rochedo.

Flores agrestes das nossas matas, pequenas arvores copadas, um estandal de relvas, um fio d'agua, finjindo um rio e formando uma pequena cascata, tudo isto a mão do homem tinha creado no pequeno espaço com uma arte e graça admiravel.

A' primeira vista, olhando esse ^{rochedo} da altura de duas braças, donde se precipitava um arroio da largura de um copo d'agua, e o monte de grama, que tinha quando muito o tamanho de um divan, parecia que a natureza se havia feito menina, e se esmerara em crear por capricho uma miniatura.

O fundo da caza, inteiramente separado do resto da habitação por uma cerca, era tomado por dois grandes armazens ou senzalas, que serviam de morada a aventureiros e acostados.

Finalmente, na extrema do pequeno jardim, á beira do precipicio, via-se uma cabana de sapé, cujos esteios eram duas palmeiras que haviam nascido entre as fendas das pedras. As abas do teto desciam até ao chão: um ligeiro sulco privava as aguas da chuva de entrar nesta habitação selvajem.

Agora que temos descrito o aspeto da localidade, onde se deve passar a maior parte dos acontecimentos desta historia, podemos abrir a pezada porta de jacarandá que serve de entrada, e penetrar no interior do edificio.

A sala principal, o que chamamos ordinariamente sala da frente, respirava um certo luxo que parecia impossivel existir nessa época em um dezerto, como era então aquelle sitio.

As paredes e o teto eram caiados, mas cinjidos por um largo florão de pintura a fresco; nos espaços das janelas pendiam dois retratos que representavam um fidalgo velho e uma dama tambem idoza.

Sobre a porta do centro dezenhava-se um brazão d'armas em campo de circo vieiras de ouro, riscadas em cruz entre quatro rozas de prata sobre palas e faixas. No escudo, formado por uma brica de prata, orlada de vermelho, via-se um elmo tambem de prata paquife de ouro e de azul, e por timbre um meio leão de azul com uma vieira de ouro sobre a cabeça.

Um largo reposteiro de damasco vermelho, onde se reproduzia o mesmo brazão, ocultava

esta porta, que raras vezes se abria, e dava para um oratorio. Defronte, entre as duas janelas do meio, havia um pequeno docel fechado por cortinas brancas com apanhados azues.

Cadeiras de couro de alto espaldar, uma meza de jacarandá de pés torneados, uma lampada de prata suspensa ao teto, constituíam a mobilia da sala, que respirava um ar severo e triste.

Os apoentos interiores eram do mesmo gosto, menos as decorações heraldicas; na aza do edificio, porém, esse aspeto mudava de repente, e era substituido por um quer que seja de caprichozo e delicado que revelava a presença de uma mulher.

Com effeito, nada mais loução do que essa alcova, em que os brocateis de seda se confundiam com as lindas penas de nossas aves, enlaçadas em grinaldas e festões pela orla do teto e pela cupola do cortinado de um leito collocado sobre um tapete de peles de animaes selvajens.

A um canto, pendia da parede um crucifixo em alabastro, aos pés do qual havia um escabelo de madeira dourada.

Pouco distante, sobre uma comoda, via-se uma dessas guitarras espanholas que os ^{gitanos} ciganos introduziram no Brazil quando expulsos de Portugal, e uma coleção de curiozidades mineraes de côres mimosas e fórmas exquisitas.

Junto á janela, havia um traste que á primeira vista não se podia definir; era uma especie de

leito ou sofá de palha matizada de varias côres e entremeiada de penas negras e escarlates.

Uma garça real empalada, prestes a dezatar o vôo, segurava com o bico a cortina de tafetá azul que ella abria com a ponta de suas azas brancas e caíndo sobre a porta, vendava esse ninho da innocencia aos olhos profanos.

Tudo isto respirava um suave aroma de beijoim, que se tinha impregnado nos objetos como o seu perfume natural, ou como a atmosfera do paraizo que uma fada habitava.

II

Lealdade

A habitação que descrevemos, pertencia a D. Antonio de Mariz, fidalgo portuguez cota d'armas e um dos fundadores da cidade do Rio de Janeiro.

Era dos cavalheiros que mais se haviam distinguido nas guerras da conquista, contra a invasão dos francezes e os ataques dos selvajens.

Em 1567 acompanhou Mem de Sá ao Rio de Janeiro, e depois da vitoria alcançada pelos portuguezes, auxiliou o governador nos trabalhos da fundação da cidade e consolidação do dominio de Portugal nessa capitania.

Fez parte em 1578 da celebre expedição do Dr. Antonio de Salema contra os francezes, que haviam estabelecido uma feitoria em Cabo Frio para fazerem o contrabando de pau brazil.

Serviu por este mesmo tempo de provedor da real fazenda, e depois da alfandega do Rio de Janeiro ; mostrou sempre nesses empregos o seu zelo pela republica e a sua dedicação ao rei.

Homem de valor, experimentado na guerra,

ativo, afeito a combater os indios, prestou grandes serviços nas descobertas e explorações do interior de Minas e Espírito Santo. Em recompensa do seu merecimento, o governador Mem de Sá lhe havia dado uma sesmaria de uma legua com fundo sobre o sertão, a qual depois de haver explorado, deixou por muito tempo devoluta.

A derrota de Alcacerquibir, e o dominio espanhol que se lhe seguiu, vieram modificar a vida de D. Antonio de Mariz.

Portuguez de antiga tempéra, fidalgo leal, entendia que estava prezo ao rei de Portugal pelo juramento da nobreza, e que só a elle devia preito e menajem. Quando pois, em 1582, foi aclamado no Brazil D. Filippe II como sucessor da monarchia portugueza, o velho fidalgo embainhou a espada e retirou-se do serviço.

Por algum tempo esperou a projetada expedição de D. Pedro da Cunha, que pretendeu transportar ao Brazil a corôa portugueza, collocada então sobre a cabeça do seu legitimo herdeiro, D. Antonio, prior do Crato.

Depois, vendo que esta expedição não se realizava, e que seu braço e sua coragem de nada valiam ao rei de Portugal, jurou que ao menos lhe guardaria fidelidade até a morte. Tomou os seus penates, o seu brazão, as suas armas, a sua familia, e foi estabelecer-se naquella sesmaria que lhe concedera Mem de Sá. Aí, de pé sobre a eminencia em que ia assentar o seu novo so-

lar, D. Antonio de Mariz erguendo o vulto direito, e lançando um olhar sobranceiro pelos vastos horizontes que abriam em torno, exclamou:

— Aqui sou portuguez! Aqui póde respirar á vontade um coração leal, que nunca desmentiu a fé do juramento. Nesta terra que me foi dada pelo meu rei, e conquistada pelo meu braço, nesta terra livre, tu reinarás, Portugal, como viverás n'alma de teus filhos. Eu o juro!

Descobrindo-se, curvou o joelho em terra, e estendeu a mão direita sobre o abismo, cujos écos adormecidos repetiram ao longe a ultima fraze do juramento prestado sobre o altar da natureza, em face do sol que transmontava.

Isto se passára em abril de 1593; no dia seguinte, começaram os trabalhos da edificação de uma pequena habitação que servia de residencia provisoria, até que os artezãos vindos do reino construíram e decoraram a casa que já conhecemos.

D. Antonio tinha ajuntado fortuna durante os primeiros anos de sua vida aventureira; e não só por capricho de fidalguia, mas em atenção á sua familia, procurava dar a essa habitação, construída no meio de um sertão, todo o luxo e comodidade possiveis.

Além das expedições que fazia periodicamente á cidade do Rio de Janeiro, para comprar fazendas e generos de Portugal, que trocava pelos produtos da terra, mandára vir do reino

alguns officiaes mecanicos e hortelãos, que aproveitavam os recursos dessa natureza tão rica, para proverem os seus habitantes de todo o necessario.

Assim, a caza era um verdadeiro solar de fidalgo portuguez, menos as ameias e a barbacan, as quaes haviam sido substituidas por essa muralha de rochedos inacessiveis, que ofereciam uma defeza natural e uma rezistencia inexpugnavel.

Na posição em que se achava, isto era necessario por cauza das tribus selvajens, que, embora se retirassem sempre das vizinhanças dos lugares habitados pelos colonos, e se entranhassem pelas florestas, costumavam comtudo fazer correrias e atacar os brancos á traição.

Em um circulo de uma legua da caza, não havia senão algumas cabanas em que moravam aventureiros pobres, dezejezos de fazer fortuna rapida, e que tinham-se animado a se estabelecer neste lugar, em parcerias de dez e vinte, para mais facilmente praticarem o contrabando do ouro e pedras preciosas, que iam vender na costa.

Estes, apesar das precauções que tomavam contra os ataques dos indios, fazendo palissadas e reunindo-se uns aos outros para defeza comum, em ocasião de perigo vinham sempre abrigar-se na caza de D. Antonio de Mariz, a qual fazia as vezes de um castelo feudal na idade media.

O fidalgo os recebia como um rico-homem que

devia proteção e azilo aos seus vassallos; socorria-os em todas as suas necessidades, e era estimado e respeitado por todos que vinham, confiados na sua vizinhança, estabelecer-se por esses lugares.

Deste modo, em caso de ataques dos indios, os moradores da caça do *Paquequer* não podiam contar senão com os seus proprios recursos; e por isso D. Antonio, como homem pratico e avizado que era, havia-se premunido para qualquer occurrencia.

Elle mantinha, como todos os capitães de descobertas daquelles tempos coloniaes, uma banda de aventureiros que lhe serviam nas suas explorações e correrias pelo interior; eram hoímens ousados, destemidos, reunindo ao mesmo tempo aos recursos do homem civilizado a astucia e agilidade do indio de quem haviam aprendido; eram uma especie de guerrilheiros, soldados e selvajens ao mesmo tempo.

D. Antonio de Mariz, que os conhecia, havia estabelecido entre elles uma disciplina militar rigorosa, mas justa; a sua lei era a vontade do chefe; o seu dever a obediencia passiva, o seu direito uma parte igual na metade dos lucros. Nos cazos extremos, a decizão era proferida por um conselho de quatro, prezidido pelo chefe; e cumpria-se sem apelo, como sem demora e hezitação.

Pela força da necessidade, pois, o fidalgo se havia constituido senhor de baraço e cutelo, de

alta e baixa justiça dentro dos seus domínios; devemos porém declarar que rara vez se tornára precisa a applicação dessa lei rigorosa; a severidade tinha apenas o efeito salutar de conservar a ordem, a disciplina e a harmonia.

Quando chegava a época da venda dos productos, que era sempre anterior á saída da armada de Lisboa, metade da banda dos aventureiros ia á cidade do Rio de Janeiro, apurava o ganho, fazia a troca dos objetos necessarios, e na volta prestava suas contas. Uma parte dos lucros pertencia ao fidalgo, como chefe; a outra era distribuida igualmente pelos quarenta aventureiros, que a recebiam em dinheiro ou em objetos de consumo.

Assim vivia, quazi no meio do sertão, desconhecida e ignorada essa pequena comunhão de homens, governando-se com as suas leis, os seus uzos e costumes; unidos entre si pela ambição da riqueza, e ligados ao seu chefe pelo respeito, pelo habito da obediencia e por essa superioridade moral que a intelijencia e a coragem exercem sobre as massas.

Para D. Antonio e para seus companheiros a quem elle havia imposto a sua fidelidade, esse torrão brasileiro, esse pedaço de sertão, não era senão um fragmento de Portugal livre, de sua patria primitiva; aí só se reconhecia como rei ao duque de Bragança, lejitimo herdeiro da corôa; e quando se corriam as cortinas do docel da sala, as armas que se viam, eram as

cinco quinas portuguezas, diante das quaes todas as frentes inclinavam.

D. Antonio tinha cumprido o seu juramento de vassallo leal; e, com a consciencia tranquila por ter feito o seu dever, com a satisfação que dá ao homem o mando absoluto, ainda mesmo em um dezerto, rodeado de seus companheiros que elle considerava amigos, vivia feliz no seio de sua pequena familia.

Esta se compunha de quatro pessoas:

Sua mulher, D. Lauriana, dama paulista, imbuída de todos os prejuizos de fidalguia e de todas as abuzões relijiozas daquelle tempo; no mais, um bom coração, um pouco egoista, mas não tanto que não fosse capaz de um ato de dedicação:

Seu filho, D. Diogo de Mariz, que devia mais tarde proseguir na carreira de seu pai, e que lhe succedeu em todas as honras e forais; ainda moço na flor da idade, gastava o tempo em correrias e caçadas:

Sua filha, D. Cecilia, que tinha dezoito anos, e que era a deusa desse pequeno mundo que ella iluminava com o seu sorrizo, e alegrava com o seu genio travesso e a sua mimoza fa-ceirice:

D. Izabel, sua sobrinha, que os companheiros de D. Antonio, embora nada dissessem, suspeitavam ser o fruto dos amores do velho fidalgo por uma india que havia cativado em uma das suas explorações.

Demorei-me em descrever a sena e falar de algumas das principais personajens deste drama porque assim era preciso para que bem se compreendam os acontecimentos que depois se passaram.

Deixarei porém que os outros perfis se deznhem por si mesmos.

A bandeira

Era meio dia.

Um troço de cavaleiros, que constaria quando muito de quinze pessoas, costeava a margem direita do Parahyba.

Estavam todos armados da cabeça até aos pés; além da grande espada de guerra que batia as ancas do animal, cada um delles trazia á cinta dois pistoletes, um punhal na ilharga do calção, e o arcabuz passado a tiracolo pelo hombro esquerdo.

Pouco adiante, dois homens a pé tocavam alguns animaes carregados de caixas e outros volumes cobertos com uma sarapilheira alcatroada, que os abrigava da chuva.

Quando os cavaleiros, que seguiam a trote largo, venciam a pequena distancia que os separava da tropa, os dois caminheiros, para não atrazarem a marcha, montavam na garupa dos animais e ganhavam de novo a dianteira.

Naquelle tempo dava-se o nome de *bandeiras* a essas caravanas de aventureiros que se entranhavam pelos sertões do Brazil, á busca de ouro,

de brilhantes e esmeraldas, ou á descoberta de rios e terras ainda desconhecidos. A que nesse momento costeava a margem do Parahyba, era da mesma natureza; voltava do Rio de Janeiro, onde fôra vender os productos de sua expedição pelos terrenos auriferos.

Uma das ocações, em que os cavaleiros se aproximaram da tropa que seguia a alguns passos, um moço de vinte e oito anos, bem parecido, e que marchava á frente do troço, governando o seu cavallo com muito garbo e gentileza, quebrou o silencio geral.

— Vamos, rapazes! disse elle alegremente aos caminheiros; um pouco de diligencia, e chegaremos com cedo. Restam-nos apenas umas quatro leguas!

Um dos bandeiristas, ao ouvir estas palavras, chegou as esporas á cavalgadura e avançando algumas braças colocou-se ao lado do moço.

— Ao que parece, tendes pressa de chegar, Sr. Alvaro de Sá? disse elle com um ligeiro acento italiano, e um meio sorriso cuja expressão de ironia era disfarçada por uma benevolencia suspeita.

— De certo, Sr. Loredano; nada é mais natural a quem viaja, do que o dezejo de chegar.

— Não digo o contrario; mas confessareis que nada ^{aproveita} ~~tambem~~ é mais natural a quem viaja, do que poupar os seus animais.

— Que quereis dizer com isto, Sr. Loredano? perguntou Alvaro com um movimento de enfado.

— Quero dizer, Sr. cavalheiro, respondeu o italiano em tom de mofa e medindo com os olhos a altura do sol, que chegaremos hoje pouco antes das seis horas.

Alvaro córou.

— Não vejo em que isto vos cauza reparo; a alguma hora havíamos chegar; e melhor é que seja de dia, do que de noite.

— Assim como melhor é que seja em um sabbado do que em outro qualquer dia! replicou o italiano no mesmo tom.

Um novo rubor assomou ás faces de Alvaro, que não pôde disfarçar o seu enleio: mas, recordando o dezembaraço, soltou uma rizada, e respondeu:

— Ora, adeus, Sr. Loredano: estais a falar-me na ponta dos beiços e com meias palavras; á fé de cavalheiro que não vos entendo.

— Assim deve ser. Diz a escritura que não ha peor surdo do que aquelle que não quer ouvir.

— Oh! temos anexim! Aposto que aprendestes isto agora em S. Sebastião: foi alguma velha beata, ou algum licenciado em canones que vol-o ensinou? disse o cavalheiro gracejando.

— Nem um nem outro, Sr. cavalheiro; foi um fanqueiro da rua dos Mercadores, que por sinal tambem me mostrou custozos brocados e lindas arrecadas de perolas, bem proprias para o mimo de um gentil cavalheiro á sua dama.

Alvaro enrubeceu pela terceira vez.

Decididamente o sarcástico italiano, com o seu espirito mordaz, achava meio de ligar a todas as perguntas do moço uma alusão que o incomodava; e isto no tom o mais natural do mundo.

Alvaro quiz cortar a conversação neste ponto; mas o seu companheiro proseguiu com extrema amabilidade:

— Não entrastes por acaso na loja desse fanteiro de que vos falei, Sr. cavalheiro?

— Não me lembro; é de crer que não, pois apenas tive tempo de arranjar os nossos negócios, e nem um me restou para ver essas galantarias de damas e fidalgas; disse o moço com frieza.

— E' verdade! acudiu Loredano com uma injenuidade simulada; isto me faz lembrar que só nos demorámos no Rio de Janeiro cinco dias, quando das outras vezes eram nunca menos de dez e quinze.

— Tive ordem para haver-me com toda a rapidez; e creio, continuou fitando no italiano um olhar severo, que não devo contas de minhas ações senão áquelles a quem dei o direito de pedi-las.

— *Per Bacco*, cavalheiro! Tomais as couzas ao revez. Ninguem vos pergunta por que motivo fazeis aquillo que vos praz: mas também achareis justo que cada um pense á sua maneira.

— Pensai o que quizerdes! disse Alvaro levantando os hombros e avançando o passo da sua cavalgadura.

A conversa interrompeu-se.

Os dois cavaleiros, um pouco adiantados ao resto do troço, caminhavam silenciosos um a par do outro.

Alvaro ás vezes enfiava o olhar pelo caminho como para medir a distancia que ainda tinham de percorrer, e outras vezes parecia pensativo e preocupado.

Nestas ocasiões, o italiano lançava sobre elle um olhar a furto, cheio de malicia e ironia; depois continuava a assobiar entre dentes uma cançoneta de *condottiere*, de quem elle apresentava o verdadeiro tipo.

Um rosto moreno, coberto por uma longa barba negra, entre a qual o sorrizo desdenhozo fazia brilhar a alvura de seus dentes; olhos vivos, a fronte larga, descoberta pelo chapéu de zabado que caía sobre o hombro; alta estatura, e uma constituição forte, ágil e musculosa; eram os principaes traços deste aventureiro.

A pequena cavalgata tinha deixado a margem do rio, que não oferecia mais caminho, e tomára por uma estreita picada aberta na mata.

Apezar de ser pouco mais de duas horas, o crepusculo reinava nas profundas e sombrias abobadas de verdura: a luz, coando entre a espessa folhagem, se decompunha inteiramente; nem uma restea de sol penetrava nesse templo

da criação, ao qual serviam de columnas os troncos seculares dos acaris e araribás.

O silencio da noite, com os seus rumores vagos e indecizos e os seus écos amortecidos, dormia no fundo dessa solidão, e era apenas interrompido um momento pelo passo dos animais, que faziam estalar as folhas secas.

Parecia que deviam ser seis horas da tarde, e que o dia caíndo envolvia a terra nas sombras pardacentas do ocazo.

Alvaro de Sá, embora habituado a esta ilusão, não pôde deixar de sobresaltar-se um instante, em que, saíndo da sua meditação, viu-se de repente no meio do *claro-escuro* da floresta.

Involuntariamente ergueu a cabeça para ver se atravez da cupola de verdura descobria o sol, ou pelo menos alguma sentelha de luz que lhe indicasse a hora.

Loredano não pôde reprimir a rizada sardonica que lhe veiu aos labios.

— Não vos dê cuidado, Sr. cavalheiro, antes de seis horas lá estaremos; sou eu que vo-lo digo.

O moço voltou-se para o italiano, rugando o sobr'olho.

— Sr. Loredano, é a segunda vez que dizeis esta palavra em um tom que me dezagrada; pareceis querer dar a entender alguma couza, mas falta-vos o animo de a proferir. Uma vez por todas, falai abertamente, e Deus vos guarde de tocar em objetos que são sagrados.

Os olhos do italiano lançaram uma faisca; mas o seu rosto conservou-se calmo e sereno.

— Bem sabeis que vos devo obediencia, Sr. cavalheiro, e não faltarei della. Dezejais que fale claramente; e a mim me parece que nada do que tenho dito póde ser mais claro do que é.

— Para vós, não duvido; mas isto não é razão de que o seja para outros.

— Ora dizei-me, Sr. cavalheiro, não vos parece claro, á vista do que me ouvistes, que adivinhei o vosso dezejo de chegar o mais depressa possivel?

— Quanto a isto, já vos confessei eu; não ha pois grande merito em adivinhar.

— Não vos parece claro tambem que observei haverdes feito esta expedição com a maior rapidez, de modo que em menos de vinte dias eis-nos ao cabo della?

— Já vos disse que tive ordem, e creio que nada tendes a opôr.

— Não de certo; uma ordem é um dever, e um dever cumpre-se com satisfação, quando o coração nelle se interessa.

— Sr. Loredano! disse o moço levando a mão ao punho da espada e colhendo as redeas.

O italiano fez que não tinha visto o gesto de ameaça; continuou:

— Assim tudo se explica. Recebestes uma ordem? foi de D. Antonio de Mariz, sem duvida?

— Não sei que nenhum outro tenha direito de dar-m'a; replicou o moço com arrogancia.

— Naturalmente por virtude desta ordem, con-

tinuou o italiano cortezmente, partistes do *Paquequer* em uma segunda feira, quando o dia designado era um domingo.

— Ah! também reparastes nisto? perguntou o moço mordendo os beiços de despeito.

— Reparo em tudo, Sr. cavalheiro; assim, não deixei de observar ainda, que sempre em virtude da ordem, fizestes tudo para chegar justamente antes do domingo.

— E não observastes mais nada? perguntou Alvaro com a voz tremula e fazendo um esforço para conter-se.

— Não me escapou também uma pequena circumstancia de que já vos falei.

— E qual é ella, se vos praz?

— Oh! não vale a pena repetir: é couza de somenos.

— Dizei sempre, Sr. Loredano: nada é perdido entre dois homens que se entendem; replicou Alvaro com um olhar de ameaça.

— Já que o quereis, força é satisfazer-vos. Noto que a ordem de D. Antonio, e o italiano carregou nesta palavra, manda-vos estar no *Paquequer* um pouco antes de seis horas, a tempo de ouvir a prece.

— Tendes um dom admiravel, Sr. Loredano; o que é de lamentar, é que o empregueis em futilidades.

— Em que quereis que um homem gaste seu tempo neste sertão, senão a olhar para seus semelhantes, e ver o que elles fazem?

— Com efeito é uma boa distração.

— Excelente. Vede vós, tenho visto couzas que se passam diante dos outros, e que ninguem percebe, porque não se quer dar ao trabalho de olhar como eu; disse o italiano com o seu ar de simplicidade finjida.

— Contai-nos isto, ha de ser curiozo.

— Ao contrario, é o mais natural possivel; um moço que apanha uma flor ou um homem que passeia de noite á luz das estrelas... Póde haver couza mais simples?

Alvaro empalideceu desta vez.

— Sabeis uma couza, Sr. Loredano?

— Saberei, cavalheiro, se me fizerdes a honra de dizer.

— Está me parecendo que a vossa habilidade de observador levou-vos muito lonje, e que fazeis nem mais nem menos do que o officio de espião.

O aventureiro ergueu a cabeça com um gesto altivo, levando a mão ao cabo de uma larga adaga que trazia á ilharga: no mesmo instante porém dominou este movimento, e voltou á bonhomia habitual.

— Quereis gracejar, senhor cavalheiro?...

— Enganais-vos, disse o moço picando o seu cavallo e encostando-se ao italiano, falo-vos seriamente; sois um infame espião! Mas juro, por Deus, que á primeira palavra que proferirdes esmago-vos a cabeça como a uma cobra venenosa.

A fisionomia de Loredano não se alterou; con-

servou a mesma impassibilidade; apenas o seu ar de indiferença e sarcasmo dezapareceu sob a expressão de energia e maldade que lhe acentuou os traços vigorosos.

Fitando um olhar duro no cavalheiro, respondeu:

— Visto que tomais a couza neste tom, Sr. Alvaro de Sá, cumpre que vos diga que não é a vós que cabe ameaçar; entre nós dois, deveis saber qual é o que tem a temer!...

— Esqueceis a quem falais? disse o moço com altivez.

— Não, senhor, lembro tudo; lembro que sois meu superior, e também, acrescentou com voz surda, que tenho o vosso segredo.

E parando o animal, o aventureiro deixou Alvaro seguir só na frente, e misturou-se com os seus companheiros.

A pequena cavalgata continuou a marcha atravez da picada, e aproximou-se de uma dessas clareiras das matas virjens, que se assemelham a grandes zimborios de verdura.

Neste momento um ruído espantoso fez estremecer a floresta, e encheu a solidão com os ecos estridentes.

Os caminheiros empalideceram e olharam um para o outro; os cavaleiros engatilharam os arcabuzes e seguiram lentamente, lançando um olhar cauteloso pelos ramos das arvores.

IV

A luta

Quando a cavalgata chegou á margem da clareira, aí se passava uma sena curioza.

Em pé, no meio do espaço que formava a grande abobada de arvores, encostado a um velho tronco decepado pelo raio, via-se um indio na flor da idade.

Uma simples tunica de algodão a que os indijenas chamavam *aimará*, apertada á cintura por uma faixa de penas escarlates, caía-lhe dos hombros até ao meio da perna, e dezenhava o talhe delgado e esbelto como um junco selvagem.

Sobre a alvura diafana do algodão, a sua pele, cõr do cobre, brilhava com reflexos dourados; os cabelos pretos cortados rentes, a tez liza, os olhos grandes com os cantos exteriores erguidos para a frente: a pupila negra, mobil, sintilante; a boca forte mas bem modelada e guarneçada de dentes alvos, davam ao rosto pouco oval a beleza inculta da graça, da força e da inteliçencia.

Tinha a cabeça cinjida por uma fita de couro,

à qual se prendiam do lado esquerdo duas plumas matizadas, que descrevendo uma longa espiral, vinham roçar com as pontas negras o peçoço flexível.

Era de alta estatura, tinha as mãos delicadas; a perna ágil e nervosa, ornada com uma axorca de frutos amarelos, apoiava-se sobre um pé pequeno, mas firme no andar e veloz na corrida. Segurava o arco e as flexas com a mão direita caída, e com a esquerda mantinha verticalmente diante de si um longo forcado de pau enegrecido pelo fogo.

Perto d'elle estava atirada ao chão uma clavina tauxiada, uma pequena bolsa de couro que devia conter munições, e uma rica faca flamenga, cujo uzo foi depois prohibido em Portugal e no Brazil.

Nesse instante erguia a cabeça e fitava os olhos n'uma sebe de folhas que se elevava a vinte passos de distancia, e se ajitava imperceptivelmente.

Ali, por entre a folhagem, distinguiam-se as ondulações felinas de um dorso negro, brilhante, marchetado de pardo; ás vezes viam-se brilhar na sombra dois raios vitreos e palidos, que semelhavam os reflexos de alguma cristalização de rocha, ferida pela luz do sol.

Era uma onça enorme; de garras apoiadas sobre um grosso ramo de arvore, e pés suspensos no galho superior, encolhia o corpo, preparando o salto gigantesco.

Batia os flancos com a larga cauda, e movia a cabeça monstrozoza, como procurando uma aberta entre a folhagem para arremessar o pulo: uma especie de rizo sardonico e feroz contraia-lhe as negras mandibulas, e mostrava a linha de dentes amarelos; as ventas dilatadas aspiravam fortemente, e pareciam deleitar-se já com o odor do sangue da vitima.

O indio, sorrindo e indolentemente encostado ao tronco seco, não perdia um só desses movimentos, e esperava o inimigo com a calma e serenidade do homem que contempla uma sena agradável: apenas a fixidade do olhar revelava um pensamento de defeza.

Assim, durante um curto instante, a fera e o selvajem mediram-se mutuamente, com os olhos nos olhos um do outro; depois o tigre agachou-se, e ia formar o salto, quando a cavalgata appareceu na entrada da clareira.

Então o animal, lançando ao redor um olhar injetado de sangue, eriçou o pelo, e ficou imóvel no mesmo lugar, hezitando se devia arriscar o ataque.

O indio que ao movimento da onça acurvára ligeiramente os joelhos e apertára o forcado, indireitou-se de novo; sem deixar a sua posição, nem tirar os olhos do animal, viu a banda que parára á sua direita.

Estendeu o braço e fez com a mão um gesto de rei, que rei das florestas elle era, intimando aos cavaleiros que continuassem a sua marcha.

Como porém o italiano, com o arcabuz em face procurasse fazer a pontaria entre as folhas, o indio bateu com o pé no chão em sinal de impaciencia, e exclamou apontando para o tigre, e levando a mão ao peito :

— É meu!... meu só!

Estas palavras foram ditas em portuguez, com uma pronuncia doce e sonora, mas em tom de energia e rezolução.

O italiano riu.

— Por Deus! Eis um direito orijinal! Não quereis que se ofenda a vossa amiga?... Está bem, dom cacique, continuou lançando o arcabuz a tiracolo; ella vo-lo agradecerá.

Em resposta a esta ameaça, o indio empurrou desdenhozamente com a ponta do pé a clavina que estava atirada ao chão, como para exprimir que, se elle o quizesse, já teria abatido o tigre de um tiro. Os cavaleiros compreenderam o gesto, porque, além da precaução necessaria para o cazo de algum ataque diretto, não fizeram a menor demonstração offensiva.

Tudo isto se passou rapidamente, em um segundo, sem que o indio deixasse um só instante com os olhos o inimigo.

A um sinal de Alvaro de Sá, os cavaleiros proseguiram a sua marcha, e entranharam-se de novo na floresta.

O tigre, que observava os cavaleiros imovel, com o pelo eriçado, não ouzára investir nem

retirar-se, temendo expor-se aos tiros dos arcabuzes: mas apenas viu a tropa distanciar-se e sumir-se no fundo da mata, soltou um novo rujido de alegria e contentamento.

Ouviu-se um rumor de galhos que se despedaçavam como se uma arvore houvesse tombado na floresta, e o vulto negro da fera passou no ar; d'um pulo tinha ganho outro tronco, e metido entre ella e o seu adversario uma distancia de trinta palmos.

O selvajem compreendeu immediatamente a razão disto: a onça, com os seus instintos carniceros e a sede voraz de sangue, tinha visto os cavalos e desdenhava o homem, fraca preza para sacia-la.

Com a mesma rapidez com que formulou este pensamento, tomou na cinta uma flecha pequena e delgada como um espinho de ouriço, e esticou a corda do grande arco, que excedia de um terço á sua altura.

Ouviu-se um forte sibilo, que foi acompanhado por um bramido da fera; a pequena seta despedida pelo indio cravára-se na orelha, e uma segunda, açoutando o ar, ia ferir-lhe a mandibula inferior.

O tigre tinha-se voltado ameaçador e terrivel, aguçando os dentes uns nos outros, rujindo de furia e vingança: de dois saltos aproximou-se novamente.

Era uma luta de morte a que ia se travar; o indio o sabia, e esperou tranquilamente, como

da primeira vez; a inquietação que sentira um momento de que a preza lhe escapasse, deza- parecera: estava satisfeito.

Assim, estes dois selvajens das matas do Brazil, cada um com as suas armas, cada um com a consciencia de sua força e de sua corajem, consideravam-se mutuamente como uma vitima que ia ser imolada.

O tigre desta vez não se demorou; apenas se achou a couza de quinze passos do inimigo, retraíu-se com uma força de elasticidade extraordinaria, e atirou-se como um estilhaço de rocha, cortada pelo raio.

Foi cair sobre o indio, apoiado nas largas patas de detraz, com o corpo direito, as garras estendidas para degolar a sua vitima, e os dentes prontos a cortar-lhe a jugular.

A velocidade deste salto monstruozo foi tal que, no mesmo instante em que se vira brilhar entre as folhas os reflexos negros de sua pele azevichada, já a fera tocava o chão com as patas.

Mas tinha em frente um inimigo digno della, pela força e ajilidade.

Como a principio, o indio havia dobrado um pouco os joelhos, e segurava na esquerda a longa forquilha, sua unica defeza; os olhos sempre fixos magnetizavam o animal. No momento em que o tigre se lançava, curvou-se ainda mais; e fujindo com o corpo apresentou o gancho. A fera, caíndo com a força do pezo e a li-

jeireza do pulo, sentiu o forçado cerrar-lhe o colo, e vacilou.

Então, o selvajem distendeu-se com a flexibilidade da cascavel ao lançar o bote; ficando os pés e as costas no tronco, arremessou-se e foi cair sobre o ventre da onça, que, subjugada, prostrada de costas, com a cabeça preza ao chão pelo gancho, debatia-se contra o seu vencedor, procurando debalde alcança-lo com as garras.

Esta luta durou minutos; o indio, com os pés apoiados fortemente nas pernas da onça, e o corpo inclinado sobre a forquilha, mantinha assim imovel a fera que ha pouco corria a mata não encontrando obstaculos á sua passagem.

Quando o animal, quazi asfixiado pela estrangulação, já não fazia senão uma fraca resistencia, o selvajem, segurando sempre a forquilha, meteu a mão debaixo da tunica e tirou uma corda de *ticum* que tinha enrolada á cintura em muitas voltas.

Nas pontas desta corda havia dois laços que elle abriu com os dentes e passou nas patas dianteiras ligando-as fortemente uma á outra; depois fez o mesmo ás pernas, e acabou por amarrar as duas mandibulas, de modo que a onça não pudesse abrir a bocca.

Feito isto, correu a um pequeno arroio que passava perto; e enchendo de agua uma folha de cajueiro bravo, que tornou côva, veiu borri-far a cabeça da fera. Pouco a pouco o animal ia

tornando a si; e o seu vencedor aproveitava este tempo para reforçar os laços que o prendiam, e contra os quais toda a força e agilidade do tigre seriam impotentes.

Neste momento uma cotia tímida e arisca apareceu na leizeira da mata, e adiantando o focinho, escondeu-se arrepiando o seu pelo vermelho e afogueado.

O índio saltou sobre o arco, e abateu-a daí a alguns passos no meio da carreira; depois, apanhando o corpo do animal que ainda palpitava, arrancou a flexa, e veio deixar cair nos dentes da onça as gotas do sangue quente e fumegante.

Apenas o tigre moribundo sentiu o odor da carniça, e o sabor do sangue que filtrando entre as presas caíra na boca, fez uma contorsão violenta, e quiz soltar um urro que apenas exalou-se n'um gemido surdo e abafado.

O índio sorria, vendo os esforços da fera para arrebentar as cordas que a atavam de maneira que não podia fazer um movimento, a não serem essas retorções do corpo, em que debalde se agitava. Por cautela tinha-lhe ligado até os dedos uns aos outros para privar-lhe que pudesse uzar das unhas longas e retorcidas, que são a sua arma mais terrível.

Quando o índio satisfez o prazer de contemplar o seu cativo, quebrou na mata dois galhos secos de biribá, e roçando rapidamente um contra o outro, tirou fogo pelo atrito e tratou de preparar a sua caça para jantar.

Em pouco tempo tinha acabado a selvajem refeição, que elle acompanhou com alguns favos de mel de uma pequena abelha que fabrica as suas colmêas no chão. Foi ao regato, bebeu alguns góles d'agua, lavou as mãos, o rosto e os pés, e cuidou em pôr-se a caminho.

Passando pelas patas do tigre o seu longo arco que suspendeu ao hombro, e vergando ao pezo do animal que se debatia em contorsões, tomou a picada por onde tinha seguido a cavalgata.

Momentos depois, no lugar desta sena já de-zerto, entreabriu-se uma moita espessa, e surdiu um indio completamente nú, ornado apenas com uma trofa de penas amarelas.

Lançou ao redor um olhar espantado, examinou cautelozamente o fogo que ardia ainda e o resto da caça; deitou-se encostando o ouvido em terra, e assim ficou algum tempo.

Depois ergueu-se e entranhou-se de novo pela floresta, na mesma direção que o outro tomára pouco tempo antes.

Loura e morena

Caía a tarde.

No pequeno jardim da caza do *Paquequer*, uma linda moça se embalançava indolentemente n'uma rede de palha preza aos ramos de uma acacia silvestre, que estremecendo deixava cair algumas de suas flores miudas e perfumadas.

Os grandes olhos azues, meio cerrados, ás vezes se abriam languidamente como para se embeberem de luz, e abaixavam de novo as palpebras rozadas.

Os labios vermelhos e humidos pareciam uma flor da gardenia dos nossos campos, orvalhada pelo sereno da noite; o halito doce e ligeiro exalava-se formando um sorrizo. Sua tez alva e pura como um frocô de algodão, tinjia-se nas faces de uns lonjes côr de roza, que iam, desmaiando, morrer no colo de linhas suaves e delicadas.

O seu traço era do gosto mais mimozo e mais orijinal que é possivel conceber; mistura de luxo e de simplicidade.

Tinha sobre o vestido branco de cassa um li-

jeiro saio de risso azul apanhado á cintura por um broche; uma especie de arminho cõr de perola, feito com a penujem macia de certas aves, orlava o talho e as mangas, fazendo realçar a alvura de seus hombros e o harmoniozo contorno do seu braço arqueado sobre o seio.

Os longos cabelos louros, enrolados negligentemente em ricas tranças, descobriam a fronte alva, e caíam em volta do pescoço prezos por uma rezilha finissima de fios de palha cõr de ouro, feita com uma arte e perfeição admiravel.

A mãozinha afilada, brincava com um ramo de acacia que se curvava carregado de flores; e ao qual de vez em quando segurava-se para imprimir á rede uma doce oscilação.

Esta moça era Cecilia.

O que passava nesse momento em seu espirito infantil é impossivel descrever; o corpo cedendo á languidez que produz uma tarde calmoza, deixava que a imajinação corresse livre.

Os sopros tepidos da briza que vinham impregnados dos perfumes das madre-silvas e das açucenas agrestes, ainda excitavam mais esse enlevo e bafejavam talvez nessa alma inocente algum pensamento indefinido, algum desses mitos de um coração de moça aos dezoito annos.

Ella sonhava que uma das nuvens brancas que passavam pelo céu anilado, roçando a ponta dos rochedos se abria de repente; e um homem vinha cair a seus pés timido e suplicante.

Sonhava que córava; e um rubor vivo acen-

dia o rozado de suas faces ; mas a pouco e pouco esse casto enleio ia se desvanecendo, e acabava n'um gracioso sorrizo que sua alma vinha pouzar nos labios.

Com o seio palpitante, toda tremula e ao mesmo tempo contente e feliz, abria os olhos ; mas voltava-os com desgosto, porque, em vez do lindo cavalheiro que ella sonhára, via a seus pés um selvagem.

Tinha então, sempre em sonho, um desses assomos de colera de rainha ofendida, que fazia arquear as sobrançelhas louras, e bater sobre a relva a ponta de um pézinho de menina.

Mas o escravo suplicante erguia os olhos tão magoados, tão cheios de preces mudas e de resignação, que ella sentia um quer que seja de inexprimivel, e ficava triste, triste, até que fugia e ia chorar.

Vinha porém o seu lindo cavalheiro, enxugava-lhe as lagrimas, e ella sentia-se consolada, e sorria de novo ; mas conservava sempre uma sombra de melancolia, que só a pouco e pouco o seu genio alegre conseguia desvanecer.

Neste ponto do seu sonho, a portinha interior do jardim abriu-se, e outra moça, roçando apenas a grama com o seu passo ligeiro, aproximou-se da rede.

Era um tipo inteiramente diferente do de Cecilia ; era o tipo brasileiro em toda a sua graça e formozura, com o encantador contraste de languidez e malicia, de indolencia e vivacidade.

Os olhos grandes e negros, o rosto moreno e rozado, cabelos pretos, labios desdenhosos, sorriso provocador, davam a este rosto um poder de sedução irresistível.

Ella parou em face de Cecilia meio deitada sobre a rede, e não pôde furtar-se á admiração que lhe inspirava essa bejeza delicada, de contornos tão suaves; e uma sombra impercetível, talvez de um despeito, passou pelo seu rosto; mas esvaeceu-se logo.

Sentou-se n'uma das bandas da rede, reclinando sobre a moça para beija-la ou ver se estava dormindo.

Cecilia, sentindo um estremecimento, abriu os olhos e fitou-os em sua prima.

— Preguiçosa! . . . disse Izabel sorrindo.

— É verdade! respondeu a moça, vendo as grandes sombras que projetavam as arvores; está quazi noite.

— É desde o sol alto que dormes, não é assim? perguntou a outra gracejando.

— Não, não dormi nem um instante, mas não sei o que tenho hoje que me sinto triste.

— Triste! tu, Cecilia! não creio; era mais facil não cantarem as aves ao nascer do sol.

— Está bem! não queres acreditar!

— Mas vem cá! Por que razão has de estar triste, tu que durante todo o ano só tens um sorriso, tu que és alegre e travessa como um passarinho?

— É para veres! Tudo cansa neste mundo.

— Ah! compreendo! Estás enfastiada de viver aqui nestes ermos.

— Já me habituei tanto a ver essas arvores, esse rio, esses montes, que quero-lhes como se me tivessem visto nascer.

— Então o que é que te faz triste?

— Não sei; falta-me alguma couza.

— Não vejo o que possa ser. Sim?... já adivinho!

— Adivinhas o que? perguntou Cecilia admirada.

— Ora! o que te falta.

— Se eu mesma não sei! disse a moça sorrindo.

— Olha, respondeu Izabel; ali está a tua rola esperando que a chames, e o teu veadinho que te olha com os seus olhos doces; só falta o outro animal selvajem.

— Pery! exclamou Cecilia rindo-se da idéa de sua prima.

— Elle mesmo! Só tens dois cativos para fazeres as tuas travessuras; e como não vês o mais feio, e o mais dezangraçado, estás aborrecida.

— Mas agora me lembro, disse Cecilia, tu já o viste hoje?

— Não; nem sei o que é feito delle.

— Saíu antes de hontem á tarde; não vá ter-lhe sucedido alguma desgraça! disse a moça estremecendo.

— Que desgraça queres tu que lhe possa su-

ceder? Não anda elle todo o dia batendo o mato, e correndo como uma fera bravia?

— Sim; mas nunca lhe succedeu ficar tanto tempo fóra, sem voltar á caza.

— O mais que póde acontecer, é terem-lhe apertado as saudades da sua vida antiga e livre.

— Não! exclamou a moça com vivacidade; não é possível que nos abandonasse assim!

— Mas então que pensas que andará fazendo por este sertão?

— É verdade!... disse a moça preocupada.

Cecilia ficou um momento com a cabeça baixa, quazi triste; nesta pozição, a vista caiu sobre o veado, que fitava nella a sua pupila negra com toda a languidez e suavidade, que a natureza puzera em seus olhos.

A moça estendeu a mão, e deu com a ponta dos dedos um estalinho, que fez o lindo animal saltar de alegria e vir pouzar a cabeça no seu regaço.

— Tu não abandonarás tua senhora, não é? disse ella passando a mão sobre o seu pelo asetinado.

— Não faças cazo, Cecilia, replicou Izabel reparando na melancolia da moça; pedirás a meu tio para caçar-te outro que farás domesticar, e ficará mais manso do que o teu Pery.

— Prima, disse a moça com um ligeiro tom de repreensão, tratas muito injustamente esse pobre indio que não te fez mal algum.

— Ora, Cecilia, como queres que se trate um

selvagem que tem a pele escura e o sangue vermelho? Tua mãe não diz que um índio é um animal como um cavalo, ou um cão?

Estas ultimas palavras foram ditas com uma ironia amarga, que a filha de Antonio Mariz compreendeu perfeitamente.

— Izabel!... exclamou ella resentida.

— Sei que tu não pensas assim, Cecilia; e que o teu bom coração não olha a côr do rosto para conhecer a alma. Mas os outros?... Cuidas que não percebo o desdem com que me tratam?

— Já te disse por vezes que é uma desconfiança tua; todos te querem, e te respeitam como devem.

Izabel abanou tristemente a cabeça.

— Vai-te bem o consolar-me; mas tu mesma tens visto se eu tenho razão.

— Ora, um momento de zanga de minha mãe...

— É um momento bem longo, Cecilia! respondeu a moça com um sorrizo amargo.

— Mas escuta, disse Cecilia passando o braço pela cintura de sua prima e chamando-a a si, tu bem sabes que minha mãe é uma senhora muito severa mesmo para comigo.

— Não te canses, prima: isto só serve para provar-me ainda mais o que já te confessei: nesta caza só tu me amas, os mais me desprezam.

— Pois bem, replicou Cecilia, eu te amarei

por todos; não te pedi já que me tratasses como irmã?

— Sim! e isto me cauzou um prazer, que tu não imaginas. Se eu fosse tua irmã!...

— E porque não has de se-lo? Quero que o sejas!

— Para ti, que para elle...

Este *elle* foi murmurado dentro d'alma.

— Mas olha que exijo uma couza.

— O que é? perguntou Izabel.

— É que eu serei a irmã mais velha.

— Apesar de seres mais moça?...

— Não importa! Como irmã mais velha, tu me deves obedecer?

— De certo, respondeu a prima sem poder deixar de sorrir.

— Pois bem! exclamou Cecilia beijando-a na face, não te quero ver triste, ouviste? Senão fico zangada.

— E tu não estavas triste ha pouco?

— Oh! já passou! disse a moça saltando ligeiramente da rede.

Com efeito, aquella doce languidez com que se embalçava ha pouco, sismando em mil couzas, tinha desaparecido completamente: seu genio de menina alegre e feiticeira havia cedido um momento ao enlevo, mas voltava de novo.

Era agora como sempre uma moça risonha e faceira, respirando toda a graciosa gentileza, misturada de innocencia e estouvamento, que dão o ar livre e a vida passada no campo.

Erguendo-se, apinhou em botão de roza os labios vermelhos e imitou com uma graça encantadora os arrulhos doces da jurity; immediatamente a rola saltou dos galhos da acacia, e veiu aninhar-se no seu seio, estremecendo de prazer ao contato da mãozinha que alizava a sua penugem macia.

— Vamos dormir, disse ella á rola com a garridice com que as mãis falam aos filhinhos recém-nascidos: a rolinha está com sono, não é?

E deixando sua prima um momento só no jardim, foi agazalhar os seus dois companheiros de solidão, com tanto carinho e solícitude que bem revelava a riqueza de sentimento que havia no fundo desse coração, envolta pela graça infantil de seu espirito.

Nesta ocasião ouviu-se um tropel de animais perto da caza; Izabel lançou os olhos sobre as margens do rio, e viu uma banda de cavaleiros que entravam a cerca.

Soltou um grito de surpresa, de alegria e susto ao mesmo tempo.

— Que é? perguntou Cecilia correndo para sua prima.

— São elles que chegam.

— Elles quem?

— O Sr. Alvaro e os outros.

— Ah! exclamou a moça córando.

— Não achas que voltaram muito depressa? perguntou Izabel sem reparar na perturbação de sua prima.

— Muito; quem sabe se houve alguma couza!

— Dezenove dias apenas... disse Izabel maquinalmente.

— Contaste os dias?

— É fácil! respondeu a moça córando por sua vez; depois de amanhã fazem tres semanas.

— Vamos a ver que lindas couzas elles nos trazem!

— Nos trazem? repetiu Izabel carregando sobre a palavra com um tom de melancolia.

— Nos trazem, sim; porque eu encomendei um fio de perolas para ti. Devem ir-te bem as perolas, com tuas faces cõr de jambo! Sabes que eu tenho inveja do teu moreninho, prima?

— E eu daria a minha vida para ter a tua alvura, Cecilia.

— Ai! o sol está quazi a pôr-se! vamos.

E as duas moças tomaram pelo interior da caza, dirijindo-se ao lado da entrada.

VI

A volta

Ao mesmo tempo que esta sena se passava no jardim, dois homens passeavam do outro lado da esplanada, na sombra que projetava o edificio.

Um delles, de alto porte, conhecia-se immediatamente que era um fidalgo pela altivez do gesto e pelo traço de cavalheiro.

Vestia um gibão de veludo preto com alamares de seda côr de café no peito e nas aberturas das mangas; os calções do mesmo estofado, e tambem pretos, caíam sobre as botas longas de couro branco com esporas de ouro.

Uma simples preguilha de linho alvissimo cercava o talho do seu gibão, e deixava a descoberto o pescoço, que sustentava com graça uma bela e nobre cabeça de velho.

De seu chapéu de feltro pardo sem pluma escapavam-se os aneis de cabelos brancos, que caíam sobre os hombros; atravez da longa barba alva como a espuma da cascata, brilhavam suas faces rozadas, sua boca ainda expressiva, e seus olhos pequenos mas vivos.

Este fidalgo era D. Antonio de Mariz que, apesar dos seus sessenta anos, mostrava um vigor devido talvez á vida ativa; trazia ainda o porte direito, e tinha o passo firme e seguro como se estivesse na força da idade.

O outro velho, que caminhava a seu lado com o chapéu na mão, era Ayres Gomes, seu escudeiro e antigo companheiro de sua vida aventureira; o fidalgo depositava a maior confiança na sua discrição e zelo.

A fisionomia deste homem tinha, quer pela sagacidade inquieta que era a sua expressão ordinaria, quer pelos seus traços alongados, uma certa semelhança com o focinho da rapoza, semelhança que era ainda mais aumentada pelo seu traço bizarro. Trazia sobre o gibão de belbutina côr de pinhão uma especie de vestia do pelo daquelle animal, do qual eram tambem as botas compridas, que lhe serviam quazi de calções.

— Em que o negues, Ayres Gomes, dizia o fidalgo ao seu escudeiro, medindo a passos lentos o terreno; estou certo que és do meu parecer.

— Não digo de todo que não, Sr. cavalheiro; confesso que D. Diogo cometeu uma imprudencia matando essa india.

— Dize uma barbaria, uma loucura!... Não penses que com o ser meu filho, o desculpo!

— Julgais com demaziada severidade.

— E o devo, porque um fidalgo que mata uma

creatura fraca e inofensiva, comete uma ação baixa e indigna. Durante trinta anos que me acompanhas, sabes como trato os meus inimigos; pois bem, a minha espada, que tem abatido tantos homens na guerra, caír-me-ia da mão se, n'um momento de desvario, a erguesse contra uma mulher.

— Mas é preciso ver que casta de mulher é esta, uma selvagem. . .

— Sei o que queres dizer; não partilho essas idéas que vogam entre os meus companheiros; para mim, os indios quando nos atacam, são inimigos que devemos combater, quando nos respeitam são vassallos de uma terra que conquistámos, mas são homens!

— Vosso filho não pensa assim, e bem sabeis quais os principios que lhe deu a Sra. D. Lauriana.

— Minha mulher! . . . replicou o fidalgo com algum azedume. Mas não é disto que discorriamos.

— Sim; falaveis dos receios que vos inspirava a imprudencia de D. Diogo.

— E que pensas tu?

— Já vos disse que não vejo as couzas tão negras como vós, Sr. D. Antonio. Os indios vos respeitam, vos temem, e não se animarão a atacar-vos.

— Digo-te que te enganas, ou antes que procuras enganar-me.

— Não sou capaz de tal, Sr. cavalheiro!

— Conheces tão bem como eu, Ayres, o caracter desses selvajens; sabes que a sua paixão dominante é a vingança, e que por ella sacrificam tudo, a vida e a liberdade.

— Não desconheço isto, respondeu o escudeiro.

— Elles me temem, dizes tu; mas desde o momento que se julgarem ofendidos por mim sofrerão tudo para vingar-se.

— Tendes mais experiencia do que eu, Sr. cavalheiro; mas queira Deus que vos enganeis.

Voltando-se na beira da esplanada para continuarem o seu passeio, D. Antonio de Mariz e o seu escudeiro viram um moço cavaleiro que atravessava pela frente da caza.

— Deixa-me, disse o fidalgo a Ayres Gomes; e pensa no que te disse; em todo o cazo que estejamos preparados para recebe-los.

— Se vierem! retrucou o teimozo escudeiro afastando-se.

D. Antonio dirijiu-se lentamente para o moço fidalgo que se havia sentado a alguns passos.

Vendo aproximar-se seu pai, D. Diogo de Mariz ergueu-se e descobrindo-se esperou-o n'uma attitude respeitosa.

— Sr. cavalheiro, disse o velho com um ar severo, infringistes hontem as ordens que vos dei.

— Senhor...

— Apesar das minhas recomendações expressas, ofendestes um desses selvajens, e excitas-

tes contra nós a sua vingança. Puzestes em risco a vida de vosso pai, de vossa mãe e de homens dedicados. Deveis estar satisfeito de vossa obra.

— Meu pai!...

— Cometestes uma ação má assassinando uma mulher, uma ação indigna do nome que vos dei; isto mostra que ainda não sabeis fazer uzo da espada que trazeis á cinta.

— Não mereço esta injuria, senhor! Castigai-me, mas não rebaixeis vosso filho.

— Não é vosso pai que vos rebaixa, Sr. cavalheiro, e sim a ação que praticastes. Não vos quero envergonhar, tirando essa arma que vos dei para combater pelo vosso rei; mas como ainda não vos sabeis servir d'ella, proibo-vos que a tireis da bainha ainda que seja para defender a vossa vida.

D. Diogo inclinou-se em sinal de obediencia.

— Partireis brevemente, apenas chegar a expedição do Rio de Janeiro; e ireis pedir a Diogo Botelho que vos dê serviços nas descobertas. Sois portuguez, e deveis guardar fidelidade ao vosso rei lejítimo; mas combatereis como fidalgo e christão em prol da relijião, conquistando ao gentio esta terra que um dia voltará ao dominio de Portugal livre.

— Cumprirei as vossas ordens, meu pai.

— Daqui até então, continuou o velho fidalgo, não arredareis pé desta caza sem minha ordem. Ide, Sr. cavalheiro; lembrai-vos que tenho sessenta anos, e que vossa mãe e vossa irmã breve

carecerão de um braço valente para defende-las, e de um conselho avizado para protege-las.

O moço sentiu as lagrimas borbulharem nos olhos mas não balbuciou uma palavra; curvou-se e beijou respeitosamente a mão de seu pai.

D. Antonio de Mariz, depois de olha-lo um momento com uma severidade sob a qual transpareciam os assomos do amor de pai, voltou pelo mesmo caminho e ia continuar o seu passeio quando sua mulher appareceu na soleira da porta.

D. Lauriana era uma senhora de cincoenta e cinco anos; magra, mas forte e conservada como seu marido; tinha ainda os cabelos pretos matizados por alguns fios brancos que escondia o seu alto penteado, coroado por um desses antigos pentes tão largos que cinjiam toda a cabeça, e finjiam uma especie de diadema.

Seu vestido de lapim côr de fumo de cintura comprida, um pouco curto na frente, tinha uma cauda respeitavel, que ella arrastava com um certo donaire de fidalga, resto de sua beleza, ha muito perdida. Longas arrecadas de ouro com pinjentes de esmeralda, que lhe roçavam quazi os hombros, e um colar com uma cruz de ouro ao pescoço, eram todos os seus ornatos.

Quanto ao moral, já dissemos que era uma mistura de fidalguia e de devoção; o espirito de nobreza que em D. Antonio de Mariz era um realce, nella tornava-se uma ridicula exajeração.

No ermo em que se achava, em lugar de procurar desvanecer um pouco a distinção social que podia haver entre ella e os homens no meio dos quais vivia, ao contrario, aproveitava o fato de ser a unica dama fidalga daquelle lugar, para esmagar os outros com a sua superioridade, e reinar do alto de sua cadeira de espaldar, que para ella era quazi um trono.

Em relijião o mesmo sucedia; e um dos maiores desgostos que ella sentia na sua existencia, era não se ver cercada de todo esse aparato do culto, que D. Antonio, como os homens de uma fé robusta e de um espirito direito, tinha sabido substituir perfeitamente.

Apezar desta differença de carateres, D. Antonio de Mariz, ou por concessões ou por severidade, vivia em perfeita harmonia com sua mulher; procurava satisfaze-la em tudo, e quando não era possivel, exprimia a sua vontade de um certo modo, que a dama conhecia immediatamente que era escuzado insistir.

Só em um ponto a sua firmeza tinha sido baldada; e fôra em vencer a repugnancia que D. Lauriana tinha por sua sobrinha; mas como o velho fidalgo sentia talvez doer-lhe a consciencia nesse objeto, deixou sua mulher livre de proceder como lhe parecesse, e respeitou os seus sentimentos.

— Falaveis a D. Diogo com um ar tão severo! disse D. Lauriana descendo os degraus da porta, e vindo ao encontro de seu marido.

— Dava-lhe uma ordem, e um castigo que elle mereceu, respondeu o fidalgo.

— Tratais esse filho sempre com excessivo rigor, Sr. D. Antonio!

— E vós com extrema benevolencia, D. Lauriana. Assim, como não quero que o vosso amor o perca, vejo-me obrigado a privar-vos da sua companhia.

— Jezus! Que dizeis, Sr. D. Antonio?

— D. Diogo partirá nesses dias para a cidade de S. Salvador, onde vai viver como fidalgo, servindo a cauza da relijião e não perdendo o tempo em extravagancias.

— Vós não fareis isto, Sr. Mariz, exclamou sua mulher; desterrar vosso filho da caza paterna!

— Quem vos fala em desterro, senhora? Que-reis que D. Diogo passe toda a sua vida agarrado ao vosso avental e á vossa roca?

— Mas, senhor; eu sou mãe, e não posso viver assim lonje de meu filho, cheia de inquietações pela sua sorte.

— Entretanto, assim ha de ser, porque assim o decidi.

— Sois cruel, senhor.

— Sou justo apenas.

Foi nesta ocazião que se ouviu o tropel de animais, e que Izabel distinguio a banda de cavaleiros que se aproximava da caza.

— Oh! exclamou D. Antonio de Mariz; eis Alvaro de Sá.

O moço que já conhecemos, o italiano e seus companheiros apearam-se, subiram a ladeira que conduzia á esplanada, e aproximaram-se do cavalheiro e de sua mulher, a quem cortejaram respeitosamente.

O velho fidalgo estendeu a mão a Alvaro de Sá; e respondeu á saudação dos outros com uma certa amabilidade. Quanto a D. Lauriana, a inclinação da cabeça foi tão impercetível, que seus olhos nem se abaixaram sobre o rosto dos aventureiros.

Depois de trocada essa saudação, o fidalgo fez um sinal a Alvaro, e os dois separaram-se, e foram conversar a um canto do terreiro, sentados sobre dois grossos troncos de arvore lavrados toscamente, que serviam de bancos.

D. Antonio dezejava saber noticias do Rio de Janeiro e de Portugal, onde se haviam perdido todas as esperanças de uma restauração que só teve lugar quarenta anos depois com a aclamação do duque de Bragança.

O resto dos aventureiros ganhou o outro lado da esplanada e foi misturar-se com os seus companheiros que saíam ao seu encontro.

Aí foram recebidos por um tiroteio de perguntas, de rizadas e ditos chistozos, em que tomaram parte; depois, uns, curiosos de novidades, outros, avidos de contar o que viram, começaram a falar ao mesmo tempo, de modo que ninguém se entendia.

Nesse instante, as duas moças apareceram na

porta: Izabel parou tremula e confuza; Cecilia descendo ligeiramente os degraus, correu para sua mãe.

Emquanto ella atravessava o espaço que a separava de D. Lauriana, Alvaro, tendo obtido a permissão do fidalgo, adiantou-se e com o chapéu na mão foi inclinar-se córando diante da moça.

— Eis-vos de volta, Sr. Alvaro! disse Cecilia com um certo repente, para disfarçar o enleio que tambem sentia: depressa tornastes!

— Menos do que dezejava, respondeu o moço balbuciando; quando o pensamento fica, o corpo tem pressa de voltar-se.

Cecilia córou, e fujiu para junto de sua mãe.

Durante que esta breve sena se passava no meio da esplanada, trez olhares bem diferentes a acompanhavam, e partindo de pontos diversos cruzavam-se sobre essas duas cabeças que brilhavam de beleza e mocidade.

D. Antonio de Mariz, sentado a alguma distancia, considerava aquelle lindo par, e um sorriso intimo de felicidade expandia o seu rosto veneravel.

Ao lonje, Loredano, um pouco retirado dos grupos dos seus companheiros, cravava nos moços um olhar ardente, duro, incizivo; emquanto as narinas dilatadas aspiravam o ar com a delicia da fera que fareja a vitima.

Izabel, a pobre menina, fitava sobre Alvaro os seus grandes olhos negros, cheios de amar-

gura e de tristeza; sua alma parecia coar-se naquelle raio luminoso e ir curvar-se ao pés do moço.

Nem uma das testemunhas mudas desta sena percebeu o que se passava além do ponto para onde converjiam os seus olhares; á exceção do italiano que viu o sorrizo de D. Antonio de Mariz e o compreendeu.

Em quanto isto succedia, D. Diogo que se havia retirado, voltou a saudar Alvaro, e seus companheiros recém-chegados: o moço tinha ainda no rosto a expressão de tristeza que lhe haviam deixado as palavras severas de seu pai.

VII

A prece

A tarde ia morrendo.

O sol declinava no horizonte e deitava-se sobre as grandes florestas, que iluminava com os seus ultimos raios.

A luz frouxa e suave do ocazo, deslizando pela verde alcatifa, enrolava-se como ondas de ouro e de purpura sobre a folhagem das arvores.

Os espinheiros silvestres dezatavam as flores alvas e delicadas; e o ouricory abria as suas palmas mais novas, para receber no seu calice o orvalho da noite. Os animais retardados procuravam a pouzada; enquanto a jurity, chamando a companheira, soltava os arrulhos doces e saudozos com que se despede do dia.

Um concerto de notas graves saudava o pôr do sol, e confundia-se com o rumor da cascata, que parecia quebrar a aspereza de sua quéda, e ceder á doce influencia da tarde.

Era Ave-Maria.

Como é solene e grave no meio das nossas matas a hora misterioza do crepusculo, em que a

natureza se ajoelha aos pés do Creador para murmurar a prece da noite!

Essas grandes sombras das arvores que se estendem pela planície; essas gradações infinitas da luz pelas quebradas da montanha; esses raios perdidos, que, esvazando-se pelo rendado da folhagem, vão brincar um momento sobre a areia; tudo respira uma poesia imensa que enche a alma.

O urutão no fundo da mata solta as suas notas graves e sonoras, que, reboando pelas longas crastas de verdura, vão ecoar ao lonje como o toque lento e pauzado do *angelus*.

A briza, roçando as grimpas da floresta, traz um debil susurro, que parece o ultimo éco dos rumores do dia, ou o derradeiro suspiro da tarde que morre.

Todas as pessoas reunidas na esplanada sentiam mais ou menos a impressão poderosa desta hora solene, e cediam involuntariamente a esse sentimento vago, que não é bem tristeza, mas respeito misturado de um certo temor.

De repente, os sons melancolicos de um clarim prolongaram-se pelo ar quebrando o concerto da tarde; era um dos aventureiros que tocava Ave-Maria.

Todos se descobriram.

D. Antonio de Mariz, adiantando-se até á beira da esplanada para o lado do ocazo, tirou o chapéu e ajoelhou.

Ao redor d'elle vieram grupar-se sua mulher,

as duas moças, Alvaro e D. Diogo; os aventureiros, formando um grande arco de circulo, ajoelharam-se a alguns passos de distancia.

O sol com o seu ultimo reflexo esclarecia a barba e os cabelos brancos do velho fidalgo, e realçava a beleza daquelle busto de antigo cavalheiro.

Era uma sena ao mesmo tempo simples e magestoza a que apresentava essa prece meio christã, meio selvajem; em todos aquelles rostos, iluminados pelos raios de ocazo, respirava um santo respeito.

Loredano foi o unico que conservou o seu sorrizo desdenhozo, e seguia com o mesmo olhar torvo os menores movimentos de Alvaro, ajoelhado perto de Cecilia e embebido em contempla-la, como se ella fosse a divindade a quem dirijia a sua prece.

Durante o momento em que o rei da luz, suspenso no horizonte, lançava ainda um olhar sobre a terra, todos se concentravam em um fundo recolhimento, e diziam uma oração muda, que apenas ajitava impercetivelmente os labios.

Por fim o sol escondeu-se; Ayres Gomes estendeu o mosquete sobre o precipicio, e um tiro saudou o ocazo.

Era noite.

Todos se ergueram; os aventureiros cortejaram e foram-se retirando a pouco e pouco.

Cecilia ofereceu a fronte ao beijo de seu pai

e de sua mãe, e fez uma graciosa mesura a seu irmão e a Alvaro.

Izabel tocou com os labios a mão de seu tio, e curvou-se em face de D. Lauriana para receber uma bençãam lançada com a dignidade e altivez de um abade.

Depois, a familia chegando-se para junto da porta, dispoz-se a passar um desses curtos serões que outr'ora precediam á simples mas succulenta ceia.

Alvaro, em atençaõ a ser o seu primeiro dia de chegada, fõra emprazado pelo velho fidalgo para tomar parte nessa colação da familia, o que havia recebido como um favor imenso.

O que explicava esse apreço e grande valor dado por elle a um tão simples convite, era o regimen cazeiro que D. Lauriana havia estabelecido na sua habitaçaõ.

Os aventureiros e seus chefes viviam n'um lado da caza inteiramente separados da familia; durante o dia corriam os matos e ocupavam-se com a caça ou com diversos trabalhos de cordoagem e marcenaria.

Era unicamente na hora da prece que se reuniam um momento na esplanada, onde, quando o tempo estava bom, as damas vinham tambem fazer a sua oraçaõ da tarde.

Quanto á familia, esta conservava-se sempre retirada no interior da caza durante a semana: o domingo era consagrado ao repouzo, á distraçaõ e á alegria; entãõ dava-se ás vezes um

acontecimento extraordinario como um passeio, uma caçada, ou uma volta em canoa pelo rio.

Já se vê pois a razão por que Alvaro tinha tantos dezejos, como dizia o italiano, de chegar ao *Paquequer* em um sabado, e antes das seis horas; o moço sonhava com a ventura desses curtos instantes de contemplação e com a liberdade do domingo, que lhe ofereceria talvez ocasião de arriscar uma palavra.

Formado o grupo da familia, a conversa travou-se entre D. Antonio de Mariz, Alvaro e D. Lauriana; Diogo ficára um pouco retirado; as moças, timidas, escutavam, e quazi nunca se animavam a dizer uma palavra sem que se dirijissem diretamente a ellas, o que rara vez sucedia.

Alvaro, dezejozo de ouvir a voz doce e argentina de Cecilia, da qual elle tinha saudade pelo muito tempo que não a escutava, procurou um pretexto que a chamasse á conversa.

— Esquecia-me contar-vos, Sr. D. Antonio, disse elle aproveitando-se de uma pausa, um dos incidentes da nossa viagem.

— Qual? Vejamos; respondeu o fidalgo.

— A couza de quatro leguas d'aqui, encontrámos Pery.

— Inda bem! disse Cecilia: ha dois dias que não sabemos noticias delle.

— Nada mais simples, replicou o fidalgo; elle corre todo este sertão.

— Sim! tornou Alvaro, mas o modo por que

o encontrámos é que não vos parecerá tão simples.

— O que fazia então?

— Brincava com uma onça como vós com o vosso veadinho, D. Cecilia.

— Meu Deus! exclamou a moça soltando um grito.

— Que tens, menina? perguntou D. Lauriana.

— É que elle deve estar morto a esta hora, minha mãe.

— Não se perde grande couza, respondeu a senhora.

— Mas eu serei a cauza de sua morte!

— Como assim, minha filha? disse D. Antonio.

— Vêde vós, meu pai, respondeu Cecilia enxugando as lagrimas que lhe saltavam dos olhos; conversava quinta feira com Izabel, que tem grande medo de onças, e brincando, disse-lhe que dezejava ver uma viva!...

— E Pery a foi buscar para satisfazer o teu dezejo; replicou o fidalgo rindo. Não ha que admirar. Outras tem elle feito.

— Porém, meu pai, isto é couza que se faça! A onça deve tel-o morto.

— Não vos assusteis, D. Cecilia; elle saberá defender-se.

— E vós, Sr. Alvaro, porque não o ajudastes a defender-se? disse a moça sentida.

— Oh! se visseis a raiva com que ficou por quereremos atirar sobre o animal!

E o moço contou parte da sena passada na floresta.

— Não ha duvida, disse D. Antonio de Mariz, na sua cega dedicação por Cecilia quiz fazer-lhe a vontade com risco de sua vida. É para mim uma das couzas mais admiraveis que tenho visto nesta terra, o carater desse indio. Desde o primeiro dia que aqui entrou, salvando minha filha, a sua vida tem sido um só ato de abnegação e heroismo. Crêde-me, Alvaro, é um cavalleiro portuguez no corpo de um selvajem!

A conversa continuou; mas Cecilia tinha ficado triste, e não tomou mais parte nella.

D. Lauriana retirou-se para dar as suas ordens; o velho fidalgo e o moço conversaram até oito horas, em que o toque de uma campa no terreiro da caza veiu anunciar a ceia.

Emquanto os outros subiam os degraus da porta e entravam na habitação, Alvaro achou ocasião de trocar algumas palavras com Cecilia.

— Não me perguntais pelo que me ordenastes, D. Cecilia? disse elle a meia voz.

— Ah! sim! trouxestes todas as couzas que vos pedi?

— Todas e mais... disse o moço balbuciando.

— E mais o que? perguntou Cecilia.

— E mais uma couza que não pedistes.

— Esta não quero! respondeu a moça com um lijeiro enfado.

— Nem por vos pertencer já? replicou elle timidamente.

— Não entendo. É uma couza que já me pertence, dizeis?

— Sim; porque é uma lembrança vossa.

— Nesse cazo guardai-a, Sr. Alvaro, disse ella sorrindo, e guardai-a bem.

E fujindo, foi ter com seu pai, que chegava á varanda, e em presença d'elle recebeu de Alvaro um pequeno cofre, que o moço fez conduzir, e que continha as suas encomendas. Estas consistiam em joias, sedas, espiguilhas de linho, fitas, galaçês, hollandas, e um lindo par de pistolas primorozamente embutidas.

Vendo essas armas, a moça soltou um suspiro abafado e murmurou comsigo:

— Meu pobre Pery! Talvez já não te sirvam nem para te defenderes.

A ceia foi longa e pausada, como costumava ser naquelles tempos em que a refeição era uma occupação seria, e a meza um altar que se respeitava.

Durante a colação, Alvaro esteve descontente pela recuza que a moça fizera do modesto presente que elle havia acariciado com tanto amor e tanta esperança.

Logo que seu pai ergueu-se, Cecilia recolheu ao seu quarto, e ajoelhando diante do crucifixo, fez a sua oração. Depois, erguendo-se, foi levantar um canto da cortina da janela e olhar a cabana que se erguia na ponta

do rochedo, e conheceu que estava dezerta e solitaria.

Sentia apertar-se o coração com a idéa de que, por um gracejo, tivesse sido a cauza da morte desse amigo dedicado que lhe salvára a vida, e arriscava todos os dias a sua sómente para fazela sorrir.

Tudo nesta recamara lhe falava delle: suas aves, seus dois amiguinhos que dormiam um no seu ninho e outro sobre o tapete, as penas que serviam de ornato ao apozeno, as peles dos animais que seus pés roçavam, o perfume suave de beijoim que ella respirava; tudo tinha vindo do indio que, como um poeta ou um artista, parecia crear em torno della um pequeno templo dos primores da natureza brasileira.

Ficou assim a olhar pela janela muito tempo; nessa ocazião nem se lembrava de Alvaro, o joven cavalheiro elegante, tão delicado, tão tímido, que córava diante della, como ella diante delle.

De repente a moça estremeceu.

Tinha visto á luz das estrelas passar um vulto que ella reconheceu pela alvura de sua tunica de algodão, e pelas fórmãs esbeltas e flexiveis; quando o vulto entrou na cabana, não lhe restou a menor duvida.

Era Pery.

Sentiu-se aliviada de um grande pezo: e pôde então entregar-se ao prazer de examinar um por um, com toda a atenzão, os lindos objetos

que recebera, e que lhe cauzavam um vivo prazer.

Nisto gastou seguramente meia hora; depois deitou-se, e como já não tinha inquietação nem tristeza, adormeceu sorrindo á imajem de Alvaro, e pensando na magoa que lhe fizera, recusando o seu mimo.

Trez linhas

Tudo estava em socego: apenas quando o vento escasseava, ouvia-se do lado do edificio habitado pelos aventureiros um rumor de vozes abafadas.

A esta hora, havia naquelle lugar trez homens bem diferentes pelo seu carater, pela sua posição e pela sua orijem, que entretanto tinham uma mesma idéa.

Separados pelos costumes e pela distancia, os seus espiritos quebravam essa barreira moral e fisica, e reuniam-se n'um só pensamento, converjindo para um mesmo ponto como os raios de um circulo.

Sigamos pois cada uma das linhas traçadas por essas existencias, que mais cedo ou mais tarde hão de cruzar-se no seu vertice.

N'uma das alpendradas que corriam no fundo da caza, trinta e seis aventureiros cercavam uma longa meza, no meio da qual trascalavam em escudelas de pau algumas peças de caça, já estreadas de uma maneira que fazia honra ao apetite dos convivas.

O catalão não corria nos canjirões de louça e de metal com tanta fartura quanta era de de-zejar; mas em compensação, viam-se aos cantos do alpendre grossas talhas cheias de vinho de cajú e ananaz, onde os aventureiros podiam beber á larga.

O vicio tinha suprido os licores europeus pelas bebidas selvajens; afóra uma pequena diferença de sabor, havia no fundo de todas ellas o alcool que excita o espirito, e produz a embriaguez

A colação começára á meia hora; nos primeiros momentos não se ouviu senão o mastigar dos dentes, os beijos dados aos canjirões, e o ranjer da faca na escudela.

Depois, um dos aventureiros proferiu uma palavra, cuja replica correu immediatamente á roda da meza; a conversa tornou-se uma especie de choro confuzo e discordante.

Foi no meio desta algazarra que um dos convivas, erguendo a voz, lançou estas palavras:

— E vós, Loredano, nada dizeis? Estais aí que não ha modo de vos ouvir uma palavra!

— Certo, acudiu outro, Bento Simões diz verdade; se não é a fome que vos traz mudo, algo tendes, misser italiano.

— Voto a Deus, Martim Vaz, disse um terceiro, que são penares por alguma moçoila que andou requestando em S. Sebastião.

— Tirai-vos lá com os vossos penares, Ruy

Soeiro; achais que Loredano seja homem de se amofinar por couzas de tal jaez?

— E porque não, Vasco Affonso? Todos calçamos pelo mesmo sapato, em que o aperte mais a uns do que a outros.

— Não julgueis os mais por vós, dom namorado; homens ha que trazem seu pensamento empregado em couza de mór valia do que requebros e galanteios.

O italiano conservava-se taciturno, e deixava que os outros o trouxessem á baila, sem dar-se por achado: era facil de ver que elle seguia com afinco uma idéa que lhe trabalhava no espirito.

— Mas, por Deus, continuou Bento Simões, falai-nos do que vistes na vossa viagem, Loredano; apostaria que alguma vos succedeu!

— Ide com o que vos digo, retrucou Ruy Soeiro, misser italiano está penado de amores.

— E por quem, se vos parece? perguntaram alguns.

— Ora! não custa sabe-lo; por aquelle canjição de vinho que aí lhe está fronteiro; não vedes que olhos que lhe deita?

Os aventureiros largaram-se a rir, aplaudindo a lembrança.

Ayres Gomes appareceu á porta do saguão.

— Eia, rapazes? disse elle com uma voz que se esforçava por tornar severa. Leva rumor!

— É um dia de chegada, Sr. escudeiro; e deveis leva-lo em conta: acudiu Ruy Soeiro.

Ayres sentou-se, e começou a fazer as honras a um resto de veado que estava em frente d'elle.

— Olá! vós outros, gritou elle, com a boca cheia, para dois aventureiros que se haviam levantado, ide encher vosso quarto, que já fizestes, e os mais esperam sua vez.

Os dois aventureiros saíram para ir revezar os outros que era costume ficarem de sentinela á noite; medida esta necessaria naquelle tempo.

— Estais hoje muito severo, Sr. Ayres Gomes, disse Martim Vaz.

— Aquelle que dá as ordens, sabe o que faz; a nós cumpre obedecer, respondeu o escudeiro.

— Ah! porque não dizieis isto logo!

— Pois ficareis agora entendidos; boa guarda, que talvez breve tenhamos que ver.

— Venha isso, acudiu Bento Simões, que já me enfastio de atirar ás pacas e porcos do mato.

— E em honra de quem pensais vós que queimaremos breve algumas libras de polvora? perguntou Vasco Affonso.

— Tem que saber isso? Quem, senão os indios, nos dão esta folia?

Loredano ergueu a cabeça.

— Que historias contaes aí? Supondes que os indios nos atacam? perguntou elle.

— Oh! eis misser italiano que acorda; foi preciso cheirar-lhe a chamusco, exclamou Martim Vaz.

A presença de Ayres Gomes, reprimindo a

franca hilaridade dos aventureiros, fez com que fossem uns apóz outros dezamparando a meza, e deixassem o escudeiro na companhia dos canjirões e escudelas.

Loredano levantou-se, fez um gesto a Ruy Soeiro e a Bento Simões; e os trez seguiram juntos até ao meio do terreiro; o italiano murmurou-lhes ao ouvido uma simples palavra:

— Amanhã!

Depois, como se nada se tivesse passado entre elles, os dois aventureiros seguiram cada um de seu lado, e deixaram Loredano continuar o seu caminho até a beira do precipicio.

Do lado oposto, o italiano viu refletir-se sobre as arvores o tenue reflexo da luz que esclarecia o quarto de Cecilia, cujas janelas não podia distinguir por cauza do angulo que formava a esplanada.

Aí esperou.

Alvaro deixando Cecilia, voltára triste e sentido da recuza que sofrera, embora o consolasse a sua ultima palavra, e sobretudo o sorriso que a acompanhou.

Não se podia rezignar á perda desse prazer infinito com que havia contado, de ver nos ornatos da moça uma prenda sua, uma lembrança que lhe dissesse que pensava nelle. Tinha aflagado tanto essa idéa, tinha vivido tanto tempo della, que arranca-la de seu espirito seria um sofrimento cruel.

Emquanto atravessava o espaço que o sepa-

rava do seu apozento, formulou um projeto e tomou uma resolução. Meteu n'uma pequena bolsa de seda uma caixinha de joias; e, envolvendo-se no seu manto, costeou a caza e aproximou-se do pequeno jardim que entestava com o gabinete de Cecilia.

Tambem elle viu a luz das janelas se refletir defronte; e esperou que a noite se adiantasse, e toda a caza dormisse.

Ao tempo que isto se passava, Pery, o indio que já conhecemos, tinha chegado com o seu fardo, tão precioso que não o trocava por um tezouro.

No valado que se estendia á beira do rio, deixou o seu prisioneiro, depois de o ter metido n'uma especie de tronco que arranjou, curvando um galho de arvore. Subiu então á esplanada, e foi nesta ocasião que a moça o viu entrar na sua cabana; o que porém não pôde distinguir, foi a maneira por que saíra quasi logo.

Havia dois dias que não via sua senhora, que não recebia della uma ordem; que não adivinhava um desejo seu para satisfaze-lo imediatamente.

O primeiro pensamento do indio, foi pois ver Cecilia, ou ao menos a sua sombra; entrando na cabana, percebeu como os outros, a restea de luz que coava entre as cortinas da janela.

Suspendeu-se a uma das palmeiras que servia de esteio á choça e por um desses movimentos ajeis que lhe eram tão naturais, de um salto

segurou-se ao galho de um oleo gigante que, elevando-se sobre a encosta fronteira, deitava alguns ramos do lado da caza.

Durante um momento o indio pairou sobre o abismo, balouçando-se no galho fraco que o sustinha: depois equilibrou-se e continuou essa viagem aérea com a mesma segurança e a mesma firmeza com que um velho marinheiro caminha sobre as gaviás e sobre as enxarcias.

Com uma ligeireza extraordinaria ganhou o outro lado da arvore, e, escondido pela folhagem, aproximou-se até um galho que ficava fronteiro das janelas de Cecilia cerca de uma braça. Era nesse mesmo momento que Loredano chegava de um lado e Alvaro de outro, e se collocavam igualmente a alguns passos.

A principio, Pery só teve olhos para ver o que se passava dentro do apozento: Cecilia examinava ainda por uma ultima vez as encomendas que lhe haviam chegado do Rio de Janeiro.

Nessa muda contemplação, o indio esqueceu tudo; que lhe importava o precipicio que se abria a seus pés para traga-lo ao menor movimento, e sobre o qual plainava n'um ramo fraco que vergava e se podia partir a todo o instante!

‘Era feliz; tinha visto sua senhora; ella estava alegre, contente, satisfeita; podia ir dormir e repouzar.

Uma lembrança triste porém o assaltou; vendo os lindos objetos que a moça recebera, pensou

que podia dar-lhe a sua vida, mas que não tinha primores como aquelles para ofertar-lhe.

O pobre selvajem ergueu os olhos ao céu, n'um assomo de dezespero, como para ver se, colocado duzentos palmos acima da terra, sobre as grimpas da arvore, poderia estender a mão e colher estrelas que deitasse aos pés de Cecilia.

Assim, era esse o ponto onde se irradiavam aquellas trez linhas partidas de pontos tão diferentes. De maneira por que estavam collocados, formavam um verdadeiro triangulo, cujo centro era a janela frouxamente iluminada.

Todos elles arriscavam ou iam arriscar sua vida, unicamente para tocarem com a mão o umbral da gelozia : e entretanto nem um pezava o perigo que ia correr ; nem um julgava que sua vida valesse a pena de mercadejar por ella um prazer.

É que as paixões no dezerto, e sobretudo no seio desta natureza grande e majestoza, são verdadeiras epopéas do coração.

IX

Amor

As cortinas da janela cerraram-se ; Cecilia tinha-se deitado.

Junto da inocente menina adormecida na izenção de sua alma pura e virjem, velavam trez sentimentos profundos, palpitavam trez corações bem diferentes.

Em Loredano, o aventureiro de baixa extração, esse sentimento era um dezejo ardente, uma sede de gozo, uma febre que lhe requeimava o sangue ; o instinto brutal dessa natureza vigorosa era ainda aumentado pela impossibilidade moral que a sua condição creava, pela barreira que se elevava entre elle, pobre colono, e a filha de D. Antonio de Mariz, rico fidalgo de solar e braço.

Para destruir esta barreira e igualar as posições, seria necessario um acontecimento extraordinario, um fato que alterasse completamente as leis da sociedade naquelle tempo mais rigozozas do que hoje ; era precizo uma dessas situações em face das quais os individuos, qualquer que seja a sua hierarquia, nobres e parias, ni-

velam-se; e descem ou sobem á condição de homens.

O aventureiro compreendia isto; talvez que o seu espirito italiano já tivesse sondado o alcance dessa idéa; em todo o cazo o que afirmamos é que elle esperava, e esperando vijava o seu tezouro com um zelo e uma constancia a toda a prova; os vinte dias que passára no Rio de Janeiro tinham sido verdadeiro suplicio.

Em Alvaro, cavalheiro delicado e cortez, o sentimento era uma afeição nobre e pura, cheia da gracioza timidez que perfuma as primeiras flores do coração, e do entusiasmo cavalheiresco que tanta poezia dava aos amores daquelle tempo de crença e lealdade.

Sentir-se perto de Cecilia, vê-la e trocar alguma palavra a custo balbuciada; córarem ambos sem saberem porque, e fugirem dezejando encontrar-se; era toda a historia desse afeto innocente, que se entregava descuidozamente ao futuro, librando-se nas azas da esperança.

Nesta noite Alvaro ia dar um passo que na sua habitual timidez, elle comparava quazi com um pedido formal de cazamento; tinha rezolvido fazer a moça aceitar mau grado seu o mimo que recuzára, deitando-o na sua janela; esperava que encontrando-o no dia seguinte, Cecilia lhe perdoaria o seu ardimento, e conservaria a sua prenda.

Em Pery o sentimento era um culto, especie de idolatria fanatica, na qual não entrava um

só pensamento de egoismo; amava Cecilia não para sentir um prazer, ou ter uma satisfação, mas para dedicar-se inteiramente a ella, para cumprir o menor dos seus dezejos, para evitar que a moça tivesse um pensamento que não fosse immediatamente uma realidade.

Ao contrario dos outros elle não estava ali, nem por um ciume inquieto, nem por uma esperança rizonha; arrostava a morte unicamente para ver se Cecilia estava contente, feliz e alegre: se não dezejava alguma couza que elle adivinharia no seu rosto, e iria buscar nessa mesma noite, nesse mesmo instante.

Assim o amor se transformava tão completamente nessas organizações, que apresentava trez sentimentos bem distintos; um era uma loucura, o outro uma paixão, o ultimo uma religião.

Loredano dezejava; Alvaro amava: Pery adorava. O aventureiro daria a vida para gozar: o cavalheiro arrostaria a morte para merecer um olhar: o selvajem se mataria, se preciso fosse, só para fazer Cecilia sorrir.

Entretanto nenhum desses trez homens podia tocar a janela da moça, sem correr um risco iminente; e isto pela posição em que se achava o quarto de Cecilia.

Embora o alicerce e a parede corressem a uma braça de distancia da ribanceira, D. Antonio de Mariz para defender esta parte do edificio tinha feito construir um respaldo que se abai-

xava da precinta das janelas, até a beira da esplanada: era impossível pois caminhar sobre esse plano inclinado, cuja face liza e polida não oferecia nenhuma aderção ao pé mais firme e mais seguro.

Abaixo da janela abria-se a rocha cortada a pique e formava um valado profundo, coberto por um docel verde de trepadeiras e cipós que servia de habitação a todos esses reptis de mil formas que pululam na sombra e na humidade.

Assim o homem que se precipitasse do alto da esplanada nessa fenda larga e funda, se por um milagre não se espedaçasse nas pontas da rocha, seria devorado em um momento pelas cobras e insetos venenozos que enchiam essas grotas e alcantis.

Havia alguns instantes que a cortina da janela se tinha cerrado; apenas uma luz vaga e mortíça dezenhava na folhagem verde-negra do oleo o quadro da janela.

O italiano que tinha os olhos fitos nesse reflexo como em um espelho, onde revia todas as imagens de sua louca paixão, estremeceu de repente. Na claridade debuxava-se uma sombra mobil; um homem se aproximava da janela.

Palido, com os olhos ardentes e os dentes cerrados, pendido sobre o precipicio seguia as menores evoluções da sombra.

Viu um braço que se estendia para a janela, e a mão que deixava no parapeito um objeto

só pensamento de egoismo; amava Cecilia não para sentir um prazer ou ter uma satisfação, mas para dedicar-se inteiramente a ella, para cumprir o menor dos seus desejos, para evitar que a moça tivesse um pensamento que não fosse immediatamente uma realidade.

Ao contrario dos outros elle não estava ali, nem por um ciume inquieto, nem por uma esperança risonha; arrostando a morte unicamente para ver se Cecilia estava contente, feliz e alegre: se não dezechava alguma couza que elle adivinharia no seu rosto, e iria buscar nessa mesma noite, nesse mesmo instante.

Assim o amor se transformava tão completamente nessas organizações, que apresentava trez sentimentos bem distintos; um era uma loucura, o outro uma paixão, o ultimo uma religião.

Loredano dezechava; Alvaro amava: Pery adorava. O aventureiro daria a vida para gozar: o cavalheiro arrostaría a morte para merecer um olhar: o selvagem se mataria, se preciso fosse, só para fazer Cecilia sorrir.

Entretanto nenhum desses trez homens podia tocar a janela da moça, sem correr um risco iminente; e isto pela posição em que se achava o quarto de Cecilia.

Embora o alicerce e a parede corressem a uma braça de distancia da ribanceira, D. Antonio de Mariz para defender esta parte do edificio tinha feito construir um respaldo que se abai-

xava da precinta das janelas até á beira da esplanada: era impossivel pois caminhar sobre esse plano inclinado, cuja face liza e polida não oferecia nenhuma adegão ao pé mais firme e mais seguro.

Abaixo da janela abria-se a rocha cortada a pique e formava um valado profundo, coberto por um docel verde de trepadeiras e cipós que servia de habitação a todos esses reptis de mil fôrmas que pululam na sombra e na humidade.

Assim o homem que se precipitasse do alto da esplanada nessa fenda larga e funda, se por um milagre não se espedaçasse nas pontas da rocha, seria devorado em um momento pelas cobras e insetos venenozos que enchiam essas grotas e alcantis.

Havia alguns instantes que a cortina da janela se tinha cerrado; apenas uma luz vaga e mortiça deenhava na folhagem verde-negra do oleo o quadro da janela.

O italiano que tinha os olhos fitos nesse reflexo como em um espelho, onde revia todas as imagens de sua louca paixão, estremeceu de repente. Na claridade debuxava-se uma sombra mobil; um homem se aproximava da janela.

Palido, com os olhos ardentes e os dentes cerrados, pendido sobre o precipicio seguia as menores evoluções da sombra.

Viu um braço que se estendia para a janela, e a mão que deixava no parapeito um objeto

qualquer, mas tão pequeno que não se percebia a fôrma. Pela manga larga do gibão, ou antes pelo instinto, o italiano adivinhou que este braço pertencia a Alvaro; e compreendeu o que esta mão havia deitado na janela.

E não se enganava.

Alvaro, segurando-se a uma estaca do jardim e pondo um pé sobre o respaldo, cozeu o corpo á parede; inclinando conseguiu realizar o seu intento.

Depois voltou partilhado entre o receio da ação que praticára, e a esperança de que Cecilia lhe perdoaria.

Loredano apenas viu desaparecer a sombra, e ouviu os ecos dos passos do moço, que se repercutiam surdamente no fundo do precipicio, sorriu. Sua pupila fulva brilhou na treva, como os olhos da hirára.

Tirou a sua adaga e cravou-a na parede tão lonje quanto lhe permitiu a curva que o braço era obrigado a fazer para abarcar o angulo.

Suspendendo-se então a este fraco apoio pôde gálgar o respaldo e aproximar-se da janela; á menor indecizão, ao menor movimento, bastava que o pé lhe faltasse, ou que o punhal vacilasse no cimento para precipitar-se com a cabeça sobre as pedras.

Emquanto isto se passava, Pery sentado tranquilamente no galho do oleo, e escondido pela folhagem, assistia imovel a toda esta sena.

Logo que Cecilia cerrou as cortinas da janela,

o indio vira os dois homens que colocados á direita e á esquerda pareciam esperar.

Esperou tambem, curiozo de saber o que se ia passar; mas rezolvido se fosse preciso a lançar-se de um pulo sobre aquelle que ouzasse fazer a menor violencia, e a caírem ambos do alto da esplanada. Tinha reconhecido Alvaro e Loredano; desde muito tempo que conhecia o amor do cavalheiro por Cecilia; mas sobre o italiano nunca tivera a menor suspeita.

O que podiam querer estes dois homens? Que vinham elles fazer ali naquella hora silencioza da noite?

O movimento de Alvaro explicou-lhe parte do enigma; o de Loredano ia fazer-lhe comprehender o resto.

Com efeito, o italiano que se aproximára da janela conseguiu com um esforço fazer cair o objeto que Alvaro aí tinha deixado, no fundo do precipicio. Feito isto voltou do mesmo modo, e retirou-se saboreando o prazer dessa vingança simples; mas cujo alcance elle previa.

Pery não se moveu.

Tinha comprehendido com a sua sagacidade natural o amor de um e o ciume do outro; e formulou na sua intelligencia selvajem e na sua adoração fanatica um pensamento, que para elle era muito simples.

Se Cecilia julgasse que isto devia ser assim, pouco lhe importava o mais; porém, se o que tinha visto lhe cauzasse uma sombra de tristeza,

e empanasse um momento o brilho de seus olhos azues, então era diferente. O índio sacrificaria tudo, antes do que consentir que um pezar anuviasse o rostinho faceiro de sua bela senhora.

Assim tranquilizado por esta idéa, ganhou a cabana e dormiu sonhando que a lua lhe mandava um raio de sua luz branca e assetinada para dizer-lhe que protegesse sua filha na terra.

E com efeito, a lua se elevava sobre a cupola das arvores, e iluminava a fachada do edificio.

Então quem se aproximasse de uma das janelas que ficavam na extrema do jardim, veria na penumbra do portal um vulto imovel.

Era Izabel que velava pensativa, enxugando de vez em quando uma lagrima que lhe desfiava pela face.

Pensava no seu amor infeliz, na solidão de sua alma, tão erma de recordações doces, de esperanças queridas. Toda essa tarde fôra um martirio para ella; vira Alvaro falar a Cecilia, adivinhára quazi as suas palavras. A poucos momentos tinha percebido a sombra do moço que atravessára a esplanada, e sabia que não era por sua cauza que elle passava.

De vez em quando seus labios tremiam e deixavam escapar-se algumas palavras imperceptiveis:

— Se eu quizesse

Tirava do seio uma redoma de ouro, sob cuja tampa de cristal se via um anel de cabelos que se enroscava no estreito aro de metal.

O que havia dentro desta redoma, de tão poderoso, de tão forte, que justificasse aquella exclamação, e o olhar brilhante que iluminava a pupila negra de Izabel?

Seria um segredo, um desses segredos terribes que mudam de repente a face das couzas, e fazem surtir o passado para esmagar o presente?

Seria algum tezouro inestimavel e fabuloso, a cuja sedução a natureza humana não devia rezistir?

Seria uma arma poderosa e invencivel, contra a qual não houvesse defeza possivel senão em um milagre da Providencia?

Era o pó subtil do *curari*, o veneno terrivel dos selvajens.

Izabel colou os labios no cristal com uma especie de delirio.

— Minha mãe?... minha mãe!...

Um soluço rompeu-lhe o seio.

Ao alvorecer

No dia seguinte, ao raiar da manhã, Cecilia abriu a portinha do jardim e aproximou-se da cerca.

— Pery! disse ella.

O indio appareceu á entrada da cabana; correu alegre, mas timido e submisso.

Cecilia sentou-se n'um banco de relva; e a muito custo conseguiu tomar um arzinho de severidade, que de vez em quando quazi traía-se por um sorrizo teimozo que lhe queria fujir dos labios.

Fitou um momento no indio os seus grandes olhos azues com uma expressão de doce reprehensão; depois disse-lhe em um tom mais de queixa do que de rigor:

— Estou muito zangada com Pery!

O semblante do selvajem anuviou-se.

— Tu, senhora, zangada com Pery! Porque?

— Porque Pery é mau e ingrato; em vez de ficar perto de sua senhora, vai caçar em risco de morrer! disse a moça resentida.

— Cecy dezejou ver uma onça viva!

— Então não posso gracejar? Basta que eu dezeje uma couza para que tu corras atraz della como um louco?

— Quando Cecy acha bonita uma flor, Pery não vai buscar? perguntou o indio.

— Vai, sim.

— Quando Cecy ouve cantar o soffrer, Pery não o vai procurar?

— Que tem isso?

— Pois Cecy dezejou ver uma onça, Pery a foi buscar.

Cecilia não pôde reprimir um sorrizo ouvindo esse silojisimo rude, a que a linguagem sinjela e conciza do indio dava uma certa poezia e originalidade.

Mas estava rezolvida a conservar a sua severidade, e ralhar com Pery por cauza do susto que lhe havia feito na vespera.

— Isto não é razão, continuou ella; por ventura um animal feroz é a mesma couza que um passaro, e apanha-se como uma flor?

— Tudo é o mesmo, desde que te cauza prazer, senhora.

— Mas então, exclamou a menina com um assomo de impaciencia, se eu te pedisse aquella nuvem?...

E apontou para os brancos vapores que passavam ainda envolvidos nas sombras palidas da noite.

— Pery ia buscar.

— A nuvem? perguntou a moça admirada.

— Sim, a nuvem.

Cecilia pensou que o indio tinha perdido a cabeça; elle continuou:

— Sómente como a nuvem não é da terra e homem não pôde toca-la, Pery morria e ia pedir ao Senhor do céu a nuvem para dar a Cecy.

Estas palavras foram ditas com a simplicidade com que fala o coração.

A menina que um momento duvidára da razão de Pery, compreendeu toda a sublime abnegação, toda a delicadeza de sentimento dessa alma inculta.

A sua finjida severidade não pôde mais resistir; deixou pairar nos seus labios um sorriso divino.

— Obrigada, meu bom Pery! Tu és um amigo dedicado; mas não quero que arrisques tua vida para satisfazer um capricho meu; e sim que a conserves para me defenderes como já fizeste uma vez.

— Senhora, não está mais zangada com Pery?

— Não; apesar de que devia estar, porque Pery hontem fez sua senhora aflijir-se cuidando que elle ia morrer.

— E Cecy ficou triste? exclamou o indio.

— Cecy chorou! respondeu a menina com uma graciosa injenuidade.

— Perdôa, senhora!

— Não só te perdôo, mas quero tambem fazer-te o meu presente.

Cecilia correu ao seu quarto e trouxe o rico

par de pistolas que havia encomendado a Alvaro.

— Olha! Pery não dezejava ter umas?

— Muito!

— Pois aqui tens! Tu não as deixarás nunca porque são uma lembrança de Cecilia, não é verdade?

— Oh! o sol deixará primeiro a Pery, do que Pery a ellas.

— Quando correres algum perigo, lembra-te que Cecilia as deu para defenderem e salvarem a tua vida.

— Porque é tua, não é, senhora?

— Sim, porque é minha, e quero que a conserves para mim.

O rosto de Pery irradiava com o sentimento de um gozo imenso, de uma felicidade infinita; meteu as pistolas na cinta de penas e ergueu a cabeça orgulhozo, como um rei que acabasse de receber a unção de Deus.

Para elle essa menina, esse anjo louro, de olhos azues, representava a divindade na terra; admira-la, faze-la sorrir, vê-la feliz, era o seu culto; culto santo e respeitoso em que o seu coração vertia os tezouros de sentimento e poesia que transbordavam dessa natureza virjem.

Izabel entrou no jardim; a pobre menina tinha velado toda a noite, e seu rosto parecia conservar ainda os traços de algumas dessas lagrimas ardentes que escaldam o seio e requeimam as faces.

A moça e o indio nem se olharam; odiavam-se mutuamente; era uma antipatia que começára desde o momento em que se viram, e que cada dia aumentava.

— Agora, Pery, Izabel e eu vamos ao banho.

— Pery te acompanha, senhora?

— Sim; mas com a condição de que Pery ha estar muito quieto e socegado.

A razão por que Cecilia impunha esta condição, só podia bem compreender quem tivesse assistido a uma das senas que se passavam quando as duas moças iam banhar-se, o que succedia quazi sempre ao domingo.

Pery, com o seu arco, companheiro inseparavel, e arma terrivel na sua mão dextra, sentava-se lonje á beira do rio n'uma das pontas mais altas do rochedo ou no galho de alguma arvore, e não deixava ninguem aproximar-se n'um raio de vinte passos do lugar onde as moças se banhavam.

Quando algum aventureiro por acazo transpunha esse circulo que o indio traçava com o olhar em redor de si, Pery na posição sobranceira em que se collocára o percebia immediatamente.

Então se o descuidado caçador sentia o seu chapéu ornar-se de repente com uma pena vermelha que voava pelos ares sibilando; se via uma seta arrebatá-lhe o fruto que elle estendia a mão para colher; se parava assustado diante de uma longa flexa emplumada que despedida por elevação vinha cair-lhe a dois passos da

frente como para embargar-lhe o caminho e servir de baliza; não se admirava.

Compreendia imediatamente o que isto queria dizer; e pelo respeito que todos votavam a D. Antonio de Mariz e á sua familia, arripiava caminho; e voltava lançando uma jura contra Pery que lhe crivára o chapéu, e o obrigára a encoller a mão de susto.

E fazia bem em voltár, porque o indio com o seu zelo ardente não duvidaria vazar-lhe os olhos para evitar que chegando-se á beira do rio, visse a moça a banhar-se nas aguas.

Entretanto Cecilia e sua prima tinham o costume de banhar-se vestidas com um traje feito de ligeira estamena que ocultava inteiramente sob a côr escura as fórmãs do corpo, deixando-lhes os movimentos livres para nadarem.

Mas Pery entendia que apesar disto seria uma profanação consentir que um olhar de quem quer que fosse visse a *senhora* no seu traje de banho; nem mesmo o delle que era seu escravo, e por conseguinte não podia ofende-la, a ella que era o seu unico Deus.

Emquanto porém o indio mantinha assim pela certeza de sua vista rapida, e pela projecção das suas flexas esse circulo impenetravel para quem quer que fosse, não deixava de olhar com uma atenção escrupuloza a corrente e as margens do rio.

O peixe que beijava a flor da agua, e que podia ir ofender a moça; uma cobra verde ino-

cente que se enroscava pelas folhas dos aguarapés; um cameleão que se aquecia ao sol fazendo sintillar o seu prisma de côres brilhantes; um sagui branco e felpudo que se divertia a fazer caretas maliciozas suspendendo-se pela cauda ao galho de uma arvore; tudo quanto podia ir causar um susto á moça, o indio fazia fugir se estava lonje e se estava perto pregava o animal imovel sobre o tronco ou sobre o chão.

Se um ramo arrastado pela corrente passava, se um pouco do limo das aguas despegava-se da margem pedregosa do rio, se o fruto de uma sapucaia pendida sobre o *Paquequer* estalava prestes a cair, o indio, veloz como o tiro do seu arco, lançava-se e retinha o coco no meio da sua queda, ou precipitava-se n'agua e apanhava os objetos que boiavam.

Cecilia podia ser ofendida pelo tronco que a correnteza carregava, pela fruta que caía; podia assustar-se com o contato do limo julgando ser uma cobra; e Pery não perdoaria a si mesmo a mais leve magoa que a moça sofresse por falta de cuidado seu.

Emfim elle estendia ao redor della uma vigilancia tão constante e infatigavel, uma proteção tão inteligente e delicada, que a moça podia descansar, certa de que se sofresse alguma couza seria porque todo o poder do homem fôra impotente para a evitar.

Eis pois a razão porque Cecilia recomendava a Pery que estivesse quieto e socegado; é ver-

dade que ella sabia que essa recomendação era sempre inutil, e que o indio faria tudo para que uma abelha sequer não viesse beijar os seus labios vermelhos confundindo-os com uma flor de pequiá.

Quando as duas moças atravessaram a esplanada, Alvaro passeava junto da escada.

Cecilia saudou de passagem com um sorriso ao joven cavalheiro; e desceu ligeiramente seguida por sua prima.

Alvaro que tinha procurado ler-lhe nos olhos e no rosto o perdão de sua loucura da vespera, e nada havia percebido que acabasse com o seu receio, quiz seguir a moça, e falar-lhe.

Voltou-se para ver se alguem estava ali que reparasse no que ia fazer, e deu com o italiano que a dois passos d'elle o olhava com um dos seus sorrisos sarcasticos.

— Bom dia, Sr. cavalheiro.

Os dois inimigos trocaram um olhar que se cruzára como laminas de aço que roçassem uma na outra.

Nesse momento Pery se aproximava lentamente delles, carregando uma das pistolas que Cecilia lhe havia dado a alguns minutos.

O indio parou, e com um ligeiro sorriso de uma expressão indefinivel tomou as pistolas pelo cano, e apresentou-as uma a Alvaro e outra a Loredano.

Ambos compreenderam o gesto e o sorriso; ambos sentiram que tinham cometido uma im-

prudencia, e que o espirito perspicaz do selvagem havia lido nos seus olhos um odio profundo, e talvez que a cauza desse odio.

Voltaram-se fingindo não ter visto o movimento.

Pery levantou os hombros e metendo as pistolas na cinta passou entre elles com a cabeça alta, o olhar sobranceiro, e acompanhou sua senhora.

XI

No banho

Descendo a escada de pedra da esplanada Cecilia perguntava á sua prima :

— Dize-me uma couza, Izabel; porque é que tu não falas ao Sr. Alvaro?

Izabel estremeceu.

— Tenho reparado, continuou a menina, que nem mesmo respondes á cortezia que elle nos faz.

— Que elle te faz, Cecilia, replicou a moça docemente.

— Confessa que não gostas delle. Tens-lhe antipatia?

A moça calou-se.

— Não falas?... olha que então vou pensar outra couza! continuou Cecilia galanteando.

Izabel empalideceu; e levando a mão ao coração para comprimir as pulsações violentas, fez um esforço supremo e arrancou algumas palavras que pareciam queimar-lhe os labios:

— Bem sabes que o aborreço!...

Cecilia não viu a alteração da fisionomia de sua prima, porque tendo chegado á baixa nesse

momento, esquecera a conversa, e começara a brincar com uma alegria infantil sobre a relva.

Mas ainda que visse a perturbação da moça, e o choque que ella tinha sentido, de certo attribuiria isto a qualquer outro motivo, menos ao verdadeiro.

A afeição que tinha a Alvaro lhe parecia tão inocente, tão natural, que nunca se lembrára que devia um dia passar daquillo que era; isto é, de um prazer que fazia sorrir, e de um enleio que fazia córar.

Esse amor pois, era amor, não podia conhecer o que se passava n'alma de Izabel; não podia comprehender a sublime mentira que os labios da moça acabavam de proferir.

Quanto a Izabel, temendo traír o seu segredo, tinha arrancado do seu coração cheio de amor essa palavra de odio, que para ella era quasi uma blasfemia.

Mas antes isso do que revelar o que se passava em sua alma; esse misterio, essa ignorancia que envolvia o seu amor, e o escondia a todos os olhos, tinha para ella uma voluptuosidade inexprimivel.

Podia assim fitar horas e horas o moço, sem que elle o percebesse, sem o incomodar talvez com a prece muda do olhar suplicante; podia rever-se em sua alma sem que um sorriso de desdem ou de zombaria a fizesse sofrer.

O sol vinha nascendo.

O seu primeiro raio espreguiçava-se ainda

pelo céu anilado, e ia beijar as brancas nuvemzinhas que corriam ao seu encontro.

Apenas a luz branda e suave da manhã esclarecia a terra e surpreendia as sombras indolentes que dormiam sob as copas das arvores.

Era a hora em que o cactus, a flor da noite, fechava o seu calice cheio das gotas do orvalho com que distila o seu perfume, temendo que o sol crestasse a alvura diafana de suas petalas.

Cecilia com a sua graça de menina travessa corria sobre a relva ainda humida colhendo uma graciola azul que se embalançava sobre a haste, ou um malvaisco que abria os lindos botões escarlates.

Tudo para ella tinha um encanto inexprimivel; as lagrimas da noite que tremiam como brilhantes das folhas das palmeiras; a borboleta que ainda com as azas entorpecidas esperava o calor do sol para reanimar-se; a viuvinha que escondida na ramagem avizava o companheiro que o dia vinha raiando; tudo lhe fazia soltar um grito de surpresa e de prazer.

Emquanto a menina brincava assim pela varzea, Pery, que a seguia de lonje, parou de repente tomado por uma idéa que lhe fez correr pelo corpo um calafrio: lembrára-se do tigre.

De um pulo sumiu-se n'uma grande moita de arvoredos que se elevava a alguns passos; ouviu-se um ruído abafado, um grande farfalhar de folhas que se espedaçavam, e o indio appareceu.

Cecilia tinha-se voltado um pouco tremula:

— Que é isto, Pery ?

— Nada, senhora.

— É assim que prometeste estar quieto ?

— Cecy não se ha de zangar mais.

— Que queres tu dizer ?

— Pery sabe ! respondeu o indio sorrindo.

Na vespera tinha provocado uma luta espantosa para domar e vencer um animal feroz, e deital-o submisso e inofensivo aos pés da moça, julgando que isso lhe cauzava um prazer.

Agora estremecendo com o susto que sua senhora podia sofrer, destruíra, em um instante essa ação de heroismo, sem proferir uma palavra que a revelasse. Bastava que elle soubesse o que tinha feito, e o que todos deviam ignorar, bastava que sua alma sentisse o orgulho da nobre dedicação que se expandia no sorriso de seus labios.

As moças que estavam bem lonje de saber até que ponto tinha chegado a loucura de Pery, e que não julgavam possivel que um homem pudesse fazer o que elle tinha feito, não compreenderam nem a fraze, nem o sorriso.

Cecilia tinha chegado a uma latada de jasmíneos que havia á borda d'agua, e que lhe servia de caza de banho ; era um dos trabalhos do indio, que o havia arranjado com aquelle cuidado e esmero que punha em satisfazer as vontades da menina.

Pery já tinha ganho a margem do rio, e estava lonje ; Izabel sentou-se na relva.

Então afastando as ramas dos jasmineiros que ocultavam inteiramente a entrada, Cecilia penetrou naquelle pequeno pavilhão de verdura, e examinou se as folhas estavam bem embastidas, se não havia alguma fresta por onde o olhar do dia penetrasse.

A inocente menina tinha vergonha até do raio de luz que podia vir espiar os tezouros de beleza que ocultava a cambraia de suas roupa-jens..

Assim, foi depois desse exame escrupulozo, e ainda córando de si mesma, que começou o seu vestuario de banho. Mas quando o corpinho da anagoa caíndo descobriu suas alvas espaduas e seu colo puro e suave, a menina quazi morreu de pejo e de susto. Um passarinho escondido entre as folhas, um garrulo travesso e maliciozo, gritára distintamente: — *Bem te vi!*

Cecilia riu-se do susto que tivera, e acabou o seu vestuario de banho que a cobria toda, deixando apenas nús os braços e o pézinho de menina.

Atirou-se á agua como um passarinho: Izabel, que a acompanhára por prazer, ficou sentada á beira do rio.

Como Cecilia estava bela nadando sobre as aguas limpidas da corrente, com seus cabelos louros soltos, e os braços alvos que se curvavam graciosamente para imprimir ao corpo um doce movimento! Parecia uma dessas garças brancas, ou colhereiras de rozea côr que deslizam man-

samente á flor do lago, nas tardes serenas, espelhando-se no cristal das aguas.

A's vezes a linda menina deitava-se de bruços e sorrindo ao céu azul ia levada pela corrente; ou perseguia os jassanans e marrecas que fugiam diante della. Outras vezes Pery que estava distante do lado superior do rio, colhia alguma flor parazita que deitava sobre um barquinho feito de uma casca de pau e que vinha trazido pela correnteza.

A menina perseguia o barquinho a nado, apanhava a flor, e ia oferece-la na pontinha dos dedos a Izabel, que desfolhando-a tristemente murmurava as palavras cabalisticas com que o coração procura iludir-se.

Em vez porém de consultar o presente, perguntava o futuro, porque sabia que o presente não tinha esperanças para ella, e se a flor dissesse o contrario mentia.

Havia meia hora que Cecilia estava no banho, quando Pery, que colocado sobre uma arvore não deixava de lançar o olhar ao redor de si viu na margem oposta as guaximas se ajitarem.

A ondulação produzida nos arbustos foi-se estendendo como um caracol, e aproximando-se do lugar onde a moça se banhava, até que parou detraz de umas grandes pedras que havia á beira do rio.

Do primeiro lançaõ d'olhos o indio conheceu que o largo sulco traçado entre as hastes ver-

des do arvoredo não podia deixar de ser produzido por um animal de grande corpulencia.

Seguiu rapidamente pelos ramos das arvores, atravessou o rio sobre essa ponte aérea, e conseguiu escondido pelas folhas colocar-se perpendicularmente ao lugar onde ainda se fazia sentir a oscilação dos arbustos.

Viu então sentados entre as guaximas dois selvajens, mal cobertos por uma tanga de penas amarelas, que com o arco esticado e a flexa a partir, esperavam que Cecilia passasse diante da fresta que formavam as pedras para despedirem o tiro.

E a menina descuidada e tranquila já tinha estendido o braço, e ferindo a agua passava sorrindo por diante da morte que a ameaçava.

Se se tratasse de sua vida, Pery teria sangue frio; mas Cecilia corria um perigo, e portanto não refletiu, não calculou.

Deixou-se cair como uma pedra do alto da arvore: as duas flexas que partiam, uma cravou-se-lhe no hombro, a outra, roçando-lhe pelos cabelos, mudou de direção.

Ergueu-se então, e sem mesmo dar-se ao trabalho de arrancar a seta, de um só movimento tomou á cinta as pistoas que tinha recebido de sua senhora, e despedaçou a cabeça dos selvajens.

Ouviram-se dois gritos de susto que partiam da marjem oposta, e quazi logo a voz tremula e colerica de Cecilia que chamava:

— Peryl...

Elle beijou as pistolas ainda fumegantes e ia responder, quando a dois passos surtiu de entre a touça o vulto de uma india que sumiu-se ligeiramente no mato.

Enfiou um olhar pela fresta, e julgando Cecilia já fóra do banho e em lugar seguro, lançou-se atraz da india que já lhe levava um grande avanço.

Uma larga fita vermelha que escapava da ferida tinjia a sua alva tunica de algodão; Pery sentiu-se vacilar de repente e apertou com desespero o coração como para reter o sangue que espadanava.

Foi um momento de luta terrível entre o espirito e a materia, entre a força da vontade e o poder da natureza.

O corpo desfalecia, os joelhos se dobravam, e Pery erguendo os braços como para agarrar-se á cupola das arvores, estorcendo os musculos para manter-se em pé, lutava debalde com a fraqueza que se apoderava d'elle.

Debateu-se um momento contra a poderosa gravitação que o vergava para a terra; mas era homem, e tinha de ceder á lei da criação. Entretanto succumbindo o valente indio rezistia sempre: e vencido parecia querer lutar ainda.

Não caiu, não; quando a força lhe faltou de todo, foi-se lentamente retraíndo e tocou a terra com os joelhos.

Mas então lembrou-se de Cecilia, de sua se-

nhora a quem tinha de vingar, e para quem devia viver a fim de salva-la, e de velar sobre ella. Fez um esforço supremo: contraíndo-se conseguiu reerguer-se: deu dois passos vacilantes, gyrou no ar e foi bater de encontro a uma arvore com a qual se abraçou convulsivamente.

Era uma cabuiba de alta grandeza que se elevava pelo cimo da floresta, e de cujo tronco cinzento borbulhava um oleo côr de opala que desfiava em lagrimas.

O suave aroma que rescendia dessas gotas fez o indio abrir os olhos amortecidos, que se iluminaram de uma brilhante irradiação de felicidade. Colou ardentemente os labios no tronco, e sorveu o oleo, que entrou no seu seio como um balsamo poderoso.

Sentiu-se renascer.

Estendeu o oleo sobre a ferida, estancou o sangue e respirou.

Estava salvo.

XII

A onça

Voltemos a caza.

Loredano, depois do movimento de Pery, tinha acompanhado com os olhos a Alvaro, o qual seguiu pela borda da esplanada para ver Cecilia que se dirijia ao rio.

Apenas o moço dobrou o angulo que formava o rochedo, o italiano desceu a ladeira rapidamente, e meteu-se pelo mato.

Poucos instantes se tinham passado quando Ruy Soeiro appareceu na esplanada, ganhou a baixa, e entranhou-se por sua vez na floresta.

Bento Simões imitou-o com pequeno intervalo, e guiando-se por alguns talhos frescos que viu nas arvores, tomou na mesma direção.

O pateo ficou dezerto.

Decorreu cerca de meia hora: a caza tinha aberto todas as suas janelas para receber o ar puro da manhã, e as emanações saudaveis dos campos; um ligeiro penacho de fumo alvadio corroava o tubo da chaminé, annunciando que os trabalhos cazeiros haviam começado.

De repente ouviu-se um grito no interior da

habitação; todas as portas e janelas do edificio fecharam-se com um estrepito e uma rapidez, como se um inimigo caísse de assalto.

Pela fresta de uma janela entre-aberta appareceu o rosto de D. Lauriana, palida e com os cabellos sem estarem riçados, o que era uma couza extraordinaria.

— Ayres Gomes!... O escudeiro!... Chamem Ayres Gomes! Que venha já! gritou a dama.

A janela fechou-se de novo com o ferrolho.

A personagem que já conhecemos pouco tardou, e atravessando a esplanada dirigiu-se á caza, sem comprehender a razão porque áquella hora com sol alto ainda toda a habitação parecia dormir.

— Fizestes-me chamar! disse elle chegando-se á janela.

— Sim; estais armado? perguntou D. Lauriana por detraz da porta.

— Tenho a minha espada; mas que novidade ha?

A fizionomia decomposta de D. Lauriana appareceu de novo na fresta da janela.

— A onça! Ayres Gomes!... A onça!...

O escudeiro deu um salto prodigioso julgando que o animal de que se falava ia saltar-lhe ao cangote, e sacou da espada pondo-se em guarda.

A dama vendo o movimento do escudeiro supoz que a onça atirava-se á janela, e caiu de joelhos murmurando uma oração ao santo advogado contra as feras.

Alguns minutos se passaram assim; D. Lauriana rezando; e Ayres Gomes rodando no pateo como um corropio, com receio de que a onça não o atacasse pelas costas, o que além de ser uma vergonha para um homem de armas da sua tempera, seria um pouco dezagradavel para sua saude.

Por fim, de pulo em pulo o escudeiro conseguiu ganhar de novo a parede do edificio e encostar-se nella, o que o tranquilizou completamente; pela frente não havia inimigo que o fizesse pestanejar.

Então batendo com a folha da espada na hombreira da janela disse em voz alta:

— Explicar-me-eis que onça é essa de que falais, Sra. D. Lauriana; ou estou cego, ou não vejo aqui sombra de semelhante animal.

— Estais bem certo disso, Ayres Gomes? disse a dama reerguendo-se.

— Se estou certo! Assegurai-vos com os vossos proprios olhos.

— É verdade! Mas em alguma parte ha de estar!

— E porque quereis vós á fina força que aqui esteja uma onça, Sra. D. Lauriana? disse o escudeiro um tanto impacientado.

— Pois não sabeis? exclamou a dama.

— O que, senhora?

— Aquelle bugre endemoninhado não se lembrou de trazer hontem uma onça viva para a caza!

— Quem, o perro do cacique?

— É quem mais senão aquelle cão tinhozo!

— É das que elle costuma fazer!

— Viu-se já uma couza semelhante, Ayres Gomes!

— Mas a culpa não tem elle!

— Quero ver se o Sr. Mariz ainda teima em guardar essa boa joia.

— E que é feito da féra, Sra. D. Lauriana?

— Algures deve estar. Procurai-a, Ayres; corram tudo, matem-n'a, e tragam-m'a aqui.

— É dito e feito, respondeu o escudeiro correndo tanto quando lhe permitiam as suas botas de couro de rapoza.

Com pouca demora, cerca de vinte aventureiros armados desceram da esplanada.

Ayres Gomes marchava na frente com um enorme chuço na mão direita, a espada na mão esquerda, e uma faca atravessada nos dentes.

Depois de percorrerem quazi todo o vale e baterem o arvoredado, voltavam, quando o escudeiro estacou de repente e gritou:

— Ei-la, rapazes! Fogo antes que faça o pulo!

Com efeito, por entre a ramagem das arvores via-se a pele negra e marchetada do tigre, e os olhos felinos que brilhavam com o seu reflexo palido.

Os aventureiros levaram o mosquete á face, mas no momento de puxarem o gatilho, largaram todos uma rizada homérica, e abaixaram as armas.

— Que é lá isso? Teem medo?

E o destemido escudeiro sem se importar com os outros mergulhou por sob as arvores e apresentou-se arrogante em face do tigre.

Aí porém caíu-lhe o queixo de pasmo e de surpresa.

A onça embalava-se a um galho suspensa pelo pescoço e enforcada pelo laço que apertando-se com o seu proprio pezo, a estrangulára.

Emquanto viva, um só homem bastára para traze-la desde o Parahyba até á floresta, onde tinha sido caçada; e da floresta até aquelle lugar onde havia expirado.

Era depois de morta que fazia todo aquelle espalhafato; que punha em armas vinte homens valentes e corajozos; e produzia uma revolução na caza de D. Lauriana.

Passado o primeiro momento de admiração, Ayres Gomes cortou a corda e arrastando o animal foi apresenta-lo á dama.

Depois que de fóra lhe asseguraram que o tigre estava bem morto, entre-abriu-se a porta, e D. Lauriana, ainda toda arripiada, olhou estremecendo o corpo da féra.

— Deixe-o aí mesmo. O Sr. D. Antonio ha de vê-lo com seus olhos!

Era o corpo de delito, sobre o qual pretendia bazear o libelo acuzatorio que ia fulminar contra Pery.

Por diferentes vezes a dama tinha procurado persuadir seu marido a expulsar o indio que

ella não podia sofrer, e cuja presença bastava para cauzar-lhe um faniquito.

Mas todos os seus esforços tinham sido baldados; o fidalgo com a sua lealdade e cavalheirismo apreciava o carater de Pery, e via nelle, embora selvajem, um homem de sentimentos nobres e de alma grande. Como pai de familia estimava o indio pela circumstancia a que já aludimos de ter salvado sua filha, circumstancia que mais tarde se explicará.

Desta vez porém D. Lauriana esperava vencer; e julgava impossivel que seu marido não punisse severamente esse crime abominavel de um homem que ia ao mato amarrar uma onça e trazê-la viva para a caza. Que importava que elle tivesse salvado a vida de uma pessoa, se punha em risco a existencia de toda a familia, e sobretudo a della?

Terminava esta reflexão justamente no momento em que D. Antonio de Mariz assomava á porta.

— Dir-me-eis, senhora, que rumor é este, e qual a cauza?

— Aí a tendes! exclamou D. Lauriana, apontando para a onça com um gesto soberbo.

— Lindo animal! disse o fidalgo adiantando-se e tocando com o pé as prezas do tigre.

— Ah! achais lindo! Inda mais achareis quando souberdes quem o trouxe!...

— Deve ter sido um habil caçador, disse D. Antonio contemplando a féra com esse pra-

zer de monteria que era um dom dos fidalgos daquelle tempo: não tem o sinal de uma só ferida!

— É obra daquelle excomungado caboclo, Sr. Mariz! respondeu D. Lauriana preparando-se para o ataque.

— Ah! exclamou o fidalgo rindo; é a caça que Pery hontem perseguia, e de que nos falou Alvaro!

— Sim; e que trouxe viva como se fosse alguma paca!

— A trouxe viva! Mas não vêdes que é impossível?

— Como impossível, se Ayres Gomes vem de acaba-la agora mesmo!

Ayres Gomes quiz retrucar; mas a dama impoz-lhe silencio com um gesto.

O fidalgo curvou-se e segurando o animal pelas orelhas ergueu-o; ao passo que examinava o corpo para ver se lhe descobria alguma bala, notou que tinha as patas e as mandibulas ligadas.

— É verdade! murmurou elle; devia estar viva ha couza de uma hora; ainda conserva o calor.

D. Lauriana deixou que seu marido se fardasse de contemplar o animal, certa de que as reflexões que esta vista produziria não podiam deixar de ser favoraveis ao seu plano.

Quando julgou que tinha chegado o momento, deu dois passos, arranjou a cauda do seu

vestido, e dando um certo descaído ao corpo, dirijiu-se a D. Antonio:

— Bom é que vejais, Sr. Mariz, que nunca me iludo! Que de vezes vos hei dito que fazeis mal em conservar esse bugre? Não querieis acreditar: tinheis um fraco inexplicavel pelo pagão. Pois bem...

A dama tomou um tom oratorio, e acentuou a palavra com um gesto enerjico apontando para o animal morto:

— Aí tendes o pago. Toda a vossa familia ameaçada! Vós mesmo que podieis sair dezapercebido; vossa filha que ignorando o perigo que corria foi banhar-se; e podia a esta hora estar pasto de fêras.

O fidalgo estremeceu á idéa do perigo que correra sua filha e ia precipitar-se; mas ouviu um doce murmurio de vozes que parecia um chilrear de saís: eram as duas moças que subiam a ladeira.

D. Lauriana sorria-se do seu triunfo.

— E se fosse só isto? continuou ella. Porém não pára aqui: amanhã vereis que nos traz algum jacaré, depois uma cascavel ou uma giboia; encher-nos-á a caza de cobras e lacraus. Sere-mos aqui devorados vivos, porque a um bugre arrenegado deu-lhe na cabeça fazer as suas bruxarias!

— Exajerais muito tambem, D. Lauriana. É certo que Pery fez uma selvajaria; mas não ha razão para que receemos tanto. Merece

uma reprimenda: lh'a darei e forte. Não continuará.

— Se o conhecesseis como eu, Sr. Mariz! É bugre e basta! Podeis ralhar-lhe quanto quizerdes; elle o fará mesmo por pirraça!

— Prevenções vossas, que não partilho.

A dama conheceu que ia perdendo terreno; e resolveu dar o golpe decisivo; amaciou a voz, e tomou um tom choroço.

— Fazei o que vos aprouver! Sois homem, e não tendes medo de nada! Mas eu, continuou arrepiando-se, não poderei mais dormir, só com a idéa de que uma jararaca sobe-me á cama; de dia a todo o momento julgarei que algum gato montez vai saltar-me pela janela; que a minha roupa está cheia de lagartas de fogo! Não ha forças que rezistam a semelhante martirio!

D. Antonio começou a refletir seriamente sobre o que dizia sua mulher, e a pensar no sem numero de faniquitos, desmaios e arrufos que ia produzir o terror panico justificado pelo fato do indio; comtudo conservava ainda a esperança de conseguir acalma-la e dissuadi-la.

D. Lauriana espiava o efeito do seu ultimo ataque.

Contava vencer.

XIII

Revelação

Izabel e Cecilia que voltavam do banho conversando, aproximaram-se da porta, não sem algum susto do animal; susto que se desfez com o sorrizo do velho fidalgo, revendo-se na beleza de sua filha.

Com efeito, Cecilia estava nesse momento de uma formozura que fascinava.

Tinha os cabelos ainda humidos, dos quaes se escapava de vez em quando um aljofar que ia perder-se na covinha dos seios cobertos pelo linho do roupão; a pele fresca como se ondas de leite corressem pelos seus hombros; as faces brilhantes como dois cardos rozas que se abrem ao pôr do sol.

As duas meninas falavam com alguma vivacidade; mas ao aproximarem-se da porta, Cecilia que ia um pouco adiante voltou-se para sua prima na pontinha dos pés, e com um arzinho petulante levou o dedo aos labios recomendando silencio.

— Sabes, Cecilia, que tua mãe está muito zangada com Pery! disse D. Antonio tomando o

rostinho mimozo de sua filha e beijando-a na frente.

— Porque, meu pai? Fez elle alguma couza?

— Uma das suas, e de que já sabes parte.

— E eu vou contar-te o resto! atalhou D. Lauriana, tocando com a mão o braço de sua filha.

E de fato apresentou com as côres mais negras, e com a enfaze mais dramatica, não só o risco iminente que na sua opinião tinha corrido a caza inteira, mas os perigos que ameaçavam ainda a paz e o socego da familia.

Referiu que, se por um milagre a sua cazeira não tivesse ha couza de uma hora chegado á esplanada e visto o indio fazendo partes diabolicas com o tigre, ao qual naturalmente ensinava a maneira de penetrar na caza, todos áquella hora estariam defuntos.

Cecilia empalideceu, lembrando-se do descuido e alegria com que atravessára o vale e se banhára; Izabel conservou-se calma, mas seus olhos brilharam.

— Assim, concluiu perentoriamente D. Lauriana, não é concebivel que continuemos com semelhante praga em caza.

— Que dizeis, minha mãe? exclamou Cecilia assustada: pretendeis mandal-o embora?

— Sem duvida: essa casta de gente, que nem gente é, só pôde viver bem nos matos.

— Mas elle nos ama tanto! Tem feito tanto por nós, não é verdade, meu pai? disse a menina voltando-se para o fidalgo.

D. Antonio respondeu a sua filha por um sorriso que a socegou:

— Vós ralhareis com elle, meu pai: eu ficarei agastada, continuou Cecilia, e elle se emendará e não fará mais outra.

— E a de ha pouco? replicou Izabel dirijindo-se a Cecilia.

D. Lauriana, que via a sua cauza mal parada depois da chegada das moças, apesar da repugnancia que sentia por Izabel, conheceu que tinha nella um aliado; e dirijiu-lhe a palavra, o que sucedia uma vez por semana.

— Chega-te, menina; o que é que dizes ter acontecido ha pouco?

— É tambem um perigo que correu Cecilia.

— Qual! minha mãe; foi mais susto de Izabel do que outra couza.

— Susto, sim; mas pelo que vi. . .

— Conta-me isto; e tu, Cecilia, fica aí socegada.

A menina pelo respeito que tinha a sua mãe não se animou a dizer mais uma palavra; porém aproveitando-se do movimento que fez D. Lauriana ao voltar-se para ouvir a Izabel, abanou a cabeça a sua prima pedindo-lhe que nada dissesse.

A moça fez que não via o gesto, e respondeu a sua tia:

— Cecilia estava se banhando e eu tinha ficado á beira do rio: daí a algum tempo vejo Pery que passava ao lonje pelo galho de uma arvore.

Elle sumiu-se; e de repente uma seta partida daquelle lugar veiu cair a dois passos de minha prima!

— Ouça cá, Sr. Mariz! exclamou D. Lauriana; ouça as estrepolias do capeta!

— No mesmo instante, continuou Izabel, ouvimos dois tiros de pistola, que ainda mais nos assustaram, porque de certo foram apontados tambem para nosso lado.

— Senhor Deus! É peor do que uma judiaria! Mas quem deu pistolas a esse bujio?

— Fui eu, minha mãe; respondeu timidamente Cecilia.

— Melhor seria que rezasses as tuas contas. Era bem feito que com ellas mesmo... Senhor Deus! perdoai-me!

D. Antonio tinha ouvido as palavras de Izabel apesar de conservar-se a alguma distancia; o rosto do fidalgo tomára uma expressão grave.

Fez' um ligeiro aceno a Cecilia, e afastou-se com ella em ar de quem passeava pela esplanada.

— O que diz tua prima é verdade?

— É, meu pai; mas estou certa que Pery não o fez por maldade.

— Comtudo, replicou o fidalgo, isto póde renovar-se, por outro lado tua mãe está atemorizada; assim, o melhor é afasta-lo.

— Elle vai sentir muito!

— E eu e tu tambem porque o estimamos; mas não seremos ingratos; eu pagarei a tua e a mi-

nha divida de gratidão; deixa isto ao meu cuidado.

— Sim, meu pai! exclamou a menina com um olhar humido de reconhecimento e de admiração. Sim! Vós que sabeis compreender tudo que é nobre!

— Como tu, minha Cecilia! respondeu o fidalgo acariciando-a.

— Oh! eu aprendi no vosso coração, e nas vossas menores ações.

D. Antonio abraçou-a.

— Ah! tenho uma couza a pedir-vos!

— Dize: ha muito que não me pedes nada, e eu já tenho queixa disto.

— Mandareis conservar este animal? Sim!

— Desde que o dezejas...

— Será uma lembrança que teremos de Pery.

— Para ti, que para mim a melhor lembrança és tu. Se não fosse elle, podia eu agora apertar-te nos meus braços?

— Sabeis que tenho vontade de chorar só de pensar que elle se vai?

— É natural, minha filha, as lagrimas são um balsamo que Deus deu á fraqueza da mulher, e que negou á força do homem.

O fidalgo separou-se de sua filha, e chegou-se á porta onde se achavam ainda sua mulher, Iza-bel e Ayres Gomes.

— Que decidistes, Sr. D. Antonio? perguntou a dama.

— Decidi fazer-vos a vontade, para socego

vosso e descanso meu. Hoje mesmo ou amanhã Pery deixará esta caza; mas enquanto elle aqui estiver, *eu* não quero, disse carregando ligeiramente sobre aquelle monossilabo, que se lhe diga uma palavra sequer de dezagrado. Pery sai desta caza porque lh'o peço, e não porque isto seja-lhe ordenado por alguém. Entendeis, minha mulher?

D. Lauriana, que comprehendia o que havia de energia e resolução naquella impercetivel entoação dada pelo fidalgo a uma simples fraze, inclinou a cabeça.

— Incumbo-me de falar eu mesmo a Peryl! Dir-lhe-ás de minha parte, Ayres Gomes, que venha ter comigo.

O escudeiro inclinou-se; o fidalgo que se ia retirando, voltou-se:

— Ah! esquecia-me. Mandarás encher este lindo animal que dezejo conservar; será uma curiozidade para o meu gabinete d'armas.

D. Lauriana fez á sorrelfa uma careta de nojo.

— E servirá para que minha mulher se habitue com sua vista, e tenha menos medo de onças.

D. Antonio afastou-se.

A dama pôde então ir riçar os seus cabelos, e preparar o seu toucado domingueiro; tinha alcançado uma importante vitoria.

Pery ia finalmente ser expulso desta caza, onde na sua opinião nunca devera ter entrado.

Emquanto isto passava, Cecilia, ao separar-se

de seu pai, voltára o canto da caza para entrar no jardim, e encontrára Alvaro que passeava inquieto e pensativo.

— D. Cecilia! disse o moço.

— Oh! deixai-me, Sr. Alvaro! respondeu Cecilia sem parar.

— Em que vos ofendi eu para que me trateis assim?

— Desculpai-me, estou triste; em nada me ofendestes.

— É que quando se cometeu uma falta...

— Uma falta? perguntou a menina admirada.

— Sim! respondeu o moço abaixando os olhos.

— E que falta cometestes vós, Sr. Alvaro?

— Dezobedeci-vos.

— Ah! é grave! disse a moça com um meio sorriso.

— Não zombeis, D. Cecilia! Se soubesseis que inquietações isto me tem feito passar! Arrependo-me mil vezes do que pratiquei, e comtudo parece-me que era capaz de pratica-lo de novo.

— Mas, Sr. Alvaro, esqueceis que falais de uma couza que ignoro; sei apenas que se trata de uma dezobediencia!

— Lembrais-vos que hontem me mandastes guardar um objeto, que...

— Sim! atalhou a moça córando; um objeto que...

— Que vos pertencia, e que eu contra vontade vossa restitui.

— Como! que dizeis!

— Oh! perdoai! foi uma ouzadia! mas...

— Mas emfim eu não entendo nem uma palavra de tudo isto! exclamou a moça com um movimento de impaciencia.

Alvaro, vencendo emfim o seu acanhamento, contou rapidamente o que tinha feito na vespera á noite.

Cecilia ouvindo-o, ia se tornando séria.

— Sr. Alvaro, disse ella n'um tom de exprobração, fizestes mal em praticar semelhante ação, muito mal. Que ninguem o saiba ao menos.

— Eu juro pela minha honra!

— Não basta; vós mesmo desfareis o que fizestes. Não abrirei aquella janela emquanto houver ali um objeto que não me veio de meu pai, e em que não posso tocar.

— Senhora!... murmurou o moço palido e abatido.

Cecilia levantou os olhos, e viu no rosto de Alvaro tanta amargura e desespero, que sentiu-se comovida.

— Não me acuzeis do que succede, disse ella com a voz meiga, a culpa é vossa.

— Eu o sinto; e não me queixo.

— Bem vistes que não podendo aceitar, pedi que conservasseis como uma lembrança.

— Oh! eu a conservarei ainda; ella me ensinará a expiar a minha falta, e m'a recordará sempre.

— Será agora uma triste recordação...

— E posso-as eu ter alegres!

— Quem sabe! disse Cecilia dezentrançando dos seus cabelos louros um jasmim; é tão doce esperar!

Voltando-se para esconder o rubor de suas faces, Cecilia viu perto a Izabel que devorava esta sena com um olhar ardente.

A menina soltou um grito de susto e entrou rapidamente no jardim. Alvaro apanhou no ar a pequena flor que se escapára dos dedos de Cecilia e beijou-a julgando que ninguem ali estava. Quando o cavalheiro deu com os olhos na moça, ficou tão perturbado que deixou cair o jasmim sem sentir.

Izabel apanhou-o; e apresentando-o a Alvaro, disse com um acento de voz inimitavel:

— É tambem uma restituição!

Alvaro empalideceu.

A moça tremula passou diante d'elle, e entrou no quarto de sua prima.

Cecilia vendo chegar Izabel córou, e não se animou a levantar os olhos, lembrando-se do que ella tinha visto e ouvido: pela primeira vez a inocente menina conhecia que havia na sua pura afeição alguma couza que se escondia aos olhos dos outros.

Izabel, entrando no apozento da prima ao qual fôra arrastada por um sentimento irrezistivel, arrependera-se immediatamente; a perturbação que sentira era tão grande, que temeu traír-se;

encostou-se no leito defronte de Cecilia, muda e com os olhos cravados no chão.

Assim passou-se um longo intervalo; depois as duas moças quazi ao mesmo tempo ergueram a cabeça e lançaram um olhar para a janela; seus olhos se encontraram, e ambas córaram ainda mais.

Cecilia revoltou-se; a menina alegre e travessa que conservava n'um cantinho do coração, sob os rizos e as graças, o germen da firmeza de carater que distinguia seu pai, sentiu-se ofendida por se ver obrigada a córar de vergonha diante de outrem, como se tivesse cometido uma falta.

Revestiu-se de corajem, e tomou uma rezoção cuja enerjia se dezenhava em um movimento impercetivel das sobrançelhas.

— Izabel, abre esta janela.

A moça estremeceu como se uma faisca electrica tivesse abalado o seu corpo; hezitou, mas por fim atravessou o apozeno.

Dois olhares avidos, ardentes, caíram sobre a janela no momento em que se abriu.

Nada havia ali.

A emoção que teve Izabel foi tão forte, que involuntariamente voltou-se para sua prima soltando uma exclamação de prazer; sua fisionomia iluminou-se com um desses reflexos divinos, que parecem descer do céu sobre a cabeça da mulher que ama.

Cecilia olhava sua prima sem compreende-la;

mas a pouco e pouco a admiração e o espanto dezenharam-se no semblante da menina.

— Izabel!...

A moça caíu de joelhos aos pés de Cecilia.

Tinha-se traído.

A india

Pery apenas sentiu voltarem-lhe as forças, continuou a sua marcha atravez da floresta.

Por muito tempo seguiu as pegadas da india pelo meio do mato com uma rapidez e uma certeza incrível para quem não conhecer a facilidade com que os selvajens percebem os mais fracos vestijios que deixam as pizadas de um animal qualquer.

Um ramo quebrado, o capim abatido, as folhas secas espalhadas e partidas, um galho que ainda se ajita, as perolas do orvalho desfeitas, são aos seus olhos exercidos o mesmo que uma linha traçada na floresta, e que elles seguem sem hezitação.

Uma razão havia para que Pery se encarniçasse assim em perseguir aquella india inofensiva, e a fazer esforços inauditos afim de agarrá-la.

Para bem comprehender esta razão, é necessario conhecer alguns acontecimentos que se haviam passado nos ultimos dias pelas vizinhanças do *Paquequer*.

No fim da lua das aguas, uma tribu de Ay-

morés descera das eminencias da Serra dos Orgams para fazer a colheita dos frutos e preparar os vinhos, bebidas e diversos alimentos de que costumava fazer provizão.

Uma familia dessa tribu trazida pela caça apparecera ha dias nas marjens do Parahyba; compunha-se de um selvajem, sua mulher, um filho e uma filha.

Esta ultima era uma bela india, cuja posse se disputavam todos os guerreiros aymorés; seu pai, o chefe da tribu, sentia o orgulho de ter uma filha tão formosa, como a mais linda seta do seu arco, ou a mais vistoza pena do seu cocar.

Estamos no domingo.

Na sexta feira, eram dez horas da manhã, Pery atravessava a mata imitando alegremente o canto do saixé, cujas notas sibiladas elle traduzia pelo doce nome de *Cecy*.

La então em procura desse animal que tão importante papel representa nesta historia, especialmente depois de morto; como não o satisfazia qualquer pequeno jaguar, assentára buscar nos seus proprios dominios um dos reis das grandes florestas que corriam ao longo do Parahyba.

Cecilia havia dito uma palavra, e elle que não discutia os dezejos de sua senhora, tomára o seu arco e sua clavina e tinha se posto a caminho. Chegava a um pequeno regato, quando um cãozinho felpudo saíu do mato, e logo depois uma india

que deu dois passos e caiu ferida por uma bala.

Pery voltou-se para ver donde partira o tiro, e reconheceu D. Diogo de Mariz que se aproximava lentamente acompanhado por dois aventureiros.

O moço ia atirar a um passaro, e a india que passava neste momento, recebera a carga da espingarda e caíra morta.

O cãozinho lançou-se para sua senhora uivando, lambendo-lhe as mãos frias, e roçando a cabeça pelo corpo ensanguentado como procurando reanima-la. D. Diogo, apoiado sobre o arcabuz, volvia um olhar de piedade sobre essa moça vitima de um capricho de caçador, que não dezejava perder a sua pontaria.

Quanto a seus companheiros, riam-se do acontecimento, e divertiam-se a fazer comentarios sobre a qualidade de caça que o cavalheiro tinha escolhido.

De repente o cãozinho que acariciava sua senhora morta, ergueu a cabeça, farejou o ar, e partiu como uma flexa.

Pery que tinha sido testemunha muda desta sena, aconselhou a D. Diogo que se recolhesse a caza por prudencia, e continuou a sua caminhada.

O espetaculo que acabava de prezenciar o entristecera; lembrou-se de sua tribu, de seus irmãos que elle havia abandonado ha tanto tempo, e que talvez naquella hora eram tambem

vitimas dos conquistadores de sua terra, onde outr'ora viviam livres e felizes.

Tendo andado cerca de meia legua, avistou ao lonje um fogo na mata; ao redor estavam sentados dois selvajens e uma india.

O mais velho, de estatura gigantesca, engastava as prezas longas e aguçadas da capivara nas pontas de canas silvestres, e afiava n'uma pedra essa arma terrivel. O mais moço enchia de pequenas sementes pretas e vermelhas um fruto ouco, ornado de penas e prezo a um cabo de dois palmos de comprimento.

A mulher, que ainda era moça, cardava uma porção de algodão cujos frocos alvos e puros caíam sobre uma grande folha que tinha no regaço.

Junto do fogo havia um pequeno vaso vidrado com brazas no qual a india de vez em quando deitava umas grandes folhas secas, que levantavam grossosovelos de fumo. Então os dois indios por meio de uma taboca aspiravam as baforadas deste fumo, até que os olhos lhes choravam; depois continuavam o seu trabalho.

No momento em que Pery examinava de lonje esta sena, o cãozinho saltava no meio do grupo: o animal apenas respirou da corrida em que vinha, puxou com os dentes a trofa de penas do indio mais moço, que o atirou a quatro passos com um empurrão.

Aproximou-se então da india, repetiu o mesmo movimento; e como fosse mal acolhido ainda,

saltou sobre o algodão, e mordeu-o: a mulher tomou-o pela coleira de frutos que trazia ao pescoço, sacudiu-o pelas costas, e arranjou as suas pastas; mas estavam tintas de sangue.

Examinou com inquietação o animal; e não o vendo ferido, lançou os olhos ao redor de si e soltou um grito rouco e gutural; os dois índios ergueram a cabeça interrogando com os olhos a cauza dessa exclamação.

Por toda a resposta, a india mostrou o sangue que cobria o animal, e pronunciou com a voz cheia de aflicção uma palavra de uma lingua desconhecida, e que Pery não entendeu.

O indio mais moço saltou pela floresta como um campeiro atraz do cãozinho que lhe servia de guia: o velho e a mulher o seguiram de perto.

Pery compreendeu perfeitamente o que se passava, e seguiu seu caminho pensando que os colonos já deviam áquella hora estar fóra do alcance dos selvajens.

Era isto o que o indio tinha visto; o que elle ignorava, o acontecimento do banho lhe revelára claramente.

Os selvajens haviam encontrado o corpo de sua filha, e reconhecido o sinal da bala; por muito tempo procuraram debalde as pizadas dos caçadores, até que no dia seguinte a cavalgata que passava serviu-lhes de guia.

Toda a noite rondaram em torno da habitação, e nessa manhã vendo sair as duas moças

rezolveram vingar-se com a applicação dessa lei de talião que era o unico principio de direito e justiça que reconheciam.

Tinham morto sua filha; era justo que matassem tambem a filha do seu inimigo; vida por vida, lagrima por lagrima, desgraça por desgraça.

Como pretenderam realizar a sua vingança e o fim que tiveram, já sabemos; os dois selvagens dormiam para sempre nas marjens do *Paquequer*, sem que uma mão amiga lhes viesse dar sepultura.

Agora é facil conhecer a razão por que Pery perseguia a india, resto da infeliz familia; sabia que ella ia direito ter com seus irmãos, e que á primeira palavra que proferisse, toda a tribu se levantaria como um só homem para vingar a morte do seu cacique, e a perda da mais bela filha dos Aymorés.

Ora, o indio conhecia a ferocidade desse povo sem patria e sem relijião, que se alimentava de carne humana e vivia como feras no chão e pelas grutas e cavernas; estremecia só com a idéa de que pudesse vir assaltar a caza de D. Antonio de Mariz.

Era preciso pois exterminar toda a familia, e não deixar nem um vestijio de sua passagem.

Fazendo estas reflexões, Pery tinha gasto perto de uma hora a percorrer a floresta inutilmente; a india ganhára um grande avanço durante o tempo em que elle lutava contra o des-

saltou sobre o algodão, e mordeu-o: a mulher tomou-o pela coleira de frutos que trazia ao pescoço, sacudiu-o pelas costas, e arranjou as suas pastas; mas estavam tintas de sangue.

Examinou com inquietação o animal; e não o vendo ferido, lançou os olhos ao redor de si e soltou um grito rouco e gutural; os dois índios ergueram a cabeça interrogando com os olhos a cauza dessa exclamação.

Por toda a resposta, a india mostrou o sangue que cobria o animal, e pronunciou com a voz cheia de aflição uma palavra de uma lingua desconhecida, e que Pery não entendeu.

O indio mais moço saltou pela floresta como um campeiro atraz do cãozinho que lhe servia de guia: o velho e a mulher o seguiram de perto.

Pery compreendeu perfeitamente o que se passava, e seguiu seu caminho pensando que os colonos já deviam áquella hora estar fóra do alcance dos selvajens.

Era isto o que o indio tinha visto; o que elle ignorava, o acontecimento do banho lhe revelára claramente.

Os selvajens haviam encontrado o corpo de sua filha, e reconhecido o sinal da bala; por muito tempo procuraram debalde as pizadas dos caçadores, até que no dia seguinte a cavalgata que passava serviu-lhes de guia.

Toda a noite rondaram em torno da habitação, e nessa manhã vendo sair as duas moças

rezolveram vingar-se com a applicação dessa lei de talião que era o unico principio de direito e justiça que reconheciam.

Tinham morto sua filha; era justo que matassem tambem a filha do seu inimigo; vida por vida, lagrima por lagrima, desgraça por desgraça.

Como pretenderam realizar a sua vingança e o fim que tiveram, já sabemos; os dois selvagens dormiam para sempre nas marjens do *Paquequer*, sem que uma mão amiga lhes viesse dar sepultura.

Agora é facil conhecer a razão por que Pery perseguia a india, resto da infeliz familia; sabia que ella ia direito ter com seus irmãos, e que á primeira palavra que proferisse, toda a tribu se levantaria como um só homem para vingar a morte do seu cacique, e a perda da mais bela filha dos Aymorés.

Ora, o indio conhecia a ferocidade desse povo sem patria e sem relijião, que se alimentava de carne humana e vivia como feras no chão e pelas grutas e cavernas; estremecia só com a idéa de que pudesse vir assaltar a caza de D. Antonio de Mariz.

Era preciso pois exterminar toda a familia, e não deixar nem um vestijio de sua passagem.

Fazendo estas reflexões, Pery tinha gasto perto de uma hora a percorrer a floresta inutilmente; a india ganhára um grande avanço durante o tempo em que elle lutava contra o des-

falecimento produzido pela ferida. Por fim julgou que o mais prudente era avizar a D. Antonio immediatamente, a fim de que tomasse todas as medidas de prevenção que exigia a iminencia do perigo.

Tinha chegado a um campo coberto por algumas moitas de carrascos, que se destacavam aqui e ali sobre um capim aspero e queimado pelo sol.

Apenas o indio deu alguns passos para atravessar o campo, parou fazendo um gesto de surpresa; diante d'elle arquejava um cãozinho, que reconheceu pela coleira de frutos escarlates que tinha ao pescoço.

Era o mesmo que ha dois dias encontrára na floresta, e que naturalmente seguia a india no momento em que ella fugia; o indio não o tinha visto por cauza das guaximas.

O animal mostrava ter sido estrangulado por uma torsão tão violenta, que lhe partira a columna vertebral; entretanto ainda agonizava.

Do primeiro lanço d'olhos Pery tinha visto tudo isto, e calculado o que se havia passado.

Aquella morte, pensava elle, não podia ter sido feita senão por uma creatura humana; qualquer outro animal uzaria dos dentes ou das garras, e deixaria traços de ferimento.

O cão pertencia á india; fôra ella pois quem o havia estrangulado ha bem poucos momentos, porque a fratura do pescoço era de natureza a produzir a morte quazi immediatamente.

Mas por que motivo tinha feito essa barbaridade? — Porque, respondia o espirito do indio, ella sabia que era perseguida, e o cão que a não podia acompanhar serviria para denunciá-la.

Apenas formulou este pensamento, Pery deitou-se e auscultou o seio da terra por muito tempo; duas vezes ergueu a cabeça julgando iludir-se, e encostou de novo o ouvido ao chão.

Quando se levantou, o seu rosto exprimia grande surpresa e admiração; tinha ouvido alguma couza de que parecia duvidar ainda, como se os seus sentidos o iludissem.

Caminhou para o lado do nascente, auscultando a terra a cada momento, e assim chegou a alguns passos de uma grande touça de cardos que se elevava n'uma baixa do terreno.

Então, collocando-se de encontro ao vento, aproximou-se com toda a cautela, e ouviu um murmurio de vozes confuzas, e o som de um instrumento que cavava a terra.

Pery applicou o ouvido, e procurou ver o que se passava além, mas era impossivel; nem uma aberta, nem uma fresta davam passagem ao som, ou ao olhar.

Só quem tem viajado nos sertões e visto esses cardos gigantes, cujas largas palmas crivadas de espinhos se entrelaçam estreitamente formando uma alta muralha de alguns pés de grossura, poderá fazer idéa da barreira impenetravel que cercava por todos os lados as pes-

soas cuja voz Pery ouvia sem distinguir as palavras.

Entretanto esses homens deviam ter aí entrado por alguma parte; e não podia ser senão pelo galho de uma arvore seca que se estendia sobre os cardos, e ao qual se enroscava um cipó nodozo e forte como uma vide.

Pery estudava a pozição, e tratava de descobrir o meio de saber o que se passava atraz daquellas arvores, quando uma voz que julgou reconhecer exclamou:

— *Per Dio!* ei-la!

O indio estremeceu ouvindo esta voz, e resolveu a todo o custo conhecer o que faziam aquelles homens; presentiu que havia ali um perigo a conjurar, e um inimigo a combater. Inimigo talvez mais terrivel do que os Aymorés, porque se estes eram fêras, aquelle podia ser a serpente escondida entre as flores e a relva.

Assim esqueceu tudo, e o seu pensamento concentrou-se n'uma unica idéa, ouvir o que aquelles homens diziam.

Mas por que meio?

Era o que Pery procurava; tinha rodeado a touça applicando o ouvido, e pareceu-lhe que em um lugar o ruido das vozes e do ferro que continuava a cavar, lhe chegava mais distinto.

O indio abaixou os olhos que brilharam de contentamento.

O que produzira essa agradavel impressão

fôra um simples monticulo de barro gretado, que se elevava como um pão de assucar dois palmos acima da terra, e que estava encoberto por folhas de tanchajem.

Era a entrada de um formigueiro, de uma dessas cazas subterraneas construidas pelos pequenos arquitetos que á força de paciencia e trabalho minam um campo inteiro, e formam verdadeiras abobadas debaixo da terra.

Aquelle que Pery descobrira tinha sido abandonado pelos seus habitantes em virtude da enxurrada que penetrára no pequeno subterraneo.

O indio tirou a sua faca, e cerceando a cupola dessa torre em miniatura, deixou a descoberto um buraco que penetrava pelo interior da terra, e de certo ia ter a baixa onde estavam reunidas as pessoas que conversavam.

Este buraco tornou-se para elle uma especie de tubo acustico, e que lhe trazia as palavras claras e distintas.

Sentou-se e ouviu.

Os trez

Loredano que nessa mesma manhã saíra de caza tão cedo, apenas se entranhou na mata esperou.

Um quarto de hora depois vieram ter com elle Bento Simões e Ruy Soeiro.

Os trez seguiram juntos sem dar uma palavra; o italiano caminhava adiante, e os dois aventureiros o acompanhavam trocando de vez em quando um olhar significativo.

Por fim Ruy Soeiro rompeu o silencio:

— Não foi de certo para espaiar pelos matos ao romper da alva, que nos fizestes vir aqui, misser Loredano?

— Não, respondeu o italiano laconicamente.

— Mas então desembuchai de uma vez, e não percamos tempo.

— Esperai!

— Que espereis, vos digo eu; atalhou Bento Simões, ides n'uma batida... Onde nos pretendeis levar nesta marcha?

— Vereis.

— Já que não ha meio de vos sacar mais palavra, segui com Deus, misser Loredano.

— Sim, acudiu Ruy Soeiro, seguiu; que nós tornamos por onde viemos.

— Quando estiverdes de vez para falar, nos avizareis.

E os dois aventureiros pararam, dispostos a retroceder; o italiano voltou-se com um gesto de desprezo.

— Parvos que sois! disse elle. Se vos parece, revoltai-vos agora que estais em meu poder, e que não tendes outro remedio senão seguir a minha fortuna! Voltai!... Tambem eu voltarei; mas para denunciar-nos a todos.

Os dois aventureiros empalideceram.

— Não me façais lembrar, Loredano, disse Ruy Soeiro abaixando um olhar rapido para o punhal, que ha um meio de fechar para sempre as bocas que se obstinam a falar.

— Isto quer dizer, replicou o italiano desdenhosamente, que me matarieis no caso de que eu vos quizesse denunciar?

— A fé que sim! respondeu Ruy Soeiro com um tom que mostrava a sua resolução.

— E eu pela minha parte faria o mesmo! Primeiro está a nossa vida que as vossas venetas, misser italiano.

— E que ganharieis vós em matar-me? perguntou Loredano sorrindo.

— Essa é melhor! Que ganharíamos? Achais que é couza de pequena valia assegurar a sua existencia e o seu descanso?

— Nescios!... disse o italiano cobrindo-os

com um olhar de desprezo e de piedade ao mesmo tempo. Não vêdes que quando um homem traz um segredo como o meu, a menos que esse homem não seja um truão da vossa laia, elle deve ter tomado as suas precauções contra estes pequenos incidentes!

— Bem vejo que estais armado, e mais vale assim, respondeu Ruy Soeiro; será morte antes que homizio.

— Direis melhor execução, Ruy Soeiro! retrucou Bento Simões.

O italiano continuou:

— Não são essas armas que me servirão contra vós; outras tenho eu que mais podem; sabei unicamente que vivo ou morto, a minha voz virá de lonje, até mesmo da campa, denunciar-vos e vingar-me.

— Quereis gracejar, misser italiano? A ocasião não é azada.

— A seu tempo vereis se gracejo. Tenho na mão de D. Antonio de Mariz o meu testamento, que elle deve abrir quando me saiba ou me julgue morto. Nesse testamento conto as relações que existem entre nós, e o fim para que trabalhamos.

Os dois aventureiros tornaram-se lividos como espetros.

— Compreendeis agora, disse Loredano sorrindo, que se me assassinares, se um acidente qualquer me privar da vida, se me der na cabeça mesmo fugir e fazer supor que morri, estais perdidos irremediavelmente.

Bento Simões ficou paralizado como se uma catalepsia o tivesse fulminado. Ruy Soeiro, apesar do violento abalo que sentia, conseguiu com um esforço recobrar a palavra.

— É impossivel!... gritou elle. Isso que dizeis é falso. Não ha homem que o fizesse.

— Ponde á prova! respondeu o italiano calmo e impassivel.

— Elle o fez... estou certo... balbuciou Bento Simões em voz sumida.

— Não, retrucou Ruy Soeiro; Satanaz não o faria. Vamos, Loredano; confessai que nos enganastes, que quizestes atemorizar-nos?

— Disse a verdade.

— Mentos! gritou o aventureiro dezesperado.

O italiano sorriu: tirando a sua espada, estendeu a mão sobre a cruz do punho, e disse lentamente deixando cair as palavras uma a uma:

— Por esta cruz e pelo Christo que nella soffreu; por minha honra neste mundo, e minha alma no outro, juro.

Bento Simões caiu de joelhos esmagado por este juramento, que não deixava de ter alguma solenidade no meio da floresta sombria e silencioza.

Ruy Soeiro palido, com os olhos a saltarem-lhe das orbitas, os labios tremulos, os cabelos eriçados e os dedos hirtos, parecia a mumia do dezespero.

Estendeu os braços para Loredano, e exclamou com a voz tremula e sufocada:

— Pois vós, Loredano, confiastes a D. Antonio de Mariz um papel onde existe a maquinação infernal que tramastes contra sua familia?

— Confiei-o!

— E nesse papel escrevestes que pretendeis assassinar a elle e a sua mulher, e lançar fogo á caza se preciso fôr para a realização de vossos intentos?

— Escrevi tudo!

— Tivestes o arrojo de confessar que tencionais roubar sua filha e fazer della, nobre moça, a barregã de um aventureiro e reprobo como vós?

— Sim!

— E dissestes tambem, continuou Ruy no auge da desesperação, que a outra sua filha nos pertencerá, a nós que jogaremos á sorte para decidir a qual deverá tocar?

— Não me esqueci de nada, e menos desse ponto importante, respondeu o italiano com um sorriso; tudo isto está escrito em um pergaminho, nas mãos de D. Antonio de Mariz. Para sabe-lo, basta que o fidalgo rompa os pingos de cera preta com que mestre Garcia Ferreira, tabelião do Rio de Janeiro, o cerrou na minha penultima viagem.

Loredano pronunciou essas palavras com a maior calma, contemplando os dois aventureiros palidos e humilhados diante d'elle.

Passou-se algum tempo em silencio.

— Já vedes, disse o italiano, que estais na

minha mão; sirva-vos isto de exemplo. Quando uma vez se poz o pé sobre o precipicio, amigos, é preciso caminhar por cima delle, para não rolar e ir ao fundo. Caminhemos pois. Só de uma couza vos advirto; de hoje em diante — obediencia cega e passiva!

Os dois aventureiros não disseram palavra; porém a sua attitude respondia melhor do que mil protestos.

— Agora deixai essa cara triste e conternada. Estou vivo: e D. Antonio é um verdadeiro fidalgo incapaz de abrir um testamento. Creai esperanza, confiai em mim, que breve alcançaremos a meta.

A fizionomia de Bento Simões reanimou-se.

— Falai claro uma vez ao menos, retrucou Ruy Soeiro.

— Não aqui; segui-me, que vos levarei a um lugar onde conversaremos á vontade.

— Esperai, acudiu Bento Simões; antes de tudo, reparação vos é devida. Ha pouco vos ameaçamos; aqui tendes as nossas armas.

— Sim, depois do que se passou, é justo que desconfieis de nós; tomai.

Os dois tiraram os punhaes e as espadas.

— Guardai as vossas armas, disse Loredano encarnecendo, servirão para me defenderdes. Eu sei quanto vos é precioza e cara a minha existencia!

Ambos os aventureiros empalideceram, e seguiram o italiano, que depois de uma meia hora

de caminho chegou á touça de cardos que já descrevemos.

A um sinal de Loredano, os seus companheiros subiram á arvore, e desceram pelo cipó ao centro dessa área cercada de espinhos, que tinha quando muito trez braças de comprimento sobre duas de largura.

De um lado, na quebrada que fazia o terreno, via-se uma especie de gruta ou abobada, restos desses grandes formigueiros que se encontram pelos nossos campos, já meio aluidos pela chuva. Neste lugar, á sombra de um pequeno arbusto que nascera entre os cardos, sentaram-se os trez aventureiros.

— Oh! disse o italiano imediatamente; ha algum tempo já que não venho destas bandas; mas parece-me que ainda deve haver aqui o quer que seja que vos dará no gôto.

Reclinou-se, e estendendo o braço pela cava retirou uma botija que ali estava deitada, e que colocou no meio do grupo.

— É de Caparica, mas do bom. Deste cá não vem!

— Diabo! tendes uma adega!... exclamou Bento Simões a quem a vista da botija tinha restituído todo o bom humor.

— A falar a verdade, disse Ruy, esperaria tudo, menos ver saír deste buraco uma botija de vinho.

— É para verdes! como costume vir a este lugar, onde ás vezes passo bem boas soalheiras,

precizava ter um companheiro com quem esparecesse.

— E não podieis achar, melhor! disse Bento Simões dando uma empinadela á botija e estalando a lingua. Já lhe tinha saudades!

Cada um dos trez tomou a sua vez de vinho e a botija voltou ao seu lugar.

— Bom, disse o italiano, agora tratemos do que serve. Prometi, quando vos convidei a seguir-me, que vos faria ricos, muito ricos.

Os dois inclinaram a cabeça.

— A promessa que vos fiz vai-se realizar: a riqueza está aqui perto de nós, podemos toca-la.

— Onde? perguntaram os aventureiros lançando um olhar avido em roda.

— Não vai assim tambem, fala-se figuradamente.

Digo que a riqueza está diante de nós, mas para nos apoderarmos della é preciso...

— O que? dizei!

— A seu tempo: agora quero contar-vos uma historia.

— Uma historia! replicou Ruy Soeiro.

— Da carocha? perguntou Bento Simões.

— Não, uma historia veridica como uma bula do nosso santo padre. Ouvistes falar algum dia, em um certo Roberio Dias?

— Roberio Dias... Ah! sei! um tal de S. Salvador? disse Ruy Soeiro.

— O mesmo, sem tirar nem pôr.

— Vi-o ha couza de oito anos em S. Sebastião, donde se passou ás Hespanhas.

— E sabeis o que ia fazer ás Hespanhas esse digno descendente do Caramurú, amigo Bento Simões? perguntou o italiano.

— Ouvi rosnar que se tratava de um tezouro fabuloso, que contava oferecer a Felipe II, o qual em volta o faria marquez, e grande fidalgo de sua caza.

— E o resto, não vos chegou a noticia?

— Não; nunca mais ouvi falar do tal Roberto Dias.

— Pois ouvi lá; chegando a Madrid, o homem fez a sua oferta mui lampeiro, e foi recebido na palma das mãos por el-rei Felipe II que, como sabeis, tinha as unhas demaziado longas.

— E cinzou-o como uma rapoza que era? acudiu Ruy Soeiro.

— Enganais-vos; dessa vez a rapoza tornou-se macaco; quiz ver o côco antes de paga-lo.

— E então?

— Então, disse o italiano sorrindo maliciosamente, o côco estava ouco.

— Como ouco?

— Sim, amigo Ruy, tinham-lhe deixado apenas as cascas; felizmente para nós, que vamos lograr o miôlo

— Sois um homem de caixas encouradas, Lorredano!

— Dá-se a gente a tratos, e não é possível entender-vos.

— Tenho culpa eu, que não sejais lido na historia das couzas de vossa terra?

— Nem todos são mitrados como vós, dom italiano.

— Bom, acabemos de uma vez; o que Roberio Dias julgava oferecer em Madrid a Felippe II, amigos, está aqui!

E Loredano dizendo esta palavra assentou a mão sobre um seixo que havia ao lado.

Os dois aventureiros olharam-se sem compreender, e duvidando da razão de seu companheiro. Quanto a este, sem se importar com o que elles pensavam, tirou a espada, e depois de dezenterrar a pedra, começou a cavar. Emquanto proseguia neste trabalho, os dois observando-o passavam alternadamente a botija de vinho, e faziam conjeturas e suposições.

O italiano já cavava ha tempo, quando o ferro tocou num objeto duro, que o fez tinir.

— *Per Dio*, exclamou, ei-la!

Daí a alguns momentos retirava do buraco um desses vasos de barro vidrado, a que os indios chamavam *camuci*; este era pequeno e fechado por todos os lados.

Loredano tomando-o pelas duas mãos abalou-o e sentiu o impercetivel vascolear que fazia dentro um objeto qualquer.

— Aqui tendes, disse elle lentamente, o tezouro de Roberio Dias; pertence-nos. Um pouco de tento, e seremos mais ricos que o sultão de Bagdad, e mais poderozos que o doje de Veneza.

O italiano bateu sobre a pedra com o vaso que se partiu em pedaços.

Os aventureiros, com os olhares incendidos de cobiça, esperando ver correr ondas de ouro, de diamantes e esmeraldas, ficaram estupefatos. Do bojo do vaso saltára apenas um pequeno rolo de pergaminho coberto por um couro avermelhado, e atado em cruz por um fio pardo.

Loredano com a ponta do punhal rompeu o laço, e, abrindo rapidamente o pergaminho, mostrou aos aventureiros um rotulo escrito em grandes letras vermelhas.

Ruy Soeiro soltou um grito: Bento Simões começou a tremer de prazer, de pasmo e admiração.

Passado um momento, o italiano estendeu a mão para o papel colocado no meio do grupo, seus olhos tomaram uma expressão dura.

— Agora, disse elle com a sua voz vibrante, agora que tendes a riqueza e o poder ao alcance da mão, jurai que o vosso braço não tremerá quando chegar a ocasião; que obedecereis ao meu gesto, á minha palavra, como á lei do destino.

— Juramos!

— Estou cansado de esperar, e rezolvido a aproveitar o primeiro ensejo. A mim como chefe, disse o italiano com um sorrizo diabolico, devia pertencer D. Antonio de Mariz; eu vo-lo cedo, Ruy Soeiro. Bento Simões terá o escu-

deiro. Eu reclamo para mim Alvaro de Sá, o nobre cavalheiro.

— Ayres Gomes vai se ver n'uma dansa! disse Bento Simões com um aspeto marcial.

— Os mais, se nos incomodarem, irão depois; se nos acompanharem serão bem vindos. Unicamente vos avizo que aquelle que tocar a soleira da porta da filha de D. Antonio de Mariz, é um homem morto; esta é a minha parte de preza! É a parte do leão.

Neste momento ouviu-se um rumor como se as folhas se tivessem ajitado.

Os aventureiros não fizeram reparo, e attribuiram naturalmente ao vento.

— Mais alguns dias, amigos, continuou Loredano, e seremos ricos, nobres, poderozos como um rei. Tu, Bento Simões, serás marquez do Paquequer; tu, Ruy Soeiro, duque das Minas; eu... Que serei eu, disse Loredano com um sorriso que iluminou a sua fisionomia intelligente. Eu serei...

Uma palavra partiu do seio da terra surda e cavernosa, como se uma voz sepulcral a houvesse pronunciado.

— Traidores!...

Os trez aventureiros ergueram-se de um só movimento, hirtos e lividos: pareciam cadaveres surjindo da campa.

Os dois persinaram-se. O italiano suspendeu-se ao ramo da arvore, e lançou um olhar rapido.

Tudo estava em socego.

O sol a pino derramava um oceano de luz ;
nenhuma folha se agitava ao sopro da briza ;
nenhum inseto saltitava sobre a relva.

O dia no seu esplendor dominava a natureza.

FIM DA PRIMEIRA PARTE

SEGUNDA PARTE

PERY

I

O carmelita

Corria o mez de março de 1603.

Era portanto um ano antes do dia em que se abriu esta historia.

Havia á beira do caminho que então servia ás raras expedições entre o Rio de Janeiro e o Espirito Santo, um vasto pouzo onde habitavam alguns colonos e indios catequizados.

Estava quazi a anoitecer.

Uma tempestade seca, terrivel e medonha, como as ha frequentemente nas faldas das serranias, dezabava sobre a terra. O vento mujindo açoutava as grossas arvores que vergavam os troncos seculares; o trovão ribombava no bojo das grossas nuvens desgarradas pelo céu; o relampago amiudava com tanta velocidade, que as

half done

florestas, os montes, toda a natureza nadava n'um oceano de fogo.

No vasto copiár do pouzo havia trez pessoas contemplando com um certo prazer a luta espantosa dos elementos, que para homens habituados com elles, não deixava de ter alguma beleza.

Um desses homens, gordo e baixo, deitado em uma rede no meio do alpendre, com as pernas cruzadas e os braços sobre o peito, soltava uma exclamação a cada novo estrago produzido pela tempestade.

O segundo, encostado n'um dos esteios de jacarandá que sustentavam o teto da alpendrada, era homem trigueiro, de perto de quarenta anos; a sua fisionomia apresentava uns lonjes do tipo da raça judaica; tinha os olhos fitos em uma vereda que serpejava pela frente da caza até perder-se no mato.

Defronte delle, tambem apoiado sobre a outra coluna, estava um frade carmelita, que acompanhava com um sorrizo de satisfação intima o progresso da borrasca; animava-lhe o rosto belo e de traços acentuados um raio de intelijencia e uma expressão de enerjia que revelava o seu carater.

Ao ver esse homem sorrindo á tempestade e afrontando com o olhar a luz do relampago, conhecia-se que sua alma tinha a força de resolução e a vontade indomavel capaz de querer o impossivel, e de lutar contra o céu e a terra para obte-lo.

Fr. Angelo di Luca achava-se então no pouzo como missionario, incumbido da catequese e cura das almas entre o gentio daquelle lugar; em seis mezes que apostolava conseguira aldear algumas familias que esperava breve trazer ao gremio da igreja.

Um ano havia que obtivera do prior geral da ordem do Carmo a graça de passar do seu convento de Santa Maria Transpontina, em Roma, para a caza que a sua ordem tinha fundado em 1590 no Rio de Janeiro, afim de empregar-se no trabalho das missões.

Tanto o geral como o provincial de Lisboa, tocados por esse ardente entusiasmo apostolico, o haviam recomendado expressamente a Fr. Diogo do Rozario, então prior do convento do Carmo no Rio de Janeiro, pedindo-lhe que empregasse no serviço do Senhor e na gloria da ordem da Beatissima Virjem do Monte Carmelo, o zelo e o santo fervor do irmão Fr. Angelo di Luca.

Eis a razão por que o filho de um pescador, saído das lagunas de Veneza, achava-se no sertão do Rio de Janeiro, encostado ao esteio de um pouzo, contemplando a tempestade que redobrava de furor.

— Sempre partireis esta noite, Fernão Aines? disse o homem que estava deitado na rede.

— Ao quarto d'alva, respondeu o outro sem voltar-se.

— E o tempo que vai fazer?

— Não é isso que me estorva, bem o sabeis, mestre Nunes. Esta maldita caçada!...

— Receais que vossos homens não tornem della a tempo?

— Receio que não os leve a todos a bréca por esses matos com semelhante borrasca.

O frade voltou-se:

— Aquelles que seguem a lei de Deus estão bem em toda a parte, irmão, em andurriais como neste pouzo; os maus é que devem temer o fogo do céu, e a estes não ha abrigo que os salve.

Fernão Aines sorriu ironicamente.

— Credes isso, Fr. Angelo?

— Creio em Deus, irmão.

— Pois embora; prefiro estar onde estou do que por aí metido n'algum despenhadeiro.

— Comtudo, acudiu Nunes, o que diz o nosso reverendo missionario...

— Ora deixa falar Fr. Angelo. Aqui sou eu que zombo da tempestade; lá seria a tempestade que zombaria de mim.

— Fernão Aines!... exclamou Nunes.

— Maldita lembrança de caçada! murmurou o outro sem atende-lo.

O silencio se restabeleceu.

De repente uma nuvem abriu-se; a corrente electrica enroscando-se pelo ar, como uma serpente de fogo, abateu-se sobre um tronco de cedro que havia defronte do pouzo.

A arvore fendeu-se desde o olho até á raiz em duas metades; uma permaneceu em pé, es-

guia e mutilada; a outra, tombando sobre o terceiro, bateu nos peitos de Fernão Aines, e o atirou esmagado no fundo do alpendre.

Seu companheiro ficou imóvel por muito tempo, depois começou a tremer como se tiritasse com o frio de terçãs; o polegar estendido para fazer o sinal da cruz, os dentes chocando uns contra os outros, o rosto contraído, davam-lhe aspeto terrível e ao mesmo tempo grotesco.

O frade tinha-se voltado livido como se elle fosse a vitima da catastrophe; o terror decompoz um momento a sua fisionomia; porém logo um sorriso sardonico fujiu-lhe dos labios ainda descolorados pelo choque violento que sofrera.

Passado o primeiro momento de susto, os dois chegaram-se para o ferido, e quizeram prestar-lhe socorros; este fez um grande esforço, e erguendo sobre um dos braços soltou n'uma golfada de sangue estas palavras:

— Castigo do céu!

Reconhecendo que não havia mais cura para o corpo, o moribundo exijiu o remedio espiritual; com a voz fraca pediu a Fr. Angelo que o ouvisse de confissão.

Nunes fez recolher o seu companheiro a um apozeno cuja porta dava para o alpendre, e deitou-o sobre uma cama de couro.

Já havia anoitecido, o apozeno estava na maior escuridão; apenas por instantes o relampago brilhava lançando o clarão azulado sobre o confessor meio reclinado para o moribundo,

afim de escutar-lhe a voz que ia gradualmente enfraquecendo.

— Ouvi-me sem me interromper, meu padre; sinto que poucos momentos me restam; e embora não haja perdão para mim, quero ao menos reparar o meu crime.

— Falai, irmão; eu vos escuto.

— Em novembro passado cheguei ao Rio de Janeiro; fui hospedado por um parente meu; tanto elle como sua mulher me fizeram o melhor acolhimento.

«Elle, que havia muito viajado pelo sertão e se dera á vida de aventureiro, falou-me um dia de tentarmos uma expedição, cujo rezultado seria grande riqueza para nós ambos.

«Por diversas vezes nos entretivemos sobre esse objeto, até que abriu-se inteiramente comigo.

«O pai de um Roberio Dias, colono da Bahia, guiado por um indio, havia descoberto nos sertões daquella provincia minas de prata tão abundantes que se poderiam calçar desse metal as ruas de Lisboa.

«Como atravessasse sertões invios e inhospitos, Dias escrevera um roteiro com as indicações necessarias para em qualquer tempo poder-se achar o lugar ondê estão situadas as ditas minas.

«Este roteiro fôra subtraído a seu dono sem que elle o percebesse; e por uma longa successão de fatos, que faltam-me as fôrças para contar-vos, viera cair nas mãos do meu parente.

«De quantos crimes já não tinha sido cauza esse papel, e de quantos não seria ainda, meu padre, se Deus não houvesse finalmente punido em mim o ultimo herdeiro desse legado de sangue!...»

O moribundo parou um momento extenuado; depois continuou com a voz debil:

— Já então com a chegada do governador D. Francisco de Souza se sabia que Roberio oferecêra em Madrid a Felipe II a descoberta das minas, e que não o tendo el-rei premiado como esperou, obstinava-se em guardar silencio.

«A razão deste silencio, que se attribuia geralmente ao despeito, só a sabia meu parente em cujas mãos parava o roteiro; Roberio chegado ás Hespanhas se apercebera do roubo que lhe haviam feito, e quizera ao menos lograr o premio.

«O segredo das minas, a chave dessa riqueza imensa que excedia todos os tezouros do Miramolim, estava nas mãos do meu parente que, necessitando de um homem dedicado que o auxiliasse na empreza, julgou que a ninguem melhor do que a mim podia escolher para partilhar os seus riscos e esperanças.

«Aceitei essa meação do crime, esse pato de roubo, meu padre... Foi o meu primeiro erro!...»

A voz do aventureiro tornou-se ainda mais sumida. O frade, inclinado sobre elle, parecia devorar com os labios entre-abertos as palavras balbuciadas pelo moribundo.

— Corajem, filho!

— Sim! Devo dizer tudo!... Fascinado pela descrição desse tezouro fabuloso, tive uma lembrança iniqua... essa lembrança tornou-se desejo... depois idéa, e... projeto... por fim realizou-se... foi um crime! Assassinei meu parente; e sua mulher...

— E... exclamou o frade com a voz surda.

— E roubei o segredo!

O frade sorriu nas trevas.

— Agora só me resta a misericórdia de Deus, e a reparação do mal que fiz... Roberio é morto, sua mulher vive desgraçada na Bahia... Quero que este papel lhe seja entregue... Prometeis, Fr. Angelo?...

— Prometo! O papel?...

— Está... oculto...

— Aonde?

— Nes... ta...

O moribundo agonizava.

Fr. Angelo, debruçado inteiramente sobre elle, com o ouvido colado á sua boca onde borbulhava uma espuma vermelha, com a mão sobre o coração para ver se ainda palpitava, parecia querer reter o ultimo sopro da vida, afim de tirar d'elle uma palavra ainda.

— Aonde?... murmurava de vez em quando o frade com a voz cava.

O enfermo agonizava sempre; os soluços extremos da vida que se apaga como a lampada que bruxoleia, agitavam apenas o corpo enrejelado.

Por fim o frade viu-o levantar o braço hirto, apontando para a parede, e sentiu os seus labios gelados e convulsos que tremeram, lançando no seu ouvido uma palavra que o fez saltar sobre o leito.

— Cruz!...

Fr. Angelo ergueu-se circulando o apozeno com a vista alucinada; na cabeceira da cama havia um Christo de ferro sobre uma grande cruz de pau tosca e mal lavrada.

Com um movimento de raiva o frade apoderou-se da cruz, e quebrou-a de encontro ao joelho; a imagem rolou pelo chão; entre os estilhaços da madeira appareceu um rolo de pergaminho achatado pela pressão em que estivera.

Quebrou com os dentes o selo do papel; chegando á janela leu á claridade vacilante do relampago as primeiras palavras de um rotulo de letras vermelhas, que rezava nestes termos:

«Roteiro veridico e exato em que se trata da rota que fez Roberio Dias, o pai, em o ano da graça de 1587 ás parajens de Jacobina, onde descobriu com o favor de Deus as mais ricas minas de prataria que existam no mundo; com a summa de todas as indicações de marcos, balizas e linha equinocial onde demoram aquellas ditas minas; começado em 20 de janeiro, dia do martir S. Sebastião, e terminado na primeira dominga de Paschoa em que chegámos com a mercê da Providencia nesta cidade de S. Salvador.»

Emquanto o frade esforçava para ler, o mo-

ribundo agonizava na ultima aflicção, esperando talvez a absolvição final e a extrema unção do penitente.

Mas o religioso não via nesse momento senão o papel que tinha nas mãos; deixou-se cair em um banco, e com a cabeça pendida sobre o braço, entregou-se a funda meditação.

Que pensava elle?...

Não pensava; delirava. Diante de seus olhos, a imaginação exaltada lhe apresentava um mar arjenteo, um oceano de metal fundido, alvo e resplandecente, que ia se perder no infinito. As vagas desse mar de prata, ora achamotavam-se, ora rolavam formando frocos de espuma, que pareciam flores de diamantes, de esmeraldas e rubins sintilando á luz do sol.

A's vezes tambem nessa face liza e polida dezenhavam-se como em um espelho palacios encantados, mulheres belas como as huris do profeta, virjens graciosas como os anjos de Nossa Senhora do Monte Carmelo.

Assim decorreu meia hora, em que o silencio era apenas interrompido pelo estertor do moribundo e pelo trovão que rujia: depois houve uma calma sinistra; o pecador expirava impenitente.

Fr. Angelo levantou-se, arrancou o habito com um gesto dezesperado, e pizou-o aos pés; sobre o recosto do leito havia uma muda de roupa com que trajou-se; tirou as armas do cadaver, apanhou o chapéu de feltro, e apertando ao peito o manuscrito, dirijiu-se á porta.

Ouviam-se os passos de Nunes, que passeava fóra no alpendre.

O frade estacou; a presença inesperada desse homem diante da porta, deu-lhe uma inspiração. Tomou o habito, vestiu-o sobre o seu novo traje, e escondendo na manga o chapéu do aventureiro, cobriu-se com o largo capelo; então abriu a porta e dirigiu-se a Nunes.

— *Consumatum est*, irmão! disse elle com um tom compunjado.

— Deus tenha sua alma!

— Assim o espero, se não me faltarem as forças para cumprir o seu ultimo voto, que é uma reparação...

— De um grave pecado?

— De um crime, irmão. Dai-me luz; vou escrever a Fr. Diogo do Rozario, nosso prior, porque de onde vou talvez não volte, nem tenhais mais novas de mim.

O frade escreveu á claridade de uma acha de pau candeia algumas linhas ao prior do convento do Carmo no Rio de Janeiro, e despedindo-se de Nunes partiu.

Quando dobrava o canto do pouzo o céu abriu-se, e a terra incendiou-se com a luz de um relampago tão forte que o deslumbrou. Dois raios, descrevendo listras de fogos, tinham caído sobre a floresta e espalhado em torno um cheiro de sulfuro que asfixiava.

O carmelita teve uma vertigem; lembrou-se da sena da tarde, do tremendo castigo que elle

proprio havia evocado na sua hipocrizia, e se realizára tão prontamente. Mas o deslumbramento passou; estremecendo ainda e palido de terror, o reprobó levantou o braço como dezaafiando a colera do céu, e soltou uma blasfemia horrivel:

— Podeis matar-me; mas se me deixardes a vida, hei de ser rico e poderoso, contra a vontade do mundo inteiro!

Havia nestas palavras um quer que seja da sanha e raiva impotente de Satanaz precipitado no abismo pela sentença irrevogavel do Creador.

Continuando o seu caminho pelas trevas, costeou a cerca e chegou a uma grande choça, que havia no fundo do pouzo, e onde o missionario conseguira aldear algumas familias de indios; entrou e acordou um dos selvajens, a quem ordenou se preparasse para acompanhá-lo apenas rompesse o dia.

A chuva caía em torrentes; o vento açoutava as paredes de sapé, esfuziando por entre a palha.

O frade passou a noite em claro, refletindo e traçando no seu espirito um plano infernal, para cuja realização não trepidaria diante de nem um obstaculo; de vez em quando levantava-se para ver se o horizonte já se iluminava.

Finalmente veiu o dia; a tempestade tinha-se desfeito durante a noite; o tempo estava sereno.

O carmelita acompanhado pelo selvajem par-

tiu: vagou pela floresta e pelo campo em todas as direções; alguma couza procurava. Elle avisou depois de duas horas a touça de cardos junto da qual se passou a ultima sena que narámos; examinou-a por todos os lados e sorriu de satisfeito. Trepando á arvore escorregando pelo cipó, entraram elle e o selvajem na área que já conhecemos; o sol tinha nascido ha pouco.

No diá seguinte, por volta de duas horas da tarde, saíu deste lugar um só homem; não era elle, nem o frade, nem o selvajem. Era um aventureiro destemido e audaz, em cuja fisionomia se reconheciam ainda os traços do carmelita Fr. Angelo di Luca.

Este aventureiro chamou-se Loredano.

Deixava naquelle lugar e sepultado no seio da terra um terrivel segredo; isto é, um rolo de pergaminho, um burel de frade e um cadaver.

Cinco mezes passados, o vigario da ordem participava ao geral em Roma que o irmão Fr. Angelo di Luca morrera como santo e martir no zelo de sua fé apostolica.

Yara!

Dois dias depois da sena do pouzo, por uma bela tarde de verão, a familia de D. Antonio de Mariz estava reunida na margem do *Paquequer*.

O lugar em que se achava era uma pequena baixa cavada entre dois outeiros pedregozos que se elevavam naquellas parajens. A relva que tapeçava essas fragoas, as arvores que haviam nascido nas fendas das pedras, e reclinando sobre o vale teciam um lindo docel de verdura, tornavam aquelle retiro pitoresco.

Não podia haver sitio mais agradavel para se passar uma sesta de estio, do que esse caramanchão cheio de sombra e de frescura, onde o canto das aves concertava com o trépido murmurio das aguas.

Por isso, apezar de ficar elle a alguma distancia da caza, a familia vinha ás vezes quando o tempo estava sereno gozar algumas horas da frescura delicioza que ali se respirava.

D. Antonio de Mariz, sentado junto de sua mulher, contemplava por entre uma aberta das folhas o céu azul e aveludado de nossa terra,

que os filhos da Europa não se cansam de admirar. Izabel, encostada a uma palmeira nova, olhava a correnteza do rio, murmurando baixo uma trova de Bernardim Ribeiro.

Cecilia corria pelo vale perseguindo um lindo colibri, que no vôo rapido iriava-se de mil cores, sintilando como o prisma de um raio solar. A linda menina, com o rosto animado, rindo-se dos volteios que a avezinha lhe fazia dar, como se brincasse com ella, achava nesse folguedo um vivo prazer.

Mas afinal, sentindo-se fatigada, foi recostar-se em um comoro de relva, que elevando-se no sopé do rochedo formava uma especie de divan natural. Descansou a cabeça no declive, e assim ficou com os pézinhos estendidos sobre a grama que os escondia como a lâ de um rico tapete: e o seio mimozo a arfar com o anhelito da respiração.

Algum tempo se passou sem que o menor incidente perturbasse o suave painel que formava esse grupo de familia.

De repente, entre o docel de verdura que cobria esta sena, ouviu-se um grito vibrante e uma palavra de lingua estranha:

— *Yara!*

É um vocabulo guarany: significa *a senhora*.

D. Antonio levantou-se: volvendo olhos rapidos, viu sobre a eminência que ficava sobranceira ao lugar em que estava Cecilia, um quadro orijinal.

De pé, fortemente apoiado sobre a baze estreita a que formava a rocha, um selvajem coberto com um ligeiro saio de algodão, metia o hombro a uma lasca de pedra que se desencravará do seu alveolo, e ia rolar pela encosta.

O indio fazia um esforço supremo para sustentar o pezo da laje prestes a esmagá-lo; e com o braço estendido de encontro a um galho de arvore mantinha por uma tensão violenta dos musculos o equilibrio do corpo.

A arvore tremia; por momentos parecia que pedra e homem se enrolavam n'uma mesma volta, e precipitavam-se sobre a menina sentada na aba da colina.

Cecilia ouvindo o grito erguera a cabeça, e olhava seu pai com alguma surpresa, sem adivinhar o perigo que a ameaçava.

Ver, lançar-se para sua filha, tomá-la nos braços, arranca-la á morte, foi para D. Antonio de Mariz uma só idéa e um só movimento, que realizou com a força e a impetuosidade do sublime amor de pai, que era toda a sua vida.

No momento em que o fidalgo deitava Cecilia quazi desmaiada sobre o regaço materno, o indio saltava no meio do vale; a pedra girando sobre si, precipitada do alto da colina, enterrava-se profundamente no chão.

Foi então que os outros espetadores desta sena, paralisados pelo choque que haviam sofrido, lançaram um grito de terror, pensando no perigo que já estava passado.

Uma larga esteira que descia da eminencia até o lugar onde Cecilia estivera recostada, mostrava a linha que descrevera a pedra na passagem, arrancando a relva e ferindo o chão. D. Antonio, ainda palido e tremulo do perigo que correria Cecilia, volvia os olhos daquella terra que se lhe afigurava uma campã, para o selva-jem que surjira, como um genio bemfazejo das florestas do Brazil.

O fidalgo não sabia o que mais admirar, se a força e heroismo com que elle salvára sua filha, se o milagre de agilidade com que se livrára a si proprio da morte.

Quanto ao sentimento que ditára esse proceder, D. Antonio não se admirava; conhecia o carater dos nossos selvajens, tão injustamente caluniados pelos historiadores; sabia que fóra da guerra e da vingança eram generozos, capazes de uma ação grande, e de um estimulo nobre.

Por muito tempo reinou silencio expressivo nesse grupo, que se acabava de transformar de modo tão imprevisto.

D. Lauriana e Izabel de joelhos oravam a Deus, rendendo-lhe graças; Cecilia ainda assustada apoiava-se ao peito de seu pai e beijava-lhe a mão com ternura; o indio humilde e submisso fitava um olhar profundo de admiração sobre a moça que tinha salvado.

Por fim D. Antonio passando o braço esquerdo pela cintura de sua filha, caminhou para o sel-

vajem, e estendeu-lhe a mão com gesto nobre e afavel: o indio curvou-se e beijou a mão do fidalgo.

— De que nação és? perguntou-lhe o cavalleiro em guarany.

— Goytacaz, respondeu o selvajem erguendo a cabeça com altivez.

— Como te chamas?

— Pery, filho de Ararê, primeiro de sua tribu.

— Eu, sou um fidalgo portuguez, um branco inimigo de tua raça, conquistador de tua terra; mas tu salvaste minha filha; ofereço-te a minha amizade.

— Pery aceita; tu já eras amigo.

— Como assim? perguntou D. Antonio admirado.

— Ouve.

O indio começou, na sua linguajem tão rica e poetica, com a doce pronuncia que parecia ter aprendido das auras da sua terra ou das aves das florestas virjens, esta simples narração:

“Era o tempo das arvores de ouro.

“A terra cobriu o corpo de Ararê, e as suas armas; menos o seu arco de guerra.

“Pery chamou os guerreiros de sua nação, e disse:

“— Pai morreu; aquelle que fôr o mais forte entre todos, terá o arco de Ararê. Guerra!”

«Assim falou Pery; os guerreiros responderam Guerra!

«Emquanto o sol alumiu a terra, caminhamos; quando a lua subiu ao céu, chegámos. Combatemos como Goytacazes. Toda a noite foi uma guerra. Houve sangue, houve fogo.

«Quando Pery abaixou o arco de Ararê não havia na taba dos brancos uma cabana em pé, um homem vivo; tudo era cinza.

«Veiu o dia e alumiu o campo; veiu o vento e levou a cinza.

«Pery tinha vencido; era o primeiro da sua tribo, e o mais forte de todos os guerreiros.

«Sua mãe chegou e disse:

«Pery, chefe dos Goytacazes, filho de Ararê, tu és grande, tu és forte como teu pai; tua mãe te ama.

«Os guerreiros chegaram e disseram:

«Pery, chefe de Goytacazes, filho de Ararê, tu és o mais valente da tribo, e o mais temido do inimigo; os guerreiros te obedecem.

«As mulheres chegaram e disseram:

«Pery, primeiro de todos, tu és belo como o sol, e flexível como a cana selvagem que te deu o nome; as mulheres são tuas escravas.

«Pery ouviu e não respondeu; nem a voz de sua mãe, nem o canto dos guerreiros, nem o amor das mulheres, o fez sorrir.

«Na caza da cruz, no meio do fogo, Pery tinha visto a senhora dos brancos; era alva como a filha da lua; era bela como a garça do rio.

«Tinha a côr do céu nos olhos; a côr do sol nos cabelos; estava vestida de nuvens, com um cinto de estrelas e uma pluma de luz.

«O fogo passou; a caza da cruz caíu.

«De noite Pery teve um sonho; a senhora apareceu; estava triste e falou assim:

«Pery, guerreiro livre, tu és meu escravo; tu me seguirás por toda a parte, como a estrela grande acompanha o dia.

«A lua tinha voltado o seu arco vermelho, quando tornámos da guerra; todas as noites Pery via a senhora na sua nuvem; ella não tocava a terra, e Pery não podia subir ao céu.

«O cajueiro quando perde a sua folha parece morto; não tem flor, nem sombra; chora umas lagrimas doces como o mel dos seus frutos.

«Assim Pery ficou triste.

«A senhora não appareceu mais; e Pery via sempre a senhora nos seus olhos.

«As arvores ficaram verdes; os passarinhos fizeram seus ninhos; o sabiá cantou; tudo ria: o filho de Ararê lembrou-se de seu pai.

«Veiu o tempo da guerra.

«Partimos; andámos; chegámos ao grande rio. Os guerreiros armaram as redes; as mulheres fizeram fogo; Pery olhou o sol.

«Viu passar o gavião.

«Se Pery fosse o gavião, ia ver a senhora no céu.

«Viu passar o vento.

«Se Pery fosse o vento, carregava a senhora no ar.

«Viu passar a sombra.

«Se Pery fosse a sombra, acompanhava a senhora de noite.

«Os passarinhos dormiram trez vezes.

«Sua mãe veio e disse:

«Pery, filho de Ararê, guerreiro branco salvou tua mãe; virjem branca tambem.

«Pery tomou suas armas e partiu; ia ver o guerreiro branco para ser amigo; e a filha da senhora para ser escravo.

«O sol chegava ao meio do céu e Pery chegava tambem ao rio; avistou longe a tua caza grande.

«A virjem branca apareceu.

«Era a senhora que Pery tinha visto; não estava triste como da primeira vez; estava alegre; tinha deixado lá a nuvem e as estrelas.

«Pery disse:

«A senhora desceu do céu, porque a lua sua mãe deixou; Pery, filho do sol, acompanhará a senhora na terra.

«Os olhos estavam na senhora; e o ouvido no coração de Pery. A pedra estalou e quiz fazer mal á senhora.

«A senhora tinha salvado a mãe de Pery, Pery não quiz que a senhora ficasse triste, e voltasse ao céu.

«Guerreiro branco, Pery, primeiro de sua

tribu, filho de Ararê, da nação Goytacaz, forte na guerra, te oferece o seu arco; tu és amigo.»

O indio terminou aqui a sua narração.

Emquanto falava, um assomo do orgulho selvagem da força e da coragem lhe brilhava nos olhos negros, e dava certa nobreza ao seu gesto. Embora ignorante, filho das florestas, era um rei; tinha a realzeza da força.

Apenas concluiu, a altivez do guerreiro deza- pareceu; ficou tímido e modesto; já não era mais do que um bárbaro em face de creaturas civilizadas, cuja superioridade de educação o seu instinto reconhecia.

D. Antonio o ouvia sorrindo-se do seu estilo ora figurado, ora tão sinjelo como as primeiras frases que balbucia a creança aos peitos maternos. O fidalgo traduzia da melhor maneira que podia essa linguagem poetica a Cecilia, a qual já livre do susto queria por força, apesar do medo que lhe cauzava o selvagem, saber o que elle dizia.

Compreenderam da historia de Pery, que uma india salva havia dois dias por D. Antonio das mãos dos aventureiros e a quem Cecilia enchera de presentes de velorios azues e escarlates, era a mãe do selvagem.

— Pery, disse o fidalgo, quando dois homens se encontram e ficam amigos, o que está na caza do outro recebe a hospitalidade.

— E' o costume que os velhos transmitiram aos moços da tribu, e os pais aos filhos.

— Tu ceará comnosco.

— Pery te obedece.

A tarde declinava; as primeiras estrelas luziam. A familia, acompanhada por Pery, dirigiu-se á caza, e subiu a esplanada.

D. Antonio entrou um momento e voltou trazendo uma linda clavina tauxiada com o braço de armas do fidalgo, a mesma que já vimos nas mãos do indio.

-- É a minha companheira fiel, a minha arma de guerra: nunca mentiu fogo, nunca errou o alvo: a sua bala é como a seta do teu arco. Pery, tu me deste minha filha; minha filha te dá a arma de guerra de seu pai.

O indio recebeu o presente com uma efusão de profundo reconhecimento.

— Esta arma que vem da senhora e Pery farão um só corpo.

A campa do terreiro tocou annunciando a ceia.

O indio, vexado no meio dos uzos estranhos, tomado de um santo respeito, não sabia como se ter.

Apezar de todos os esforços do fidalgo, que sentia um prazer indizível em mostrar-lhe quanto apreciava a sua ação e remoçara com a alegria de ver sua filha viva, o selvagem não tocou em um só manjar.

Por fim D. Antonio de Mariz conhecendo que

toda a insistencia era inutil, encheu duas taças de vinho das Canarias.

— Pery, disse o fidalgo, ha um costume entre os brancos, de um homem beber por aquelle que é amigo. O vinho é o licor que dá a força, a corajem, a alegria. Beber por um amigo é uma maneira de dizer que o amigo é e será forte, corajozo e feliz. Eu bebo pelo filho de Ararê.

— E Pery bebe por ti, porque és pai da senhora; bebe por ti, porque salvaste sua mãe; bebe por ti, porque és guerreiro.

A cada palavra o indio tocou a taça e bebeu um trago de vinho, sem fazer o menor gesto de desgosto; elle beberia veneno á saude do pai de Cecilia.

III

Genio do mal

Pery voltou por diferentes vezes á caza de D. Antonio de Mariz.

O velho fidalgo o recebia cordialmente e o tratava como amigo; seu carater nobre sympathizava com aquella natureza inculta.

Cecilia porém, apesar do reconhecimento que lhe inspirava a sua dedicação por ella, não podia vencer o receio que sentia vendo um desses selvajens de quem sua mãe lhe fazia tão feia descrição, e de cujo nome se servia para meter-lhe medo quando creança.

Em Izabel o indio fizera a mesma impressão que lhe cauzava sempre a presença de um homem daquella côr; lembrára-se de sua mãe infeliz, da raça de que provinha, e da cauza do desdem com que era geralmente tratada.

Quanto a D. Lauriana, via em Pery um cão fiel que tinha um momento prestado um serviço á familia, e a quem se pagava com um naco de pão. Devemos porém dizer que não era por mau coração que ella pensava assim, mas por prejuizos de educação.

Quinze dias depois que Cecilia fôra salva por Pery, uma manhã Ayres Gomes atravessou a esplanada e foi ter com D. Antonio que estava no seu gabinete.

— Sr. D. Antonio, esse estrangeiro a quem déstes hospedagem ha duas semanas, pede-vos audiencia.

— Manda-o vir.

Ayres Gomes introduziu o estrangeiro. Era esse mesmo Loredano em que se havia transformado o carmelita Fr. Angelo di Luca.

— Que dezejais, amigo, faltaram-vos em alguma couza?

— Ao contrario, Sr. cavalheiro; acho-me tão bem, que o meu dezejo seria ficar.

— E quem vos impede? A nossa hospitalidade assim como não pergunta o nome do que chega, tambem não lhe inquire o tempo da partida.

— A vossa hospitalidade é de um verdadeiro fidalgo, Sr. cavalheiro; mas não é della que dezejo falar.

— Explicai-vos então.

— Um homem da vossa banda vai ao Rio de Janeiro, onde tem mulher e filhos que lhe chegaram do Reino.

— Sim; já hontem me falou disso.

— Falta-vos pois um homem; eu posso ser este homem, se não achais nisso inconveniente.

— Nem um absolutamente.

— Nesse cazo posso considerar-me como admittido?

— Atendei; Ayres Gomes vai dizer-vos as condições a que vos sujeitais; se estiverdes por ellas é negocio decidido.

— Creio que já conheço essas condições, disse o italiano sorrindo.

— Ide sempre.

O fidalgo chamou o seu escudeiro, e incumbiu-o de pôr o italiano ao fato das condições do bando de aventureiros que tinha ao seu serviço. Era este um dos privilejios de Ayres Gomes, que o dezempenhava com toda a gravidade de que era susceptivel a sua personajem um tanto grotesca.

Chegados á esplanada, o escudeiro perfilou-se, e proferiu o seguinte introito:

— Lei, estatuto, rejimento, disciplina ou como melhor nome haja, a que se sujeita todo aquelle que entrar á soldada na banda do Sr. cavalheiro D. Antonio de Mariz, fidalgo cota d'armas, do tronco dos Marizes em linha reta.

Aqui o escudeiro molhou a palavra e proseguiu.

— *Primo*: Obedecer sem repinicar. Quem o contrario fizer perea morte natural.

O italiano fez um gesto de aprovação.

— Isto quer dizer, misser italiano, que se um dia o Sr. D. Antonio vos mandar saltar deste rochedo em baixo, fazei a vossa oração e saltai; porque de uma ou outra maneira, pelos pés ou pela cabeça, fé de Ayres Gomes, lá ireis.

Loredano sorriu.

— *Segundo*: Contentar-se com o que ha. Quem o contrario. . .

— Com o vosso respeito, Sr. Ayres Gomes, não vos deis a um trabalho inutil; sei tudo o que ides rezar-me, e por isso dispenso-vos de continuar.

— Que quereis dizer?

— Quero dizer que todos os camaradas, cada um por sua vez, já me descreveram a cerimonia que ora pondes em pratica.

— Não obstante. . .

— Escuzado é. Sei tudo, aceito tudo, juro tudo que quizerdes.

E dizendo isto o italiano fez uma viravolta, e dirijiu-se para o gabinete de D. Antonio, enquanto o escudeiro, zangado por não ter levado ao fim a sena de iniciação a que dava tão grande valor, resmungava:

— Não póde ser boa casta de gente!

Loredano apresentou-se a D. Antonio.

— Então? disse o fidalgo.

— Aceito.

— Bem; agora só falta uma couza, que Ayres Gomes não vos disse naturalmente.

— Qual, Sr. cavalheirõ?

— E' que D. Antonio de Mariz, disse o fidalgo pouzando a mão sobre o hombro do italiano, é um chefe rigorozo para seus homens, porém um amigo leal para seus companheiros. Sou aqui o senhor da caza e o pai de toda a familia a que atualmente pertenceis.

O italiano curvou-se para agradecer, mas sóbretudo para esconder a alteração da fisionomia.

Ouvindo as palavras nobres do fidalgo, sentiu-se perturbado; porque já então lhe fermentava no cerebro o plano da trama que ia urdir, e que vimos revelar-se um ano depois.

Saíndo do lugar em que deixára oculto o seu tezouro, o aventureiro caminhou direito á caza de D. Antonio de Mariz e pediu a hospitalidade que a ninguem se recuzava: sua intenção era passar-se ao Rio de Janeiro, onde concertaria os meios de aproveitar a fortuna.

Duas idéas se tinham apresentado ao seu espirito no momento em que se vira possuidor do roteiro de Roberio Dias.

Iria á Europa vender o seu segredo a Felippe III ou a qualquer outro soberano de uma nação poderosa e inimiga da Hespanha?

Exploraria por sua conta com alguns aventureiros que tomasse ao seu serviço esse tezouro fabuloso que devia eleva-lo ao fastigio da grandeza?

Esta ultima idéa lhe sorria mais; entretanto não tomou nem uma rezolução definitiva; posto o seu segredo em lugar seguro, aliviado desse pezo que o fazia estremecer a cada momento, o italiano rezolveu, como dissemos, ir pedir hospitalidade a D. Antonio de Mariz.

Aí formularia o seu plano, traçaria o caminho que devia seguir, e então voltaria a procurar o

papel que dormia no seio da terra, e com elle marcharia á riqueza, á fortuna, ao poder.

Chegado a caza do fidalgo, o ex-carmelita com o seu espirito de observação estudou o terreno e achou-o favoravel á realização de uma idéa que começou logo a germinar no seu espirito ate que tomou as proporções de um projeto.

Homens mercenarios que vendem a sua liberdade, consciencia e vida por um salario, não têm dedicação verdadeira senão a um objeto, o dinheiro; seu senhor, seu chefe e seu amigo é o que mais lhes paga. Fr. Angelo conhecia o coração humano, e por isso apenas iniciado no regimento da banda, avaliou do carater dos aventureiros.

— Esses homens me serviriam perfeitamente disse elle comsigo.

No meio dessas reflexões um fato veio produzir completa revolução nas suas idéas.

Viu Cecilia.

A imagem dessa bela menina, casta e innocente produziu naquella organização ardente e por muito tempo comprimida o mesmo efeito da faisca sobre a polvora.

Toda a continencia da sua vida monastica, todos os dezejos violentos que o habito tinha se lado como uma crosta de gelo, todo esse sangue vigoroso e forte da mocidade, passada em vijilias e abstinencias, refluíram ao coração e o sustentaram um momento.

Depois um extazis de voluptuosidade imensa

embebeu essa alma velha pela corrupção e pelo crime, mas virjem para o amor. O seu coração revelava-se com toda a veemencia da vontade audaz, que era o movel de sua vida.

Sentiu que essa mulher era tão necessaria á sua existencia, como o tezouro que sonhava; ser rico para ella, possui-la para gozar a riqueza, foi desde então o seu unico pensamento, a sua idéa dominante.

Um dos aventureiros deixava a caza; Lore-dano solicitou o seu lugar e o obteve como acabamos de ver; o seu plano estava traçado.

Qual era, já o sabemos pelas senas passadas; o italiano contava tornar-se senhor da banda, apoderar-se de Cecilia, ir ás minas encantadas, carregar tanta prata quanta pudesse levar, dirigir-se á Bahia, assaltar uma nau hespanhola, toma-la de abordagem, e fazer-se de vela para a Europa.

Aí armava navios de corso, voltava ao Brazil, explorava o seu tezouro, tirava delle riquezas imensas e... E o mundo abria-se diante de seus olhos cheio de esperanza, de futuro e felicidade.

Durante um ano trabalhou nessa empreza com uma sagacidade e intelijencia superior; ganhára os dois homens influentes da banda, Ruy Soeiro e Bento Simões; por meio delles preparava o dezenlace final.

Ignorado pelos outros elle dirigia essa conspiração que lavrava surdamente; só havia em toda a banda duas pessoas que o podiam perder.

Ora, Loredano não era homem que deixasse de prever a eventualidade de uma traição, e que entregasse aos seus dois cúmplices uma arma com que pudessem feri-lo; daí a lembrança desse testamento que entregára a D. Antonio de Mariz.

Sómente nesse papel, em vez de ter revelado o seu plano, como o italiano dissera a Ruy Soeiro, elle havia apenas indicado a traição dos dois aventureiros, declarando-se seduzido por elles; o frade mentia pois até na hora extrema em que o papel devia falar.

A confiança que tinha, e com razão, no caracter de D. Antonio tranquilizava-o completamente; sabia que em caso algum o fidalgo abri-ria um testamento que lhe fôra dado em depo- zito.

Eis como Fr. Angelo di Luca achava-se sob o seu novo nome de Loredano, pertencendo á caza de D. Antonio de Mariz e preparando-se para realizar a final o seu pensamento de todos os instantes.

Um ano havia que esperava, e como elle dizia estava cansado: rezolvera dar emfim o golpe e para isso, depois de haver esmagado os dois cúmplices com a sua ameaça, depois de os ha- ver reduzido a automatos obedecendo ao seu gesto; entendeu que seria conveniente ao mesmo tempo animar esses manequins com algum sen- timento que lhes dêsse o atrevimento, a audacia e a força necessaria para se lançarem na vora-

jem, e não trepidarem diante de nenhum obstaculo.

Este sentimento foi a ambição.

A' vista do roteiro era impossivel que não sentissem a febre da riqueza, a *auri sacra fames* que se havia apoderado delle proprio, no momento em que vira abrir-se diante de seus olhos um mar de prata fundida em que os seus labios podiam matar a sêde ardente que o devorava.

O efeito não desmentiu a sua previzão; lendo o rotulo, cada um dos aventureiros ficára eletrizado; para tocar aquelle abismo insondavel de riquezas, nem um delles hezitaria em passar sobre o corpo de seu amigo, ou mesmo sobre as cinzas de uma caza ou a ruina de uma familia.

Infelizmente aquella voz inesperada saída do seio da terra, viera modificar a situação.

Mas não antecipemos; por ora ainda estamos em 1603, um ano antes daquella sena, e ainda nos falta contar certas circumstancias que servirão para o seguimento desta veridica historia.

IV

Cecy

Poucas horas depois que Loredano fôra admitido na caza de D. Antonio de Mariz, Cecilia, chegando á janela do seu quarto, viu do lado oposto do rochedo Pery que a olhava com uma admiração ardente.

O pobre indio, timido e esquivo, não se animava a chegar-se á caza, senão quando via de lonje a D. Antonio de Mariz passeando sobre a esplanada; adivinhava que naquella habitação só o coração nobre do velho fidalgo sentia por elle alguma estima.

Havia quatro dias que o selvajem não apparecia; D. Antonio supunha já que elle tivesse voltado com sua tribu para os lugares onde vivia, e que só deixára para fazer a guerra aos indios e portuguezes.

A nação goytacaz dominava todo o territorio entre o Cabo de S. Thomé e o Cabo Frio; era um povo guerreiro, valente e destemido, que por diversas vezes fizera sentir aos conquistadores a força de suas armas.

Tinha arrazado completamente a colonia da

Parahyba fundada por Pedro de Góes; e depois de um assedio de seis mezes conseguira destruir igualmente a colonia da Vitoria fundada no Espirito Santo por Vasco Fernandes Coutinho.

Voltemos dessa pequena digressão historica ao nosso heroi.

O primeiro movimento de Cecilia, vendo o indio, fôra de susto; fujira insensivelmente da janela. Mas o seu bom coração irritou-se contra esse receio, e disse-lhe que ella não tinha que temer do homem que lhe salvára a vida. Lembrou-se que era ser má e ingrata pagar a dedicação que o indio lhe mostrava deixando-lhe ver a repugnancia que lhe inspirava.

Venceu pois a timidez, e assentou de fazer um sacrificio ao reconhecimento e gratidão que devia ao selvajem. Chegou á janela; fez com a mão alva e graciosa um gesto dizendo a Pery que se aproximasse.

O indio, não se contendo de alegria, correu para a caza, enquanto Cecilia ia ter com seu pai, e dizia-lhe:

— Vinde ver Pery, que chega, meu pai.

— Ah! inda bem, respondeu o fidalgo.

E acompanhando sua filha, D. Antonio foi ao encontro do indio que já subia a esplanada.

Pery trazia um pequeno cofo, tecido com extraordinaria delicadeza, feito de palha muito alva, todo rendado; por entre o crivo que formavam os fios, ouviam-se uns chilidos fracos e

um rumor ligeiro que faziam os pequenos habitantes desse ninho gracioso.

O indio ajoelhou aos pés de Cecilia; sem animar-se a levantar os olhos para ella apresentou-lhe o cabaz de palha: abrindo a tampa, a menina assustou-se, mas sorriu; um enxame de beija-flores esvoaçava dentro; alguns conseguiram escapar-se.

Destes um veiu aninhar-se no seu seio, o outro começou a voltejar em torno de sua cabeça loura, como se tomasse a sua boquinha rozada por um fruto.

A menina admirava essas avezinhas brilhantes, umas escarlates, outras azues e verdes; mas todas de reflexos dourados, e fórmãs mimosas e delicadas!

Vendo-se esses iris animados acredita-se que a natureza os creou com um sorriso, para viverem de polen e de mel, e para brilharem no ar como as flores na terra e as estrelas no céu.

Quando Cecilia se cansou de admirá-los, tomou-os um por um, beijou-os, aqueceu-os no seio, e sentiu não ser uma flor bela e perfumada para que elles a beijassem tambem, e esvoaçassem constantemente em torno della.

Pery olhava e era feliz; pela primeira vez depois que a salvára, tinha sabido fazer uma couza, que trouxera um sorriso de prazer aos labios da senhora. Entretanto, apesar dessa felicidade que sentia interiormente, era facil de

ver que o indio estava triste; elle chegou-se para D. Antonio de Mariz e disse-lhe :

— Pery vai partir.

— Ah! disse o fidalgo, voltas aos teus campos?

— Sim: Pery volta á terra que cobre os ossos de Ararê.

D. Antonio encheu o indio de presentes dados em seu nome e em nome de sua filha.

— Perguntai a elle por que razão parte e nos deixa, meu pai, disse Cecilia.

O fidalgo traduziu a pergunta.

— Porque a senhora não precisa de Pery, e Pery deve acompanhar sua mãe e seus irmãos.

— E se a pedra quizer fazer mal á senhora quem a defenderá? perguntou a menina sorrindo e fazendo alusão á narração do indio.

Ouvindo dos labios de D. Antonio a pergunta, o selvagem não soube o que responder, porque lhe lembrava um pensamento que já tinha passado por seu espirito; temia que na sua ausencia a menina corresse um perigo e elle não estivesse junto della para salva-la.

— Se a senhora manda, disse enfim, Pery fica.

Cecilia, apenas seu pai lhe traduziu a resposta do indio, riu-se daquella cega obediencia; mas era mulher; um atomo de vaidade dormia no fundo do seu coração de moça.

Ver aquella alma selvagem, livre como as aves que plainavam no ar, ou como os rios que corriam na varzea; aquella natureza forte e vigo-

roza que fazia prodijios de força e corajem; aquella vontade indomavel como a torrente que se precipita do alto da serra; prostrar-se aos seus pés submissa, vencida, escrava!...

Era preciso que não fosse mulher para não sentir o orgulho de dominar essa organização e brincar com a força obrigando-a a curvar-se diante do seu olhar.

As mulheres têm isso de particular; reconhecendo-se fracas a sua maior ambição é reinar pelo iman dessa mesma fraqueza, sobre tudo que é forte, grande e superior a ellas: não amam a inteliçencia, a corajem, o genio, o poder, senão para vencê-los e subjuga-los.

Entretanto a mulher deixa-se bastantes vezes dominar; mas é sempre pelo homem que não lhe excitando a admiração, não irrita a sua vaidade e não provoca por consequente essa luta da fraqueza contra a força.

Cecilia era uma menina injenua e inocente, que nem sequer tinha consciencia do seu poder, e do encanto de sua casta beleza; mas era filha de Eva, e não podia se eximir de um quazi nada de vaidade.

— A senhora não quer que Pery parta, disse ella com um arzinho de rainha, e fazendo um gesto com a cabeça.

O indio compreendeu perfeitamente o gesto.

— Pery fica.

— Vêde, Cecilia, replicou D. Antonio rindo: elle te obedece!

Cecilia sorriu.

— Minha filha te agradece o sacrificio, Pery, continuou o fidalgo; mas nem ella nem eu queremos que abandones a tua tribu.

— A senhora mandou, respondeu o indio.

— Ella queria ver se tu lhe obedecias: conheceu a tua dedicação, está satisfeita; consente que partas.

— Não!

— Mas os teus irmãos, tua mãe, tua vida livre?

— Pery é escravo da senhora.

— Mas Pery é um guerreiro e um chefe.

— A nação goytacaz tem cem guerreiros fortes como Pery; mil arcos ligeiros como o vôo do gavião.

— Assim, decididamente queres ficar?

— Sim; e como tu não queres dar a Pery a tua hospitalidade, uma arvore da floresta lhe servirá de abrigo.

— Tu me ofendes, Pery! exclamou o fidalgo; a minha caza está aberta para todos, e sobretudo para ti que és amigo, e salvaste minha filha.

— Não, Pery não te ofende; mas sabe que tem a pele côr de terra.

— E o coração de ouro.

Emquanto D. Antonio continuava a insistir com o indio para que partisse, ouviu-se um canto monotonico que saía da floresta.

Pery applicou o ouvido; descendo á esplanada

correu na direção donde partia a voz, que cantava com a cadencia triste e melancolica particular aos indios, a seguinte endeixa na lingua dos Guarany's :

«A estrela brilhou ; partimos com a tarde. A briza soprou ; nos leva nas azas.

«A guerra nos trouxe ; vencemos. A guerra acabou ; voltamos.

«Na guerra os guerreiros combatem ; ha sangue. Na paz as mulheres trabalham ; ha vinho.

«A estrela brilhou ; é hora de partir. A briza soprou ; é tempo de andar.»

A pessoa que modulava esta canção selvajem era uma india já idoza ; encostada a uma arvore da floresta ella vira por entre a folhagem a sena que passava na esplanada.

Chegando-se a ella, Pery ficou triste e vexado.

— Mãil... exclamou elle.

— Vem! disse a india seguindo pela mata.

— Não!

— Nós partimos.

— Pery fica.

A india fitou em seu filho um olhar de profunda admiração.

— Teus irmãos partem!

O selvagem não respondeu.

— Tua mãe parte!

O mesmo silencio.

— Teu campo te espera!

— Pery fica, mãe! disse elle com a voz comovida.

— Porque?

— A senhora mandou.

A pobre mãe recebeu esta palavra como uma sentença irrevogavel; sabia do imperio que exercia sobre a alma de Pery a imagem de Nossa Senhora, que elle tinha visto no meio de um combate e havia personificado em Cecilia.

Sentiu que ia perder o filho, orgulho de sua velhice, como Ararê tinha sido o orgulho de sua mocidade. Uma lagrima deslizou pela sua face côr de cobre.

— Mãe, toma o arco de Pery; enterra junto dos ossos de seu pai: e queima a cabana de Ararê.

— Não; se algum dia Pery voltar, achará a cabana de seu pai, e sua mãe para ama-lo: tudo vai ficar triste até que a lua das flores leve o filho de Ararê ao campo onde nasceu.

Pery abanou a cabeça com tristeza:

— Pery não voltará!

Sua mãe fez um gesto de espanto e desespero.

— O fruto que cai da arvore não torna mais a ella; a folha que se despega do ramo, murcha, seca e morre; o vento a leva. Pery é a folha;

tu és a arvore, mãe. Pery não voltará ao teu seio.

— A Virjem branca salvou tua mãe; devia deixa-la morrer, para não lhe roubar seu filho. Uma mãe sem seu filho é uma terra sem agua; queima e mata tudo que se chega a ella.

Estas palavras foram acompanhadas de um olhar de ameaça, em que se revelava a ferocidade do tigre que defende os seus cachorrinhos.

— Mãe, não ofende a senhora; Pery morreria, e na ultima hora não se lembraria de ti.

Os dois ficaram algum tempo em silencio.

— Tua mãe fica! disse a india com um acento de resolução.

— E quem será a mãe da tribu? Quem guardará a cabana de Pery? Quem contará aos pequenos as guerras de Ararê, forte entre os mais fortes? Quem dirá quantas vezes a nação goytacaz levou o fogo á taba dos brancos e venceu os homens do raio? Quem ha de preparar os vinhos e as bebidas para os guerreiros, e ensinar aos filhos os costumes dos velhos?

Pery proferiu estas palavras com a exaltação, que despertavam nelle as reminiscencias de sua vida selvajem; a india ficou pensativa e respondeu:

— Tua mãe volta; vai te esperar na porta da cabana, á sombra do jambeiro; se a flor do jambo vier sem Pery, tua mãe não verá os frutos da arvore.

A india pouzou as mãos sobre os hombros de

seu filho, e encostou a fronte na fronte delle; durante um momento as lagrimas que saltavam dos olhos de ambos se confundiram.

Depois ella afastou-se lentamente; Pery seguiu-a com os olhos até que desapareceu na floresta: esteve a correr, chama-la e partir com ella. Mas o vento lhe trazia a voz arjentina de Cecilia que falava com seu pai; ficou.

Nessa mesma noite construiu aquella pequena cabana que se via na ponta do rochedo, e que ia ser o seu mundo.

Passaram trez mezes.

Cecilia que um momento conseguira vencer a repugnancia que sentia pelo selvajem, quando lhe ordenára que ficasse, não se lembrou da ingratição que cometia e não disfarçou mais a sua antipatia.

Quando o indio chegava-se a ella, soltava um grito de susto; ou fugia, ou ordenava-lhe que se retirasse; Pery que já falava e entendia o portuguez, afastava-se triste e humilde.

Entretanto a sua dedicação não se desmentia; elle acompanhava a D. Antonio de Mariz nas suas excursões, ajudava-o com a sua experiencia, guiava-o aos lugares onde havia terrenos auriferos ou pedras preciosas. De volta destas expedições corria todo o dia os campos para procurar um perfume, uma flor, um passaro, que entregava ao fidalgo e pedia-lhe desse a *Cecy*, pois já não se animava a chegar-se para ella, com receio de desgosta-la.

Cecy era o nome que o indio dava á sua senhora, depois que lhe tinham ensinado que elle se chamava Cecilia.

Um dia a menina ouvindo chamar-se assim por elle, e achando um pretexto para zangar-se contra o escravo humilde que obedecia ao seu menor gesto, repreendeu-o com aspereza :

— Porque me chamas tu *Cecy*?

O indio sorriu tristemente.

— Não sabes dizer Cecilia?

Pery pronunciou claramente o nome da moçoila com todas as silabas; isto era tanto mais admiravel quando a sua lingua não conhecia quatro letras, das quaes uma era o L.

— Mas então, disse a menina com alguma curiosidade, se tu sabes o meu nome, porque o não dizes sempre?

— Porque *Cecy* é o nome que Pery tem dentro da alma.

— Ah! é um nome de tua lingua?

— Sim.

— O que quer dizer?

— O que Pery sente.

— Mas em portuguez?

— Senhora não deve saber.

A menina bateu com a ponta do pé no chão e fez um gesto de impaciencia.

D. Antonio passava: Cecilia correu ao seu encontro :

— Meu pai, dissei-me o que significa *Cecy* nessa lingua selvagem que falais.

— *Cecy!*... disse o fidalgo procurando lembrar-se. Sim! É um verbo que significa doer, magoar. *hust, pain*

A menina sentiu um remorso; reconheceu a sua ingratidão, e lembrando-se do que devia ao selvagem e da maneira por que o tratava, achou-se má, egoísta e cruel.

— Que doce palavra! disse ella a seu pai; parece um canto de passaro.

Desde este dia foi boa para Pery; pouco a pouco perdeu o susto; começou a compreender essa alma inculta; viu nelle um escravo, depois um amigo fiel e dedicado.

— Chama-me *Cecy*, dizia ás vezes ao indio sorrindo-se; este doce nome me lembrará que fui má para ti; e me ensinará a ser boa.

Vilania

E' tempo de continuar esta narração interrompida pela necessidade de contar alguns factos anteriores.

Voltemos pois ao lugar em que se achava Loredano e seus companheiros tomados de medo pela exclamação inesperada que soára no meio delles.

Os dois cúmplices, supersticiosos como eram as pessoas de baixa classe naquelle tempo, attribuiam o facto a uma cauza sobrenatural, e viam nelle um avizo do céu. Loredano porém não era homem que cedesse a semelhante fraqueza; tinha ouvido uma voz; e essa voz, embora surda e cava, devia ser de um homem.

Quem elle era? Seria D. Antonio de Mariz? Seria algum dos aventureiros? Não podia saber; o seu espirito perdia-se num caos de duvidas e incertezas.

Fez um gesto a Ruy Soeiro e a Bento Simões para que o seguissem; e apertando ao seio o fatal pergaminho, cauza de tantos crimes, lançou-se pelo campo. Teriam feito umas cin-

coenta braças de caminho, quando viram cortar pela vereda que elles seguiam um cavalheiro que o italiano reconheceu immediatamente ; era Alvaro.

O moço procurava a solidão para pensar em Cecilia, mas sobretudo para refletir n'um fato que se tinha dado essa manhã e que elle não podia compreender.

Vira de lonje a janela de Cecilia abrir-se, as duas moças apparecerem, trocarem um olhar; depois Izabel cair de joelhos aos pés de sua prima. Se elle tivesse ouvido o que já sabemos, teria perfeitamente comprehendido, mas lonje como estava, apenas podia ver sem ser visto das duas moças.

Loredano, vendo o cavalheiro passar, voltou-se para os seus companheiros :

— Ei-lo!... disse com um olhar que brilhou de alegria. Imbecis! que attribuis ao céu aquillo que não sabeis explicar!...

E acompanhou estas palavras com um sorriso de profundo desprezo.

— Esperai-me aqui.

— O que ides fazer? perguntou Ruy Soeiro.

O italiano voltou-se sorprezo: depois levantou os hombros, como se a pergunta do seu companheiro não merecesse resposta.

Ruy Soeiro, que conhecia o carater desse homem, entendeu o gesto; um resquicio de generosidade que ainda havia no seu coração corrompido, o fez segurar o braço do seu companheiro para rete-lo.

Vilania

E' tempo de continuar esta narração interrompida pela necessidade de contar alguns factos anteriores.

Voltemos pois ao lugar em que se achava Loredano e seus companheiros tomados de medo pela exclamação inesperada que soára no meio delles.

Os dois cumplices, supersticiosos como eram as pessoas de baixa classe naquelle tempo, attribuiam o facto a uma cauza sobrenatural, e viam nelle um avizo do céu. Loredano porém não era homem que cedesse a semelhante fraqueza; tinha ouvido uma voz; e essa voz, embora surda e cava, devia ser de um homem.

Quem elle era? Seria D. Antonio de Mariz? Seria algum dos aventureiros? Não podia saber; o seu espirito perdia-se num caos de duvidas e incertezas.

Fez um gesto a Ruy Soeiro e a Bento Simões para que o seguissem; e apertando ao seio o fatal pergaminho, cauza de tantos crimes, lançou-se pelo campo. Teriam feito umas cin-

coenta braças de caminho, quando viram cortar pela vereda que elles seguiam um cavalheiro que o italiano reconheceu immediatamente ; era Alvaro.

O moço procurava a solidão para pensar em Cecilia, mas sobretudo para refletir n'um fato que se tinha dado essa manhã e que elle não podia compreender.

Vira de lonje a janela de Cecilia abrir-se, as duas moças apparecerem, trocaram um olhar; depois Izabel caír de joelhos aos pés de sua prima. Se elle tivesse ouvido o que já sabemos, teria perfeitamente comprehendido, mas lonje como estava, apenas podia ver sem ser visto das duas moças.

Loredano, vendo o cavalheiro passar, voltou-se para os seus companheiros :

— Ei-lol... disse com um olhar que brilhou de alegria. Imbecis ! que attribuis ao céu aquillo que não sabeis explicar!...

E acompanhou estas palavras com um sorriso de profundo desprezo.

— Esperai-me aqui.

— O que ides fazer? perguntou Ruy Soeiro.

O italiano voltou-se surpresa: depois levantou os hombros, como se a pergunta do seu companheiro não merecesse resposta.

Ruy Soeiro, que conhecia o carater desse homem, entendeu o gesto; um resquicio de generosidade que ainda havia no seu coração corrompido, o fez segurar o braço do seu companheiro para rete-lo.

— Quereis que fale?... disse Loredano.

— É mais um crime inutil! acudiu Bento Simões.

O italiano fitou nelle os olhos frios como o contato do aço polido:

— Ha um mais util, amigo Simões; cuidaremos delle a seu tempo.

E sem esperar a replica, meteu-se pelas moitas que cobriam o campo nesse lugar, e seguiu Alvaro que continuava lentamente o seu caminho.

O moço, apesar de preocupado, tinha o habito da vida arriscada dos nossos caçadores do interior, obrigados a romper as matas virjens.

Aí o homem vê-se cercado de perigos por todos os lados; da frente, das costas, á esquerda, á direita, do ar, da terra, póde surgir de repente um inimigo oculto pela folhagem, que se aproxima sem ser visto.

A unica defeza é a subtileza do ouvido que sabe distinguir entre os rumores vagos da floresta aquelle que é produzido por uma ação mais forte do que a do vento; assim como a rapidez e certeza da vista que vai perscrutar as sombras das moitas, e devassar a folhagem espessa das arvores.

Alvaro tinha esse dom dos caçadores habeis; apenas o vento lhe trouxe um estalido de folhas secas pizadas levantou a cabeça, e circulou o campo com os olhos: depois por prudencia encostou-se ao grosso tronco de uma arvore izo-

lada, e cruzando os braços sobre a clavina esperou.

Nessa posição o inimigo, qualquer que elle fosse, féra, reptil ou homem, não o podia atacar senão de face; elle o veria aproximar-se e o receberia.

Loredano agachado entre as folhas tinha notado este movimento e hezitára; mas o seu segredo estava comprometido; a suspeita que concebera de que Alvaro fôra quem ha pouco o ameaçára com a palavra *traidores*, acabava de confirmar-se no seu espirito, vendo a prudencia com que o moço evitava uma surpresa.

O cavalheiro era um inimigo terrivel, e jogava todas as armas com uma destreza admiravel.

A lamina de sua espada como uma cobra elastica, flexivel, rapida, volteava sibilando e atirava o bote com a velocidade e a certeza do cascavel. O arremesso do seu punhal, vibrado pelo braço ligeiro e auxiliado pela agilidade do corpo, era como raio; listrava no ar uma cruz de fogo, e caía sobre o peito do inimigo e o fulminava.

A bala de sua clavina era uma mensajeira fiel que ia buscar a ave que parava no ar, ou a folha que o vento agitava. Muitas vezes na esplandada da caza, o italiano vira Alvaro, depois de ter feito milagres de pontaria, quebrar no ar as setas que Pery atirava de propozito para lhe servirem de alvo.

Cecilia aplaudia batendo as mãos; Pery ficava contente por vêr a senhora alegre; e embora para elle que fazia muito mais, aquillo fosse uma couza vulgar, deixava que o moço conservasse a superioridade, e fosse por todos admirado.

Mas Alvaro sabia que só um homem podia lutar com elle, e levar-lhe vantagem em qualquer arma, e esse era Pery; porque juntava á arte a superioridade do selvagem habituado desde o berço á guerra constante que é a sua vida.

Loredano tinha pois razão de hezitar em atacar de frente um inimigo desta força; mas a necessidade urjia, e o italiano era corajozo e ajil tambem. Endireitou para o cavalheiro, rezolvido a morrer ou a salvar a sua vida e a sua fortuna.

Alvaro vendo-o aproximar-se rugou o sob'olho; depois do que se tinha passado na vespera e nessa manhã, odiava aquelle homem ou antes desprezava-o.

— Aposto que tivestes o mesmo pensamento que eu, Sr. cavalheiro? disse o aventureiro, quando chegou a trez passos de distancia.

— Não sei o que pretendeis dizer, replicou o moço secamente.

— Pretendo, Sr. cavalheiro, que dois homens que se odeiam acham-se melhor n'um lugar solitario, do que no meio dos companheiros.

— Não é odio que me inspirais, é desprezo;

é mais do que desprezo, é asco. O reptil que se roja pelo chão cauza-me menos repugnancia do que o vosso aspeto.

— Não disputemos sobre palavras, Sr. cavalheiro; tudo vem dar no mesmo; eu vos odeio, vós me desprezais; podia dizer-vos outro tanto.

— Miseravell... exclamou o cavalheiro levando a mão á guarda da espada.

O movimento foi tão rapido, que a palavra soou ao mesmo tempo que a ponta da lamina de aço batendo na face do italiano.

Loredano quiz evitar o insulto, mas não era tempo: seus olhos injetaram-se de sangue:

— Sr. cavalheiro, deveis-me satisfação do insulto que me acabais de fazer.

— É justo, respondeu Alvaro com dignidade; mas não á espada que é a arma do cavalheiro; tirai o vosso punhal de bandido, e defendei-vos.

Proferindo estas palavras, o moço embainhou a espada com toda a calma, segurou-a á cinta para não embaraçar-lhe os movimentos e sacou o seu punhal, excelente folha de Damasco.

Os dois inimigos marcharam um para o outro, e lançaram-se; o italiano era ágil e forte, e defendia-se com suma destreza; por duas vezes já, o punhal de Alvaro, roçando-lhe o pescoço, tinha cortado o talho de seu gibão de belbute.

De repente Loredano, ficando os pés, deu um pulo para traz, e ergueu a mão esquerda em sinal de tregoa.

— Estais satisfeito? perguntou Alvaro.

— Não, Sr. cavalheiro; mas penso que em vez de nos estarmos aqui a fatigar inutilmente, melhor seria tomarmos um meio mais expedito.

— Escolhei o que quizerdes, menos a espada; o mais me é indiferente.

— Outra couza ainda; se nos batermos aqui, podemos incomodar-nos reciprocamente; porque pretendo matar-vos, e creio que o mesmo desejo tendes a meu respeito. Ora é preciso que desapareça o que ficar, e o outro não leve um vestígio que o possa denunciar.

— Que quereis fazer neste cazo?

— O rio está aqui perto, tendes a vossa clava; colocar-nos-emos cada um sobre uma ponta de rochedo, aquelle que cair morto ou simplesmente ferido, pertencerá ao rio e á cachoeira; não incomodará o outro.

— Tendes razão, é melhor assim; eu me envergonharia se D. Antonio de Mariz soubesse que me bati com um homem da vossa qualidade.

— Sigamos, Sr. cavalheiro; nós nos odiamos bastante para não gastarmos tempo em palavras.

Ambos tomaram na direção do rio, cujo estrepito ouvia-se distintamente.

Alvaro, valente e corajoso, desprezava muito o seu inimigo para ter o menor receio d'elle; demais a sua alma nobre e leal, incapaz da mais pequena vilania, não pensava na traição. Nunca podia lembrar-lhe que um homem que o viera provocar e ia medir-se com elle n'um combate

franco, levasse a infamia a ponto de querer feri-lo pelas costas.

Assim, continuou a caminhar, quando o italiano, deixando cair de proposito a cinta da espada, parou um instante para apanha-la e prende-la de novo.

O que se passava então no seu espirito não estava de acordo com as idéas nobres do cavalleiro; vendo o moço adiantar-se, disse consigo:

— Precizo da vida deste homem, eu a tenho! Seria uma loucura deixa-la escapar, e pôr a minha em risco. Um duelo neste dezerto, sem testemunhas, é um combate em que a vitoria pertence ao mais esperto.

Dizendo isto o italiano ia armando a sua clavinha com toda a cautela, e seguia de lonje a Alvaro, afim de que o ranjer do ferro ou o silencio de suas pizadas não excitassem a atenção do moço.

Alvaro caminhava tranquilamente; seu pensamento estava bem lonje d'elle, e esvoaçava em torno da imajem de Cecilia, junto da qual via os grandes olhos negros e aveludados de Izabel embebidos n'uma languidez melancolica: era a primeira vez que aquelle rosto moreno e aquella beleza ardente e voluptuoza se viera confundir em sonhos com o anjo louro de seus amores.

Donde provinha isto? O moço não sabia explicar, mas um quer que seja, como um presen-

timento, lhe dizia que naquella sena da janela havia entre as duas moças um segredo, uma confidencia, uma revelação, e que esse segredo era elle.

Assim, quando a morte se aproximava, quando já o bafejava e ia toca-lo, elle descuidozo e pensativo repassava no pensamento idéas de amor, e alimentava-se de esperanças. Não se lembrava de morrer; tinha consciencia de si e fé em Deus; mas se por acazo uma fatalidade caísse sobre elle, consolava-o a idéa de que Cecilia, ofendida, lhe perdoaria um resto de resentimento que talvez conservasse.

Nisto meteu a mão no seio do gibão e tirou o jasmim que a moça lhe dera, e que já tinha murchado ao contato dos seus labios ardentes; ia beija-lo ainda uma vez, quando lembrou-se que o italiano podia vê-lo.

Mas não ouviu os passos do aventureiro; a primeira idéa que lhe veiu foi que elle tinha fujido; e como a cobardia para as almas grandes se associa á baixeza, lembrou-se de uma traição.

Quiz voltar-se, e entretanto não o fez. Mostrar que tinha medo daquelle miseravel revoltava os seus brios de cavalheiro; ergueu a cabeça com altivez e seguiu.

Mal sabia elle que nesse momento o fecho da clavina movido por um dedo seguro caía, e que a bala ia partir guiada pelo olhar certo do italiano.

Nobreza

Alvaro ouviu um sibilo agudo.

A bala roçando pela aba rebatida de seu chapéu de feltro cortou a ponta da pluma escarlata que se enroscava sobre o hombro.

O moço voltou-se calmo, sereno, impassível; nem um musculo do seu rosto ajitou-se; apenas um sorrizo de soberano desprezo arqueava o labio superior, sombreado pelo bigode negro.

O espetaculo que se ofereceu aos seus olhos cauzou-lhe uma surpresa extraordinaria; não esperava de certo ver o que se passava a dez passos d'elle.

Pery mostrando nos movimentos toda a força muscular de sua organização de aço, com a mão esquerda segura á nuca de Loredano, curvava-o sob a pressão violenta, e obrigava-o a ajoelhar.

O italiano livido, com o rosto contraído e os olhos imensamente dilatados, tinha ainda entre as mãos hirtas a clavina fumegante.

O indio arrancou-a e sacando a longa faca, levantou o braço para crava-la no alto da cabeça do italiano.

Mas Alvaro tinha-se adiantado e aparou o golpe: depois estendeu a mão ao indio.

— Solta este miseravel, Pery!

— Não!

— A vida deste homem me pertence; atirou sobre mim; é a minha vez de atirar sobre elle.

Alvaro ao mesmo tempo que dizia estas palavras, armava a clavina, e apoiava a boca na frente do italiano.

— Ides morrer. Fazei a vossa oração.

Pery abaixou a faca; recuou um passo, e esperou.

O italiano não respondeu; a sua oração foi uma blasfemia horrivel e satanica; as palpitações violentas do coração batiam de encontro ao pergaminho que tinha no seio, e lembravam-lhe o seu tezouro que ia talvez cair nas mãos de Alvaro e dar-lhe a riqueza de que não pudéra gozar.

Entretanto, na baixeza dessa alma havia ainda alguma altivez, o orgulho do crime; não suplicou, não disse uma palavra, sentindo o contato frio do ferro sobre a frente, fechou os olhos e julgou-se morto.

Alvaro olhou-o um instante, e abaixou a clavina:

— Tu és indigno de morrer á mão de um homem, e por uma arma de guerra; pertences ao pelourinho e ao carrasco. Seria um roubo feito á justiça de Deus.

Loredano abriu os olhos ; seu rosto iluminou-se com um raio de esperança.

— Vais jurar que amanhã deixarás a caza de D. Antonio de Mariz, e nunca mais porás o pé neste sertão ; por tal preço tens a vida salva.

— Juro ! exclamou o italiano.

O moço tirou o colar que dava trez voltas sobre os hombros, e apresentou a Loredano a cruz vermelha do Christo que lhe pendia do peito : o aventureiro estendeu a mão, e repetiu o juramento.

— Ergue-te ; e tira-te dos meus olhos.

E com o mesmo desprezo e a mesma nobreza, o cavalheiro dezarmou a sua clavina ; voltou-se para continuar o seu caminho fazendo um sinal a Pery para que o acompanhasse.

O indio, enquanto se passava a rapida sena que descrevemos, refletia profundamente.

Quando ouvira o que diziam ha pouco Loredano e seus dois companheiros, quando pelo resto da conversa comprehendera que se tratava de fazer mal á sua senhora e a D. Antonio de Mariz, a sua primeira idéa tinha sido lançar-se aos trez inimigos e mata-los.

Foi por isso que soltou aquella palavra que revelava a sua indignação ; mas immediatamente lembrou-se que elle podia morrer, e que nesse cazo Cecilia não teria quem a defendesse. Pela primeira vez na sua vida teve medo ; teve medo por sua senhora, e sentiu não possuir mil vidas para sacrificá-las todas á sua salvação.

Fujiu então com bastante rapidez para não ser visto pelo italiano que subia á arvore : afastou-se delles ; chegando á beira do rio, lavou a sua tunica de algodão, que ficára manchada de sangue ; não queria que soubessem que estava ferido.

Emquanto se entregava a este trabalho, combinava um plano de ação.

Rezolveu não dizer nada a quem quer que fosse, nem mesmo a D. Antonio de Mariz : duas razões o levavam a proceder assim ; a primeira era o receio de não ser acreditado, pois não tinha provas com que pudesse justificar a acuzação, que elle, indio, ia fazer contra homens brancos ; a segunda era a confiança que tinha de que elle só bastava para desfazer todas as tramas dos aventureiros, e lutar contra o italiano.

Assentado este primeiro ponto, passou á execução do plano ; esta reduzia-se para elle em uma punição ; aquelles trez homens queriam matar, portanto deviam morrer, mas deviam morrer ao mesmo tempo, do mesmo golpe. Pery receava que, combinados como estavam, se um escapasse vendo succumbir seus companheiros, se deixaria levar pelo desespero e anteciparia a realização do crime antes que elle o pudesse prevenir.

A sua inteliçencia sem cultura, mas brilhante como o sol de nossa terra, vigorosa como a vejetação deste solo, guiava-o nesse raciocinio com uma lojica e uma prudencia, dignas do

homem civilizado; previa todas as hipoteses, combinava todas as probabilidades, e preparava-se para realizar o seu plano com a certeza e a energia de ação que ninguém possuía em grau tão elevado.

Assim dirigindo-se para a caça onde o chamava um outro dever, o de avizar a D. Antonio da eventualidade de um ataque dos Aymorés, elle tinha passado junto de Bento Simões e Ruy Soeiro, e guiado pelos olhares destes viu ao lonje Loredano no momento em que apontava sobre o cavalheiro.

Correr, cair sobre o italiano, desviar a pontaria, e dobra-lo sobre os joelhos, foi um movimento tão rapido que os dois aventureiros apenas o viram passar, viram ao mesmo tempo o seu companheiro subjugado.

A realização do projeto de Pery apresentava-se naturalmente, sem ser procurada. Tinha o italiano na sua mão; depois d'elle caminhava aos dois aventureiros, para os quais bastava a sua faca; e quando tudo estivesse consumado iria ter com D. Antonio de Mariz e lhe diria:

— Esses trez homens vos traíam, matei-os; se fiz mal, puni-me.

A intervenção de Alvaro, cuja generosidade salvou a vida de Loredano, transtornou completamente esse plano; ignorando o motivo por que Pery ameaçava o aventureiro, julgando que era unicamente para punil-o da tentativa que acabava de cometer perfidamente contra elle, o

cavalheiro a quem repugnava tirar a vida a um homem sem necessidade, satisfez-se com o juramento, e a certeza de que deixaria a caza.

Emquanto isto se dava, Pery refletia na possibilidade de fazer as couzas voltarem á mesma posição; mas conheceu que não o conseguiria.

Alvaro tinha recebido de D. Antõnio de Mariz todos os principios daquella antiga lealdade cavalheiresca do seculo xv, os quais o velho fidalgo conservava como o melhor legado de seus avós; o moço moldava todas as suas ações, todas as suas idéas, por aquelle tipo dos barões portuguezes que haviam combatido em Aljubarrota ao lado do Mestre de Aviz, o rei cavalleiro.

Pery conhecia o carater do moço; e sabia que depois de ter dado a vida a Loredano, embora o desprezasse, não consentiria que em presença delle lhe tocassem n'um cabelo; e se preciso fosse tiraria a sua espada para defender este homem, que acabava de tentar contra sua existencia.

E o indio respeitava a Alvaro, não por sua cauza, mas por Cecilia a quem elle amava; qualquer desgraça que succedesse ao cavalleiro tornaria a senhora triste; isto bastava para que a pessoa do moço fosse sagrada, como tudo o que pertencia á menina, ou que era necessario ao seu descanso, ao seu socego e felicidade.

O resultado desta reflexão foi Pery meter a

sua faca á cinta; e sem importar-se mais com o italiano, acompanhar o cavalheiro.

Ambos seguiram em direção da caza, caminhando ao longo da margem do rio.

— Obrigado ainda uma vez, Pery; não pela vida que me salvaste, mas pela estima que me tens.

◊ E o moço apertou a mão do selvagem:

— Não agradece; Pery nada te fez; quem te salvou foi a senhora.

Alvaro sorriu-se da franqueza do indio e còrou da aluzão que havia em suas palavras.

— Se tu morresses a senhora havia de chorar; e Pery quer ver a senhora contente.

— Tu te enganas; Cecilia é boa, e sentiria da mesma maneira o mal que succedesse a mim, como a ti, ou a qualquer dos que está acostuada a ver.

— Pery sabe porque fala assim; tem olhos que vêem, e ouvidos que ouvem; tu és para a senhora o sol que faz o jambo córado, e o sereno que abre a flor da noite.

— Pery!... exclamou Alvaro.

— Não te zangues, disse o indio com doçura; Pery te ama, porque tu fazes a senhora sorrir. A cana quando está á beira d'agua, fica verde e alegre; quando o vento passa, as folhas dizem Ce-Cy. Tu és o rio; Pery é o vento que passa docemente, para não abafar o murmurio da corrente; é o vento que curva as folhas até tocarem n'agua.

Alvaro fitou no indio um olhar admirado. Onde é que este selvagem sem cultura aprendera a poezia simples, mas graciosa; onde bebera a delicadeza de sensibilidade que difficilmente se encontra n'um coração gasto pelo atrito da sociedade?

A sena que se dezenrolava a seus olhos respondeu-lhe; a natureza brasileira, tão rica e brilhante, era a imajem que reproduzia aquelle espirito virjem, como o espelho das aguas reflete o azul do céu.

Quem conhece a vejetação de nossa terra desde a parazita mimoza até o cedro gigante; quem no reino animal desce do tigre e do tapir, simbolos da ferocidade e da força, até o lindo beija-flor e o inseto dourado; quem olha este céu que passa do mais puro anil aos reflexos bronzeados que anunciam as grandes borrascas; quem viu sob a verde pelucia da relva esmaltada de flores que cobre as nossas varzeas deslizar mil reptis que levam a morte n'um atomo de veneno, comprehende o que Alvaro sentiu.

Com effeito, o que exprime essa cadeia que liga os dois extremos de tudo o que constitue a vida? Que quer dizer a força no apice do poder aliada á fraqueza em todo o seu mimo; a beleza e a graça succedendo aos dramas terribes e aos monstros repulsivos; a morte horriavel a par da vida brilhante?

Não é isso a poezia? O homem que nasceu, embalou-se e cresceu nesse berço perfumado;

no meio de senas tão diversas, entre o eterno contraste do sorriso e da lagrima, da flor e do espinho, do mel e do veneno, não é um poeta?

Poeta primitivo, canta a natureza na mesma linguagem da natureza; ignorante do que se passa nelle, vai procurar nas imagens que tem diante dos olhos, a expressão do sentimento vago e confuzo que lhe ajita a alma.

Sua palavra é a que Deus escreveu com as letras que formam o livro da criação; é a flor, o céu, a luz, a côr, o ar, o sol; sublimes couzas que a natureza fez sorrindo.

A sua fraze corre como o regato que serpeja, ou salta como o rio que se despenha da cascata; ás vezes se eleva ao cimo da montanha, outras desce e rasteja como o inseto, subtil, delicada e mimoza.

Eis o que a decoração da sena majestosa, no meio da qual se achava á beira do *Paquequer*, disse a Alvaro; mas rapidamente, por uma dessas impressões que se projetam no espirito como a luz no espaço.

O moço recebeu a confissão injenua do indio sem o minimo sentimento hostile; ao contrario apreciava a dedicação que o selvajem tinha por Cecilia, e ia ao ponto de amar a tudo quanto sua senhora estimava.

— Assim, disse Alvaro sorrindo, tu só me amas porque pensas que Cecilia me quer? disse o moço.

— Pery só ama o que a senhora ama: porque

Alvaro fitou no indio um olhar admirado. Onde é que este selvajem sem cultura aprendera a poezia simples, mas graciosa; onde bebera a delicadeza de sensibilidade que difficilmente se encontra n'um coração gasto pelo atrito da sociedade?

A sena que se dezenrolava a seus olhos respondeu-lhe; a natureza brasileira, tão rica e brilhante, era a imagem que reproduzia aquelle espirito virjem, como o espelho das aguas reflecte o azul do céu.

Quem conhece a vejetação de nossa terra desde a parazita mimoza até o cedro gigante; quem no reino animal desce do tigre e do tapir, simbolos da ferocidade e da força, até o lindo beija-flor e o inseto dourado; quem olha este céu que passa do mais puro anil aos reflexos bronzeados que anunciam as grandes borrascas; quem viu sob a verde pelucia da relva esmaltada de flores que cobre as nossas varzeas deslizar mil reptis que levam a morte n'um atomo de veneno, comprehende o que Alvaro sentiu.

Com effeito, o que exprime essa cadeia que liga os dois extremos de tudo o que constitue a vida? Que quer dizer a força no apice do poder aliada á fraqueza em todo o seu mimo; a beleza e a graça succedendo aos dramas terribes e aos monstros repulsivos; a morte horriavel a par da vida brilhante?

Não é isso a poezia? O homem que nasceu, embalou-se e cresceu nesse berço perfumado;

no meio de senas tão diversas, entre o eterno contraste do sorrizo e da lagrima, da flor e do espinho, do mel e do veneno, não é um poeta?

Poeta primitivo, canta a natureza na mesma linguagem da natureza; ignorante do que se passa nelle, vai procurar nas imagens que tem diante dos olhos, a expressão do sentimento vago e confuzo que lhe ajita a alma.

Sua palavra é a que Deus escreveu com as letras que formam o livro da criação; é a flor, o céu, a luz, a côr, o ar, o sol; sublimes couzas que a natureza fez sorrindo.

A sua fraze corre como o regato que serpeja, ou salta como o rio que se despenha da cascata; ás vezes se eleva ao cimo da montanha, outras desce e rasteja como o inseto, subtil, delicada e mimoza.

Eis o que a decoração da sena majestosa, no meio da qual se achava á beira do *Paquequer*, disse a Alvaro; mas rapidamente, por uma dessas impressões que se projetam no espirito como a luz no espaço.

O moço recebeu a confissão injenua do indio sem o minimo sentimento hostile; ao contrario apreciava a dedicação que o selvajem tinha por Cecilia, e ia ao ponto de amar a tudo quanto sua senhora estimava.

— Assim, disse Alvaro sorrindo, tu só me amas porque pensas que Cecilia me quer? disse o moço.

— Pery só ama o que a senhora ama: porque

só ama a senhora neste mundo: por ella deixou sua mãe, seus irmãos e a terra onde nasceu.

— Mas se Cecilia não me quizesse como julgas?

— Pery faria o mesmo que o dia com a noite; passaria sem te ver.

— E se eu não amasse a Cecilia?

— Impossivel!

— Quem sabe? disse o moço sorrindo.

— Se a senhora ficasse triste por ti... exclamou o indio, cuja pupila negra irradiou.

— Sim? o que farias?

— Pery te mataria.

A firmeza com que eram ditas estas palavras não deixava a menor duvida sobre a sua realidade; entretanto Alvaro apertou a mão do indio com efusão.

Pery temeu ofender o moço; para desculpar a sua franqueza, disse-lhe com um tom comovido:

— Escuta. Pery é filho do sol; e renegava o sol se elle queimasse a pele alva de Cecy. Pery ama o vento; e odiava o vento se elle arran-casse um cabelo de ouro de Cecy. Pery gosta de ver o céu; e não levantava a vista, se elle fosse mais azul do que os olhos de Cecy.

— Compreendo-te, amigo; votaste a tua vida inteira á felicidade dessa menina. Não receies que te ofenda nunca na pessoa della. Sabes se eu a amo; e não te zangues, Pery, se disser que a tua dedicação não é maior do que a minha. Antes que me matasses, creio que me ma

taria a mim mesmo se tivera a desgraça de fazer Cecilia infeliz.

— Tu és bom; Pery quer que a senhora te ame.

O indio contou então a Alvaro o que se tinha passado na noite antecedente; o moço empalideceu de colera, e quiz voltar em busca do italiano; desta vez não lhe perdoára.

— Deixa! disse o indio; Cecy teria medo; Pery vai endireitar isto.

Os dois tinham chegado perto da caza e iam entrar a cerca do valle, quando Pery segurou o braço de Alvaro:

— O inimigo da caza quer fazer mal; defende a senhora; se Pery morrer, manda dizer a sua mãe, e verás todos os guerreiros da tribu chegarem para combaterem contigo, e salvarem Cecy.

— Mas quem é o inimigo da caza?

— Queres saber?

— De certo; como hei de combate-los?

— Tu saberás.

Alvaro quiz insistir; mas o indio não lhe deu tempo; meteu-se de novo pelo mato; enquanto o moço subia a escada, elle fazia uma volta ao redor da caza, e ganhava o lado para onde dava o quarto de Cecilia.

Já tinha avistado ao lonje a janela, quando debaixo de uma ramagem surjiu a figura magra e esguia de Ayres Gomes, coberto de ortigas eervas de passarinho, e deitando os bofes pela boca.

O digno escudeiro, tendo encontrado em cima de sua cabeça um maldito galho dezajeitado, foi de narizes ao chão, estendeu-se maciamente sobre a relva.

Apezar disto ergueu-se um pouco sobre os cotovelos, e gritou com toda a força dos pulmões:

— Olá! mestre bugre!... Dom Cacique!...
Caçador de onça viva!... Ouve cá!

Pery não se voltou.

No precipicio

Pery tinha parado para ver Cecilia de lonje.

Ayres Gomes ergueu-se, correu para o indio, e deitou-lhe a mão ao braço.

— Afinal pilhei-o, dom caboclo! Safa!... Deu-me agua pela barba!... disse o escudeiro resfolgando.

— Deixa! respondeu o indio sem se mover.

— Deixar-te! Uma figa! Depois de ter batido esta mataria á tua procura! Tinha que ver!

Com efeito D. Lauriana dezejando ver o indio fóra de caza quanto antes, havia expedido o escudeiro em busca de Pery para traze-lo á presença de D. Antonio de Mariz.

Ayres Gomes, fiel executor das ordens de seus amos, corria o mato havia boas duas horas; todos os incidentes comicos, possiveis ou imaginaveis, tinham-se como que de proposito collocado em seu caminho.

Aqui era uma caza de maribondos, que elle assanhava com o chapéu, e o faziam bater em retirada honroza, correndo a todo o estirão das pernas; ali era um desses lagartos de longa

cauda que pilhado de improvizo se enrolára pelas pernas do escudeiro com uma formidavel chicotada.

Isto sem falar das ortigas, e das unhas de gato, cabeçadas e quedas, que faziam o digno escudeiro arrenegar-se, e maldizer da selvajaria de semelhante terra! Ah! quem o dera nos tojos e charnecas de sua patria!

Tinha pois Ayres Gomes razão de sobra para não querer largar o indio, cauza de todas as tribulações por que passára; infelizmente Pery não estava de acordo.

— Larga, já te disse! exclamou o indio começando a irritar-se.

— Tem santa paciencia, caboclinhò de minha alma! Fé de Ayres Gomes, não é possivel; e tu sabes! Quando eu digo que não é possivel, é como se a nossa madre Igreja... Que diabo ia rezar-lhe?... Ai! que chamei sem querer a madre Igreja do diabo! Forte herezia! Quem se metę a tagarelar dos santos!... Virjem Santissima! Estou incapaz! Cala-te, boca! não me pies mais!

Emquanto o escudeiro desfiava esse discurso, meio soliloquio, no qual havia ao menos o merito da franqueza, Pery não o ouvia, embebido como estava em olhar para a janela; depois, desprendendo-se da mão que segurava-lhe o braço, continuou o seu caminho.

Ayres acompanhou-o pizada sobre pizada, com a impassibilidade de um automato.

- Que vens fazer? perguntou-lhe o indio.

— E esta! Seguir-te e levar-te á caza; é a ordem.

— Pery vai lonje!

— Ainda que vás ao fim do mundo, é o mesmo, filho.

O indio voltou-se para elle com um gesto decidido.

— Pery não quer que tu o sigas.

— Lá quanto a isto, mestre bugre, perdes o teu tempo; por força ainda ninguem levou o filho de meu pai, que bom é que, saibas foi homem de faca e calhau.

— Pery não manda duas vezes!

— Nem Ayres Gomes olha atraz quando executa uma ordem.

Pery, o homem da cega dedicação, reconheceu no escudeiro o homem da obediencia passiva; sentiu que não havia meio de convencer este executor fiel: assim, rezolveu livrar-se d'elle por meio decizivo.

— Quem te deu a ordem?

— D. Lauriana.

— Para que?

— Para te levar á caza.

— Pery vai só.

— Veremos!

O indio tirou a sua faca.

— Heim!... gritou o escudeiro. A conversa vai agora nesse tom? Se o Sr. D. Antonio não me tivesse proibido expressamente, eu te mos-

traria! Mas... Pódes matar-me, que eu não arredo pé.

— Pery só mata o seu inimigo, e tu não és; tu teimas, Pery te amarra.

— Como?... Como é lá isso?

O indio começou a cortar com a maior calma um longo cipó que se engrassava pelos galhos das arvores, o escudeiro meio espantado sentia a mostarda subir-lhe ao nariz, e esteve quazi não quazi, atirando-se ao selvajem.

Mas a ordem de D. Antonio era formal; via-se pois obrigado a respeitar o indio; o mais que o digno escudeiro podia fazer era defender-se valentemente.

Quando Pery cortou umas dez braças do cipó que ia enrolando ao pescoço, embainhou a faca, e voltou-se para o escudeiro sorrindo. Ayres Gomes sem trepidar puxou da espada, e poz-se em guarda, segundo as regras da nobre e liberal arte do jogo de espadão, que professava desde a mais tenra idade.

Era um duelo original e curiozo, como talvez não tenha havido segundo, combate em que as armas lutavam contra a ajilidade, e o ferro contra um vime delgado.

— Mestre cacique, disse o escudeiro rugando o sobr'olho; deixa-te de partes: porque, palavra de Ayres Gomes, se te encostas, espeto-te na durindana!

Pery estendeu o labio inferior, em sinal de pouco cazo; e começou a voltear rapidamente

em torno do escudeiro, n'um circulo de seis passos de diametro que o punha fóra do alcance da espada: a sua tenção era atacar o adversario pelas costas.

Ayres Gomes apoiado a um tronco, e obrigado a girar sobre si mesmo, para defender as costas, sentiu a cabeça tontear e vacilou. O indio aproveitou o momento, atirou-se a elle, pílhou-o de costas, agarrou-o pelos dois braços, e passou a amarra-lo ao mesmo tronco da arvore em que estava encostado.

Quando o escudeiro voltou a si da vertijem, um rodilha de cipós ligava-o ao tronco desde o joelho até os hombros; o indio seguira seu caminho placidamente.

— Bugre de um demo! Perro infernal! gritava o digno escudeiro, tu me pagarás com lingua de palmo!...

Sem prestar a menor atenção á ladainha de nomes injuriosos com o que o mimozeava Ayres Gomes, Pery aproximou-se da caza.

Via Cecilia, com a face apoiada na mão, a olhar tristemente o fosso profundo que passava em baixo de sua janela.

A menina, depois do primeiro momento de surpresa em que adivinhou o ciume de Izabel e o seu amor por Alvaro, conseguiu dominar-se. Tinha a nobre altivez da castidade; não quiz deixar ver a sua prima o que sentia nesse momento; era boa tambem, amava Izabel, e não dezejava magoal-a.

Não lhe disse pois uma só palavra de exprobração nem de queixa; ao contrario ergueu-a, beijou-a com carinho, e pediu-lhe que a deixasse só.

— Pobre Izabel! murmurou ella; como deve ter sofrido!

Esquecia-se de si para pensar em sua prima; mas as lagrimas que saltaram de seus olhos, e o soluço que fez arfar os seios mimosos a chamaram ao seu proprio sofrimento.

Ella, a menina alegre e feiticeira que só aprendera a sorrir, ella, o anjinho do prazer que bafejava tudo quando a rodeava, achou um gozo infavel em chorar. Quando enxugou as lagrimas, sofria menos; sentiu-se aliviada; pôde então refletir sobre o que havia passado.

O amor revelava-se para ella sob uma nova fôrma; até aquelle dia a afeição que sentia por Alvaro era apenas um enleio que a fazia córar, e um prazer que a fazia sorrir.

Nunca se lembrára que esta afeição pudesse passar daquillo que era, e produzir outras emoções que não fossem o rubor e o sorrizo; o exclusivismo do amor, a ambição de tornar seu e unicamente seu o objeto da paixão, acabava de ser-lhe revelado por sua prima.

Ficou por muito tempo pensativa; consultou o seu coração, e conheceu que não amava assim; nunca a afeição que tinha a Alvaro podia obriga-la a odiar sua prima, a quem queria como irmã.

Cecilia não compreendia essa luta do amor com os outros sentimentos do coração, luta terrível em que quasi sempre a paixão vitoriosa subjuga o dever, e a razão. Na sua injenua simplicidade acreditava que podia ligar perfeitamente a veneração que tinha por seu pai, o respeito que votava a sua mãe, o afeto que sentia por Alvaro, o amor fraternal que consagrava a seu irmão e a Izabel; e a amizade que tinha a Pery.

Estes sentimentos eram toda a sua vida; no meio delles sentia-se feliz: nada lhe faltava: tambem nada mais ambicionava. Emquanto pudesse beijar a mão de seu pai e de sua mãe, receber uma caricia de seu irmão e sua prima, sorrir a seu cavalheiro e brincar com o seu escravo, a existencia para ella seria de flores.

Assustou-se pois com a necessidade de quebrar um dos fios de ouro que teciam os seus dias inocentes e felizes; sofreu com a idéa de ver em luta duas das afeições calmas e serenas de sua alma.

Teria menos um encanto na sua vida, menos uma imagem nos seus sonhos, menos uma flor na sua alma; porém não faria a ninguem desgraçado, e sobretudo a sua prima Izabel, que ás vezes se mostrava tão melancolica.

Restavam-lhe suas outras afeições; com ellas pensava Cecilia que a existencia ainda podia sorrir-lhe; não devia tornar-se egoista.

Para assim pensar era preciso ser uma me-

nina pura e izenta como ella; era preciso ter o coração como recente botão, que ainda não começou a dezatar-se com o primeiro raio do sol.

Estes pensamentos adejavam ainda na mente de Cecilia enquanto ella olhava pensativa o fosso, onde tinha caído o objecto que viera modificar a sua existencia.

— Se eu pudesse obter essa prenda? dizia consigo. Mostraria a Izabel como eu a amo e quanto a dezejo feliz.

Vendo sua senhora olhar tristemente o fundo do precipicio, Pery compreendeu parte do que passava no seu espirito; sem poder adivinhar como Cecilia soubera que o objeto tinha caído ali, percebeu que a moça sentia por isso um pezar.

Nem tanto bastava para que o indio fizesse tudo afim de trazer a alegria ao rostinho de Cecilia: além de que já tinha prometido a Alvaro *endireitar isto*, como elle dizia na sua linguagem simples.

Chegou-se ao fosso.

Uma cortina de musgos e trepadeiras las-trando pelas bordas do profundo precipicio cobria as fendas da pedra: por cima era um topete de verde rizonho sobre o qual adejavam as borboletas de côres vivas; em baixo uma cava cheia de limo onde a luz não penetrava.

A's vezes ouviam-se partir do fundo do bal-seiro os silvos das serpentes, os pios tristes de

algum passaro, que magnetizado ia entregar-se á morte; ou o tanjer de um pequeno chocalho sobre a pedra.

Quando o sol estava a pino, como então, via-se entre a relva, sobre o calice das campanulas roxas, os olhos verdes de alguma serpente ou uma linda fita de escamas pretas e vermelhas enlaçando a haste de um arbusto.

Pery pouco se importava com estes habitantes do fosso e com o acolhimento que lhe fariam na sua morada; o que o inquietava era o receio de que não tivesse luz bastante no fundo para descobrir o objeto que ia procurar.

Cortou o galho de uma arvore, que pela sua propriedade, os colonizadores chamaram *candeia*; tirou fogo, e começou a descer com o facho acezo. Foi só nessa ocasião que Cecilia, embebida nos seus pensamentos; viu defronte de sua janela o indio a descer pela encosta.

A menina assustou-se; porque a presença de Pery lembrou-lhe de repente o que se passára pela manhã; era mais uma afeição perdida.

Dois laços quebrados ao mesmo tempo, dois habitos rompidos um sobre o outro, era muito; duas lagrimas correram pelas suas faces, como se cada uma fosse vertida pelas cordas do coração que acabavam de ser vibradas.

— Pery!...

O indio levantou os olhos para ella.

— Tu choras, senhora? disse elle estremecendo.

A menina sorriu-lhe; mas com um sorriso tão triste que partia a alma.

— Não chores, senhora; disse o índio suplicante; Pery vai te dar o que dezejas.

— O que eu dezejo?...

— Sim; Pery sabe.

A moça abanou a cabeça.

— Está ali; e apontou para o fundo do precipício.

— Quem te disse? perguntou a menina admirada.

— Os olhos de Pery.

— Tu viste?

— Sim.

O índio continuou a descer.

— Que vais fazer? exclamou Cecilia assustada.

— Buscar o que é teu.

— Meu!... murmurou melancolicamente.

— Elle te deu.

— Elle quem?

— Alvaro.

A moça córou; mas o susto reprimiu o pejo; abaixando os olhos sobre o precipício, tinha visto um reptil deslizando pela folhagem e ouvido o murmúrio confuzo e sinistro que vinha do fundo do abismo.

— Pery, disse empalidecendo, não desças, volta!

— Não; Pery não volta sem trazer o que te fez chorar.

— Mas tu vais morrer!...

— Não tem medo.

— Pery, disse Cecilia com severidade, tua senhora manda que não desças.

O indio parou indecizo; uma ordem de sua senhora era uma fatalidade para elle: cumpria-se irremissivelmente.

Fitou na moça um olhar timido: nesse momento Cecilia, vendo Alvaro na ponta da esplanada junto da cabana do selvagem, retirava-se para dentro da janela córando.

O indio sorriu.

— Pery dezobedece á tua voz, senhora, para obedecer ao teu coração.

E o indio desapareceu sob as trepadeiras que cobriam o precipicio.

Cecilia soltou um grito, e debruçou-se no parapeito da janela.

VIII

O bracelete

O que Cecilia viu debruçando-se á janela, gelou-a de espanto e horror.

De todos os lados surjiam reptis enormes que, fujindo pelos alcantis, lançavam-se na floresta; as viboras escapavam das fendas dos rochedos, e aranhas venenosas suspiendiam-se aos ramos das arvores pelos fios da teia.

No meio do concerto horrivel que formava o sibilar das cobras e o estridulo dos grilos, ouvia-se o canto monotono e tristonho da cauan no fundo do abismo.

O indio tinha dezaparecido; apenas se via o reflexo da luz do facho.

Cecilia palida e tremula julgava impossivel que Pery não estivesse morto e já quazi devorado por esses monstros de mil fórmãs: chorava o seu amigo perdido, e balbuciava preces pedindo a Deus um milagre para salva-lo.

A's vezes fechava os olhos para não ver o quadro terrivel que se dezenrolava diante della, e abria-os logo para perscrutar o abismo e descobrir o indio.

Em um desses momentos um dos insetos que pululavam no meio da folhagem ajitada esvoaçou, e veio pouzar no seu hombro; era uma esperança, um desses lindos coleopteros verdes que a poezia popular chama *lavandeira de Deus*.

A alma nos momentos supremos de aflicção suspende-se ao fio mais tenue da esperança; Cecilia sorriu-se entre as lagrimas, tomou a lavandeira entre os seus dedos rozados e acariciou-a.

Precizava esperar; esperou, reanimou-se, e pôde proferir uma palavra ainda com a voz tremula e fraca:

— Pery!

No curto instante que succedeu a este chamado, sofreu uma anciedade cruel; se o indio não respondesse, estava morto; mas Pery falou:

— Espera, senhora!

Entretanto apezar da alegria que lhe causaram estas palavras, pareceu á menina que eram pronunciadas por um homem que sofria; a voz chegou-lhe ao ouvido surda e rouca.

— Estás ferido? perguntou inquieta.

Não houve resposta; um grito agudo partiu do fundo do abismo, e ecoou pelas fragoas; depois o cauan cantou de novo, e uma cascavel silvando bravia passou seguida por uma ninhada de filhos.

Cecilia vacilou; soltando um gemido planjente, caíu desmaiada de encontro á almofada da janela.

Quando, passado um quarto d'hora, a menina abriu os olhos, viu diante della Pery que chegava naquelle momento, e lhe apresentava sorrindo uma bolsa de malha de retroz dentro da qual havia uma caixinha de veludo escarlate.

Sem se importar com a joia, Cecilia ainda impressionada pelo quadro horrivel que prezenciára, tomou as mãos do indio, e perguntou-lhe com sofreguidão:

— Não estás mordido, Pery?... Não sofres?...
Dize!

O indio olhou-a admirado do susto que via no seu semblante.

— Tiveste medo, senhora?

— Muito! exclamou a menina.

O indio sorriu.

— Pery é um selvajem, filho das flórestas; nasceu no dezerto, no meio das cobras; ellas conhecem Pery e o respeitam.

O indio dizia a verdade; o que acabava de fazer era a sua vida de todos os dias no meio dos campos: não havia nisto o menor perigo.

Tinha-lhe bastado a luz do seu facho, e o canto do cauan que elle imitava perfeitamente, para evitar os reptis venenozos que são devorados por essa ave. Com este simples expediente de que os selvajens ordinariamente se serviam quando atravessavam as matas de noite, Pery descera e tivera a felicidade de encontrar preza aos ramos de uma trepadeira a bolsa de seda, que adivinhou ser o objeto dado por Alvaro.

Soltou então um grito de prazer que Cecilia tomou por grito de dôr: assim como antes tinha tomado o éco do precipicio por uma voz cava e surda.

Entretanto Cecilia que não podia compreender como um homem passava assim no meio de tantos animaes venenozos sem ser ofendido por elles, attribuia a salvação do indio a um milagre, e considerava a ação simples e natural que acabava de praticar como um heroismo admiravel. A sua alegria por ver Pery livre de perigo, e por ter nas suas mãos a prenda de Alvaro foi tal que esqueceu tudo o que se tinha passado.

A caixinha continha um simples bracelete de perolas; mas estas eram do mais puro esmalte e lindas como perolas que eram; bem mostravam que tinham sido escolhidas pelos olhos de Alvaro, e destinadas ao braço de Cecilia.

A menina admirou-as um momento com o sentimento de faceirice que é inato na mulher, e lhe serve de setimo sentido; pensou que devia ir-lhe bem esse bracelete; levada por esta idéa cinjiu-o ao braço, e mostrou a Pery que a contemplava satisfeito de si mesmo:

— Pery sente uma couza.

— O que?

— Não ter contas mais bonitas do que estas para dar-te.

— E porqué sentes isto?

— Porque te acompanhariam sempre.

Cecilia sorriu; ia fazer uma travessura.

— Assim, tu ficarias contente se tua senhora em vez de trazer este bracelete, trouxesse um presente dado por ti?

— Muito.

— E o que me dás tu para que eu me faça bonita? perguntou a menina gracejando.

O indio correu os olhos ao redor de si e ficou triste; podia dar a sua vida, que de nada valia; mas onde iria elle, pobre selvagem, buscar um adorno digno de sua senhora!

Cecilia teve pena do seu embaraço.

— Vai buscar uma flor que tua senhora deitará nos seus cabelos, em vez deste bracelete que ella nunca deitará no seu braço.

Estas ultimas palavras foram ditas com um tom de enerjia, que revelava a firmeza do caracter desta menina; ella fechou outra vez o bracelete na caixa, e ficou um momento melancolica e pensativa.

Pery voltou trazendo uma linda flor silvestre que encontrára no jardim; era uma parazita aveludada, de lindo escarlata. A menina prendeu a flor nos cabelos, satisfeita por ter cumprido um inocente desejo de Pery, que só vivia para cumprir os seus; e dirigiu-se ao quarto de sua prima, ocultando no seio a caixinha de veludo.

Izabel pretextára uma indisposição; não saíra do quarto depois que voltára do apozento de Cecilia, tendo traído o segredo de seu amor.

As lagrimas que derramou não foram como as de sua prima, de alivio e consolo; foram lagrimas ardentes, que em vez de refrescarem o coração, o queimam como o rescaldo da paixão.

A's vezes, ainda humedecidos de pranto, seus olhos negros brilhavam com um fulgor extraordinario; parecia que um pensamento delirante passava rapidamente no seu espirito desvairado. Então ajoelhava-se, e fazia uma oração, no meio da qual suas lagrimas vinham de novo orvalhar-lhe as faces.

Quando Cecilia entrou, ella estava assentada á beira do leito, com os olhos fitos na janela, por entre a qual se via uma nesga do céu.

Estava bela da melancolia e languidez que prostrava o seu corpo num enlevo sedutor, fazendo realçar as linhas harmoniozas de talhe gracioso.

Cecilia aproximou-se sem ser vista, e estalou um beijo na face morena de sua prima.

— Já te disse que não te quero ver triste.

— Cecilia!... exclamou Izabel sobresaltando-se.

— Que é isto? Faça-te medo?

— Não... mas...

— Mas, o que?

— Nada...

— Sei o que queres dizer, Izabel; julgaste que conservava uma queixa de ti. Confessa!

— Julguei, disse a moça balbuciando, que me tinha tornado indigna de tua amizade.

— E porque? Fizeste-me tu algum mal? Não somos nós duas irmãs, que nos devemos amar sempre?

— Cecilia, o que tu dizes não é o que tu sentes? exclamou Izabel admirada.

— Algum dia te enganei? replicou Cecilia magoada.

— Não; perdoa; porém é que...

A moça não continuou; o olhar terminou o seu pensamento, e exprimiu o espanto que lhe cauzava o procedimento de Cecilia. Mas de repente uma idéa assaltou-lhe o espirito.

Cuidou que Cecilia não tinha ciumes della, porque a julgava indigna de merecer um só olhar de Alvaro; esta lembrança a fez sorrir amargamente.

— Assim, está entendido, disse Cecilia com volubilidade, nada se passou entre nós; não é verdade?

— Tu o queres!

— Quero, sim; nada se passou; somos as mesmas, com uma diferença, acrescentou Cecilia córando, que de hoje em diante tu não deves ter segredos para comigo.

— Segredos! Tinha um que já te pertence! murmurou Izabel.

— Porque o adivinhei! Não é assim que dezejo; prefiro ouvir de tua boca; quero consolar-te quando estiveres toda tristezinha como agora e rir-me contigo quando ficares contente. Sim?

— Ah! nunca! Não me peças uma couza impossível, Cecilia! Já sabes de mais; não me obrigues a morrer a teus pés de vergonha!

— E porque te cauzaria isto vergonha? Assim como tu me amas, não podes amar uma outra pessoa?

Izabel escondeu o rosto nas mãos para disfarçar o rubor que subia-lhe ás faces. Cecilia, um pouco comovida, olhava sua prima, e compreendia nesse momento a cauza porque ella propria córava quando sentia os olhos de Alvaro fitos nos seus.

— Cecilia, disse Izabel fazendo um esforço supremo, não me iludas, minha prima; tu és boa, tu me amas, e não queres magoar-me; mas não zombes da minha fraqueza. Se soubesses como soffro!

— Não te iludo, já te disse; não dezejo que soffras, e menos que soffras por minha cauza; entendes?

— Entendo, e juro-te que saberei fazer calar meu coração; se fôr preciso elle morrerá antes do que dar-te uma sombra de tristeza.

— Não, exclamou Cecilia, tu não me comprehendes: não é isto que eu te peço, bem ao contrario quero que... sejas feliz!

— Que eu seja feliz? perguntou Izabel arrebatadamente.

— Sim, respondeu a menina abraçando-a e falando-lhe baixinho ao ouvido; que o ames a elle e a mim tambem.

Izabel ergueu-se palida, e duvidando do que ouvia; Cecilia teve bastante força para sorrir-lhe com um dos seus divinos sorrisos.

— Não, é impossivel? Tu me queres tornar louca, Cecilia?

— Quero tornar-te alegre, respondeu a menina acariciando-a; quero que deixes esse rostinho melancolico, e me abrases como tua irmã. Não o mereço?

— Oh! sim, minha irmã; tu és um anjo de bondade, mas o teu sacrificio é perdido; eu não posso ser feliz, Cecilia.

— Porque?

— Porque elle te ama! murmurou Izabel.

A menina córou.

— Não digas isto, é falso.

— É bem verdade.

— Elle te disse?

— Não, mas adivinhei-o antes de ti mesma.

— Pois te enganaste, e sabes que mais, não me fales nisto. Que me importa o que elle sente a meu respeito?

E a menina conhecendo que a emoção se apoderava della fugiu, mas voltou da porta.

— Ah! esqueci-me de dar-te uma couza que trouxe para ti.

Tirou a caixinha de veludo, e abrindo-a atou o bracelete de perolas ao braço de Izabel.

— Como te vão bem! Como assentam no teu moreno tão lindo! Elle te achará bonita!

Este bracelete!...

Izabel teve de repente uma suspeita.

A menina percebeu: ia mentir pela primeira vez na sua vida.

— Foi meu pai que m'o deu hontem; mandou vir dois irmãos; um para mim, e outro que eu lhe pedi para ti. Assim, não tens que recuzar, se não agasto-me comtigo.

Izabel abaixou a cabeça.

— Não o tires; eu vou deitar o meu e ficaremos irmãs. Adeus, até logo.

E apinhando os dedos atirou um beijo á prima e saiu correndo.

A travessura e jovialidade do seu genio já tinham dissipado as impressões tristes da manhã.

Testamento

No momento em que Cecilia deixou Izabel, D. Antonio de Mariz subia a esplanada, preocupado por algum objeto importante, que dava á sua fisionomia expressão ainda mais grave que a habitual.

O velho fidalgo avistou de lonje seu filho D. Diogo e Alvaro passeando ao longo da cerca que passava no fundo da caza; fez-lhes sinal de que se aproximassem.

Os moços obedeceram prontamente, e acompanharam D. Antonio de Mariz até o seu gabinete d'armas, pequena saleta que ficava ao lado do oratorio, e que nada tinha de notavel, a não ser a portinha de uma escada que descia para uma especie de cava ou adega, servindo de paiol.

Na ocazião em que se abriam os alicerces da caza, os obreiros descobriram um socavão profundo talhado na pedra; D. Antonio como homem previdente, lembrando-se da necessidade que teria para o futuro de não contar senão com os seus proprios recursos, mandou apro-

veitar essa abobada natural, e fazer della um depozito que pudesse conter algumas arrobas de polvora.

O fidalgo achára ainda uma outra grande vantagem na sua lembrança; era a tranquillidade de sua familia, cuja vida não estaria sujeita a um descuido de qualquer domestico ou aventureiro; porque no seu gabinete d'armas ninguem entrava, senão estando elle presente.

D. Antonio sentou-se junto da meza coberta com um couro de moscovia e fez sinal aos dois moços para que se sentassem a seu lado.

— Tenho que falar-vos de objeto muito serio, de objeto de familia, disse o fidalgo. Chamei-vos para me ouvirdes como em uma couza que vos interessa e a mim antes do que a todos.

D. Diogo inclinou-se diante de seu pai; Alvaro imitou-o, sentindo um sobresalto ao ouvir aquellas palavras graves e pauzadas do velho fidalgo.

— Tenho sessenta anos, continuou D. Antonio; estou velho. O contato deste solo virjem do Brazil, o ar puro destes dezertos remoçou-me durante os ultimos anos; mas a natureza reassume os seus direitos, e sinto que o antigo vigor cede á lei da criação que manda voltar á terra aquillo que veiu da terra.

Os dois moços iam dizer alguma doce palavra como quando procuramos iludir a verdade áquelles a quem prezamos, esforçando por nos iludirmos a nós proprios.

D. Antonio conteve-os com um gesto nobre.

— Não me interrompeis. Não é uma queixa que vos faço; é sim uma declaração que deveis receber, pois é necessaria para que possais compreender o que tenho de dizer-vos ainda. Quando durante quarenta anos jogámos nossa vida quazi todos os dias, quando vimos a morte cem vezes sobre nossa cabeça, ou debaixo de nossos pés, podemos olhar tranquilo o termo da viagem que fazemos neste vale de lagrimas.

— Oh! nunca duvidámos de vós, meu pai! exclamou D. Diogo; mas é a segunda vez em dois dias que me falais da possibilidade de uma tal desgraça; e esta só idéa me assusta! Estais forte e vigorozo ainda!

— De certo, retrucou Alvaro; dizieis ha pouco que o Brazil vos tinha remoçado, e eu afirmo-vos que ainda estais na juventude da segunda vida que vos deu o novo mundo.

— Obrigado, Alvaro, obrigado, meu filho, disse D. Antonio sorrindo; quero acreditar nas vossas palavras. Comtudo julgareis que é prudente da parte de um homem que chega ao ultimo quartel da vida, dispor a sua ultima vontade, e fazer o seu testamento.

— O vosso testamento, meu pai! disse D. Diogo palido.

— Sim: a vida pertence a Deus, e o homem que pensa no futuro, deve preveni-lo. E' costume encarregar-se isto a um escriba; nem o tenho aqui, nem o julgo necessario. Um fidalgo não

póde confiar melhor a sua ultima vontade do que a duas almas nobres e leais como as vossas. Perde-se um papel, rompe-se, queima-se; o coração de um cavalheiro que tem sua espada para defende-lo e seu dever para guia-lo, é um documento vivo e um executor fiel. Este será pois o meu testamento. Ouvi-me.

Os dois cavalheiros conheceram pela firmeza com que falava D. Antonio, que sua resolução era inabalavel; dispuzeram-se a ouvi-lo com uma emoção de tristeza e respeito.

— Não trato de vós, D. Diogo, a minha fortuna pertence-vos como chefe da familia que sereis; não trato de vossa mãe, porque perdendo um espozó restar-lhe-á um filho devotado: amo-vos a ambos, e vos bemdirei na ultima hora. Ha porém duas couzas que mais prezo neste mundo, duas couzas sagradas que devo zelar como um tezouro ainda mesmo depois que me partir desta vida. E' a felicidade de minha filha, e a nobreza do meu nome; uma foi presente que recebi do céu, o outro legado que me deixou meu pai.

O fidalgo fez pausa, e volveu um olhar do rosto triste de D. Diogo para o semblante de Alvaro, que estava em extraordinaria agitação.

— A vós, D. Diogo, transmito o legado de meu pai; estou convencido que conservareis o seu nome tão puro como a vossa alma, e vos esforçareis por eleva-lo, servindo uma cauza santa e justa. A vós, Alvaro, confio a felici-

dade de minha Cecilia; e creio que Deus enviando-vos a mim, fazem já dez anos, não quiz senão completar o dom que me havia concedido.

Os dois moços tinham deitado um joelho em terra, e beijavam cada uma das mãos do velho fidalgo, que colocado no meio delles envolvia-os n'um mesmo olhar de amor paternal.

— Erguei-vos, meus filhos, abraçai-vos como irmãos, e ouvide-me ainda.

D. Diogo abriu os braços, e apertou Alvaro ao peito; um instante os dois corações nobres bateram um de encontro ao outro.

— O que me resta dizer-vos é difficil; custa sempre confessar uma falta, ainda mesmo quando se fala a almas generozas. Tenho uma filha natural: a estima que voto a minha mulher e o receio de fazer essa pobre menina córar de seu nascimento, obrigaram-me a dar-lhe em vida o titulo de sobrinha.

— Izabel?... exclamou D. Diogo.

— Sim, Izabel é minha filha. Peço-vos a ambos que a trateis sempre como tal; que a ameis como irmã, e a rodeeis de tanto afeto e carinho, que ella possa ser feliz, e perdoar-me a indifferença que lhe mostrei e a infelicidade involuntaria que cauzei a sua mãe.

A voz do velho fidalgo tornou-se um tanto tremula e comovida; sentia-se que uma recordação dolorosa, adormecida no fundo do coração, havia despertado.

— Pobre mulher!... murmurou elle.

Levantou-se, passeou pelo apozento, e conseguindo dominar a sua emoção, voltou aos dois moços.

— Eis a minha ultima disposição; sei que a cumprireis; não vos peço um juramento; basta-me a vossa palavra.

Diogo estendeu a mão, Alvaro levou a sua ao coração: D. Antonio, que compreendeu tudo quanto dizia essa muda promessa, abraçou-os.

— Agora deixai a tristeza; quero-vos rizonhos; eu o estou, vêde! A tranquilidade sobre o futuro vai remoçar-me de novo; e esperareis muito tempo talvez, antes que tenhais de executar a minha vontade, que até lá fica sepultada no vosso coração, como testamento que é.

— Assim o tinha entendido, disse Alvaro.

— Pois então, replicou o fidalgo sorrindo, deveis ficar entendendo tambem um ponto; é que talvez me incumba eu mesmo de realizar uma das partes do meu testamento. Sabeis qual?

— A da minha felicidade!... respondeu o moço córando.

D. Antonio apertou-lhe a mão.

— Estou contente e satisfeito, disse o fidalgo; pena é que tenha um triste dever a cumprir. Sabeis de Pery, Alvaro?

— Vi-o ha pouco.

— Ide e mandai-o a mim.

O moço retirou-se.

— Fazei chamar vossa mãe e vossa irmã, meu filho.

D. Diogo obedeceu.

O fidalgo sentou-se á meza e escreveu n'uma tira de pergaminho, que fechou com um retroz e selou com as suas armas.

D. Lauriana e Cecilia entraram acompanhadas por D. Diogo.

— Sentai-vos, minha mulher.

D. Antonio reunia sua familia para dar uma certa solenidade ao ato que ia praticar.

Quando Cecilia entrou, elle perguntou-lhe ao ouvido :

— Que queres tu dar-lhe ?

A menina compreendeu immediatamente ; a afeição pouco comum que tinham a Pery, a gratidão que lhe votavam, era uma especie de segredo entre esses dois corações ; era uma planta delicada que não queriam expor ao reparo que cauzaria aos outros amizade tão sincera por um selvajem.

Ouvindo a pergunta de seu pai, Cecilia, que neste dia tinha soffrido tantas emoções diversas, lembrou-se do que se tratava.

— Como ! sempre pretendeis manda-lo embora ! exclamou ella.

— E' necessario ; eu te disse.

— Sim : mas pensei que depois houvesseis rezolvido o contrario.

— Impossivel !

— Que mal faz elle aqui ?

— Sabes quanto eu o estimo ; quando digo que é impossivel, deves crer-me.

— Não vos agasteis!...

— Assim não te opões?

Cecilia calou-se.

— Se não queres absolutamente, não se fará; mas tua mãe sofrerá, e eu, porque lhe prometi.

— Não; a vossa palavra antes de tudo, meu pai.

Pery appareceu na porta da sala; uma vaga inquietação resumbrava no seu rosto, quando viu-se no meio da familia reunida.

A sua attitude era respeitosa, mas o seu porte tinha a altivez inata das organizações superiores; seus olhos grandes, negros e limpidos percorreram o apozento, e fixaram-se na fisionomia veneravel do cavalheiro.

Cecilia, prevendo o que se ia passar, tinha-se escondido por detraz de seu irmão D. Diogo.

— Pery, acreditas que D. Antonio de Mariz é teu amigo? perguntou o fidalgo.

— Tanto quanto um homem branco póde ser de um homem de outra côr.

— Acreditas que D. Antonio de Mariz te estima?

— Sim; porque o disse e mostrou.

— Acreditas que D. Antonio de Mariz dezeja poder pagar-te o que fizeste por elle, salvando sua filha?

— Se fosse preciso, sim.

— Pois bem, Pery; D. Antonio de Mariz, teu amigo, te pede que voltes á tua tribu.

O indio estremeceu.

— Porque pedes isto ?

— Porque assim é precizo, amigo.

— Pery entende; estás cansado de dar-lhe hospitalidade !

— Não !

— Quando Pery te disse que ficava não te pediu nada ; sua caza é feita de palha em cima de uma pedra ; as arvores do mato lhe dão o sustento : sua roupa foi tecida por sua mãe que veio traze-la na outra lua. Pery não te custa nada.

Cécilia chorava ; D. Antonio e seu filho estavam comovidos ; D. Lauriana mesma parecia ~~ent~~ enernecida.

— Não digas isto, Pery ! Nunca na minha caza te faltaria a menor couza, se tu não recuzasses tudo e não quizessees viver izolado na tua cabana. Mesmo agora dize o que dezejas, o que te agrada, e é teu.

— Porque então mandas Pery embora ?

D. Antonio não sabia o que responder ; e foi obrigado a procurar um pretexto para explicar ao indio o seu procedimento : a idéa da relijião, que todos os povos comprehendem, pareceu-lhe a mais propria.

— Tu sabes que nós os brancos temos um Deus, que mora lá em cima, a quem amamos, respeitamos e obedecemos.

— Sim.

— Esse Deus não quer que viva no meio de nós um homem que não o adora, e não o co-

nhece; até hoje lhe dezobedecemos; agora elle manda.

— O Deus de Pery tambem mandava que elle ficasse com sua mãe, na sua tribu, junto dos ossos de seu pai, e Pery abandonou tudo para seguir-te.

Houve um momento de silencio; D. Antonio não sabia o que replicar.

— Pery não te quer aborrecer; só espera a ordem da senhora. Tu mandas que Pery vá, senhora?

D. Lauriana que apenas se tinha falado em re-
lijião voltára as suas prevenções contra o indio,
fez um gesto imperiozo a sua filha.

— Sim! balbuciou Cecilia.

O indio abaixou a cabeça; uma lagrima des-
lizou-lhe pela face.

O que elle sofria é impossivel dizer; a pala-
vra não sabe o segredo das tormentas profun-
das de uma alma forte e vigorosa, que pela pri-
meira vez sente-se vencida pela dôr.

Despedida

D. Antonio aproximou-se de Pery e apertou-lhe a mão:

— O que eu te devo, Pery, não se paga; mas sei o que devo a mim mesmo. Tu voltas á tua tribu: apezar da tua corajem e esforço, póde a sorte da guerra não te ser favoravel, e caíres em poder de algum dos nossos. Este papel te salvará a vida e a liberdade; aceita-o em nome de tua senhora e no meu.

O fidalgo entregou ao indio o pergaminho que ha pouco tinha escrito e voltou-se para seu filho:

— Este papel, D. Diogo, assegura a qualquer portuguez de quem Pery possa ser prizioneiro, que D. Antonio de Mariz e seus herdeiros respondem por elle e pelo seu resgate, qualquer que fôr. E' mais um legado que vos deixo a cumprir, meu filho.

— Ficai certo, meu pai, replicou o moço, que saberei responder a essa divida de honra, não só em respeito á vossa memoria, como em satisfação dos meus proprios sentimentos.

— Toda a minha familia aqui presente, disse o fidalgo dirijindo-se ao indio, te agradece ainda uma vez o que fizeste por ella; reunimo-nos todos para te dezejarmos a boa volta ao seio dos teus irmãos e ao campo onde nasceste.

Pery fitou o olhar brilhante no rosto de cada uma das pessoas presentes, como para dizer-lhes o adeus que seus labios naquella ocazião não podiam exprimir.

Apenas seus olhos se fitaram em Cecilia, impellido por uma força invencivel atravessou o apozeno e foi ajoelhar-se aos pés de sua senhora.

A menina tirou do peito uma pequena cruz de ouro preza a uma fita preta, e deitou-a no pescoço do indio:

— Quando tu souberes o que diz esta cruz, volta, Pery.

— Não, senhora; de onde Pery vai, ninguem voltou.

Cecilia estremeceu.

O selvajem ergueu-se, e caminhou para D. Antonio de Mariz, que não podia dominar a sua emoção.

— Pery vai partir; tu mandas, elle obedece; antes que o sol deixe a terra, Pery deixará tua caza; o sol voltará amanhã, Pery não voltará nunca. Leva a morte no seio porque parte hoje; levaria a alegria se partisse no fim da lua.

— Por que razão? perguntou D. Antonio;

desde que é necessario que nos separemos, tanto debes sentir hoje, como d'aqui a trez dias.

— Não, replicou o indio; tu vais ser atacado amanhã talvez, e Pery estaria contigo para defender-te.

— Vou ser atacado? exclamou D. Antonio pensativo.

— Sim: podes contar.

— E por quem?

— Pelo Aymoré.

— E como sabes isto? perguntou D. Antonio fitando nelle um olhar desconfiado.

O indio hezitou durante um momento; estudava a resposta.

— Pery sabe porque viu o pai e o irmão da india, que teu filho matou sem querer, olharem tua caza de longe, soltarem o grito da vingança, e caminharem para sua tribu.

— E tu o que fizeste?

— Pery viu-os passar; e vem te avizar para que te prepares.

O fidalgo fez com a cabeça um movimento de incredulidade.

— E' preciso não te conhecer, Pery, para acreditar no que dizes; tu não podias olhar com indiferença para os inimigos de tua senhora e meus.

O indio sorriu tristemente.

— Eram mais fortes; Pery deixou que passassem.

D. Antonio começou a refletir; parecia evo-

car as suas reminiscencias, e combinar certas circumstancias que tinha impressas na memoria.

Seu olhar abaixando-se do rosto de Pery, caíra sobre os hombros; a principio vago e distraído como o de um homem que medita, começou a fixar-se e a distinguir um ponto vermelho quazi impercetivel, que apparecia no saio de algodão do indio.

A' proporção que a vista se firmava, e que o objeto se deenhava mais distincto, o semblante do fidalgo se esclarecia, como se tivesse achado a solução de um difficil problema.

— Estás ferido? exclamou o fidalgo de repente.

Pery recuou um passo; mas D. Antonio lançando-se para elle entreabriu o talho de sua camiza, e tirou-lhe as duas pistolas da cinta; examinou-as, e viu que estavam descarregadas.

O cavalheiro depois deste exame cruzou os braços, e contemplou o indio com admiração profunda.

— Pery, disse elle, o que fizeste é digno de ti; o que fazes agora é de um fidalgo. Teu nobre coração póde bater sem envergonhar-se sobre o coração de um cavalheiro portuguez. Tomo-vos a todos por testemunhas, que vistes um dia D. Antonio de Mariz apertar ao seu peito um inimigo de sua raça e de sua relijião como a seu igual em nobreza e sentimentos.

O fidalgo abriu os braços e deu em Pery o abraço fraternal consagrado pelos estilos da an-

tiga cavalaria, da qual já naquelle tempo apenas restavam vagas tradições. O indio, de olhos baixos, comovido e confuzo, parecia um criminozo em face do juiz.

— Vamos, Pery, disse D. Antonio, um homem não deve mentir, nem mesmo para esconder as suas boas ações. Responde-me a verdade.

— Fala.

— Quem disparou dois tiros junto ao rio, quando tua senhora estava no banho?

— Foi Pery.

— Quem atirou uma flexa que caiu junto de Cecilia?

— Um Aymoré, respondeu o indio estremecendo.

— Porque a outra flexa ficou sobre o lugar onde estão os corpos dos selvajens?

Pery não respondeu.

— É escuzado negares; tua ferida o diz. Para salvar tua senhora, te ofereceste aos tiros dos inimigos; depois os mataste.

— Tu sabes tudo; Pery não é mais preciso: volta á sua tribu.

O indio lançou um ultimo olhar a sua senhora, e caminhou para a porta.

— Pery! exclamou Cecilia, fica; tua senhora manda.

Depois correndo para seu pai, e sorrindo-lhe entre as lagrimas, disse com um tom suplicante:

— Não é verdade? Elle não deve partir mais.

Vós não podeis manda-lo embora, depois do que fez por mim ?

— Sim ! A caza onde habita um amigo dedicado como este, tem um anjo da guarda que vela sobre a salvação de todos. Elle ficará conosco, e para sempre.

Pery, tremulo e palpitando de alegria e esperança, estava suspenso aos labios de D. Antonio.

— Minha mulher, disse o fidalgo dirigindo-se a D. Lauriana com uma expressão solene, julgais que um homem que acaba de salvar pela segunda vez vossa filha pondo em risco a sua vida, que, despedido por nós, apesar da nossa ingratição, a sua ultima palavra é uma dedicacão por aquelles que o desconhecem, julgais que este homem deva sair da caza onde tantas vezes a desgraça teria entrado, se elle aí não estivera ?

D. Lauriana, tirados os seus prejuizos, era uma boa senhora, e quando o seu coração se comovia sabia compreender os sentimentos generozos. As palavras de seu marido acharam éco em sua alma.

— Não, disse ella levantando-se e dando alguns passos ; Pery deve ficar, sou eu que vos peço agora esta graça, Sr. D. Antonio de Mariz ; tenho tambem a minha divida a pagar.

O indio beijou com respeito a mão que a mulher do fidalgo lhe estendera.

Cecilia batia as mãos de contente ; os dois ca-

valheiros sorriam um para o outro, e compreendiam-se. O filho sentia um certo orgulho, vendo seu pai nobre, grande e generoso. O pai conhecia que seu filho o aprovava, e seguiria o exemplo que lhe dava.

Neste momento Ayres Gomes apareceu no vão da porta e ficou estupefato.

O que se passava era para elle uma couza incompreensivel, um enigma indecifavel para quem ignorava o que sucedera anteriormente.

Pela manhã, depois do almoço, D. Antonio de Mariz, chegando a uma janela da sala, vira uma grande nuvem negra abater-se sobre a marjem do *Paquequer*. A quantidade dos abutres que formavam essa nuvem, indicava que o pasto era abundante; devia ser um ou muitos animaes de grande corpulencia.

Levado pela curiozidade natural em uma existencia sempre igual e monotona, o fidalgo desceu ao rio; encontrou junto da latada de jasmineiros que servia de caza de banho a Cecilia, uma pequena canôa em que atravessou para a marjem oposta.

Aí descobriu os corpos dos dois selvajens que imediatamente reconheceu pertencerem á raça dos Aymorés; viu que tinham sido mortos com arma de fogo. Nesse momento não se lembrou de couza alguma senão de que os selvajens iam talvez atacar a sua caza, e um terrivel presentimento cerrou-lhe o coração.

D. Antonio não era supersticioso; mas não

puvéra eximir-se de um receio vago quando soube da morte que D. Diogo tinha feito involuntariamente e por falta de prudencia; fôra este o motivo por que se tinha mostrado tão severo com seu filho.

Vendo agora o começo da realização de suas sinistras previzões, aquelle receio vago que a principio sentira, redobrou; auxiliado pela disposição de espirito em que se achava, tornou-se em forte presentimento.

Uma voz interior parecia dizer-lhe que uma grande desgraça pezava sobre sua caza, e a existencia tranquila e feliz que até então vivera naquelle ermo ia transformar-se n'uma aflição que elle não sabia definir. Sob a influencia desse movimento involuntario d'alma, que ás vezes sem motivo nos mostra a esperança ou a dôr, o fidalgo voltou a caza.

Perto viu dois aventureiros a quem ordenou que fossem immediatamente enterrar os selvajens, e guardassem o maior silencio sobre isto; não queria assustar sua mulher.

O mais já sabemos.

Pensou que podia a desgraça, que elle temia, recaír sobre sua pessoa, e quiz dispor a sua ultima vontade, assegurando o socego de sua familia.

Depois, o avizo de Pery lembrou-lhe de repente o que tinha visto; recordou-se das menores circumstancias, combinou-as com o que Iza-bel havia contado a sua tia, e conheceu o que

se tinha passado como se o houvesse prezençado.

A ferida do indio que se abrira com as emoções por que passou durante o momento cruel em que sua senhora o mandava partir, tinha manchado o saio de algodão com um ponto quasi impercetivel; este ponto foi um raio de luz para D. Antonio.

O escudeiro, o digno Ayres Gomes, que depois de esforços inauditos conseguira arrastar com o pé a sua espada, levanta-la e com ella cortar os laços que o prendiam tinha pois razão de ficar pasmado diante do que se passava.

Pery, beijando a mão de D. Lauriana, Cecilia contente e rizonha, D. Antonio de Mariz e D. Diogo contemplando o indio com um olhar de gratidão; tudo isto ao mesmo tempo, era para fazer enlouquecer ao escudeiro.

Sobretudo para quem souber que apenas livre correrá á caza unicamente com o fim de contar o ocorrido e pedir a D. Antonio de Mariz licença para esquarterar o indio; rezolvido se o fidalgo lh'a negasse despedir-se do seu serviço, no qual se conservava havia trinta anos; mas tinha uma injuria a vingar, e bem que lhe custasse deixar a caza, Ayres Gomes não hezitava.

D. Antonio vendo a figura espantada do escudeiro, riu-se; sabia que elle não gostava do indio, e quiz neste dia reconciliar todos com Pery.

— Vem cá, meu velho Ayres, meu compa-

nheiro de trinta 'anos. Estou certo que tu, a fidelidade em pessoa, estimarás apertar a mão de um amigo dedicado de toda a minha familia.

Ayres Gomes não ficou pasmado só; ficou uma estatua. Como dezobedecer a D. Antonio que lhe falava com tanta amizade? Mas como apertar a mão que o havia injuriado?

Se já se tivesse despedido do serviço, seria livre; mas a ordem o pilhára de surpresa; não podia sofisma-la.

— Vamos, Ayres!

O escudeiro estendeu o braço hirto; o indio apertou-lhe a mão sorrindo.

— Tu és amigo; Pery não te amarrará outra vez.

Por estas palavras todos adivinharam confuzamente o que se tinha passado, e ninguem pôde deixar de rir-se.

— Maldito bugre! murmurava o escudeiro entre dentes; has de sempre mostrar o que és.

Era hora de jantar: o toque soou.

Travessura

Na tarde desse mesmo domingo em que tantos acontecimentos se tinham passado, Cecilia e Izabel saíam do jardim com o braço na cintura uma da outra.

Estavam vestidas de branco; lindas ambas, mas tinha cada uma diversa beleza; Cecilia era a graça; Izabel era a paixão; os olhos azues de uma brincavam; os olhos negros da outra brilhavam.

O sorrizo de Cecilia parecia uma gota de mel e perfume que distilavam os seus labios mimosos; o sorrizo de Izabel era um beijo ideal, que fugia-lhe da boca e ia roçar com as suas azas a alma daquelles que a contemplavam.

Vendo aquella menina loura, tão graciosa e gentil, o pensamento elevava-se naturalmente ao céu, despia-se do envulcro material e lembrava-se dos anjinhos de Deus.

Admirando aquella moça morena, languida e volutuoza, o espirito apegava-se á terra; esquecia o anjo pela mulher; em vez do paraizo,

lembrava-lhe algum retiro encantador, onde a vida fosse um breve sonho.

No momento em que saíam do jardim, Cecilia olhava sua prima com um certo arzinho malicioso, que fazia prever alguma travessura das que costumava praticar.

Izabel, ainda impressionada pela sena da manhã, tinha os olhos baixos; parecia-lhe, depois do que se havia passado, que todos, e principalmente Alvaro, iam ler o seu segredo, guardado por tanto tempo no fundo de sua alma.

Entretanto sentia-se feliz; uma esperança vaga e indefinida dilatava-lhe o coração e dava á sua fisionomia a expressão de júbilo, expansão da creatura quando acredita ser amada, aureola brilhante que bem se podia chamar a *alma do amor*.

O que esperava ella? Não sabia; mas o ar lhe parecia mais perfumado, a luz mais brilhante, o olhar via os objetos côr de roza, e o leve roçar da espiguilha do vestido no seu colo aveludado cauzava-lhe sensações volutuozas.

Cecilia com o misteriozo instinto da mulher adivinhava, sem comprehender, que alguma couza de extraordinario se passava em sua prima, e admirava a irradiação de beleza que brilhava no seu moreno semblante.

— Como estás bonita! disse a menina de repente.

E conchegando a face de Izabel aos labios,

imprimiu nella um beijo suave; a moça respondeu afetuosamente á carícia de sua prima.

— Não trouxeste o teu bracelete? exclamou ella reparando no braço de Cecilia.

— E' verdade! replicou a menina com um gesto de enfado.

Izabel julgou que este gesto era produzido pelo esquecimento; mas a verdadeira cauza foi o receio que teve Cecilia de se traír.

— Vamos busca-lo?

— Oh! não! ficaria tarde, e perderíamos o nosso passeio.

— Então devo tirar o meu; já não estamos irmãs.

— Não importa; quando voltarmos prometo-te que ficaremos bem irmãs.

Dizendo isto Cecilia sorria maliciosamente.

Tinham chegado á frente da caza. D. Lauriana conversava com seu filho D. Diogo, enquanto D. Antonio de Mariz e Alvaro passeavam pela esplanada conversando.

Cecilia dirijiu-se a seu pai, levando Izabel, que ao aproximar-se do joven cavalheiro sentiu fugir-lhe a vida.

— Meu pai, disse a menina, nós queremos dar um passeio. A tarde está tão linda! Se eu vos pedisse e ao Sr. Alvaro para que nos acompanhassem?

— Nós faríamos como sempre que tu pedes, respondeu o fidalgo galanteando; cumpriríamos a tua ordem.

— Oh! ordem, não, meu pai! Dezejo apenas!

— E o que são os desejos de um lindo anjinho como tu?

— Assim, nos acompanhais?

— De certo.

— E vós, Sr. Alvaro?

— Eu... obedeço.

Cecilia falando ao moço não pôde deixar de córar; mas venceu a perturbação e seguiu com sua prima para a escada que descia ao vale.

Alvaro estava triste; depois da conversa que tivera com Cecilia, vira-a durante o jantar; a menina evitava os seus olhares, e nem uma só vez lhe dirigira a palavra. O moço supunha que tudo isto era resultado da sua imprudencia da vespera, mas Cecilia mostrava-se tão alegre e satisfeita que parecia impossivel ter conservado a lembrança da ofensa de que elle se acuzava.

A maneira por que a menina o tratava tinha mais de indiferença do que de resentimento; dir-se-ia que esquecera tudo que havia passado; nem guardava já a minima lembrança da manhã. Era isto o que tornára Alvaro triste apesar da felicidade que sentira quando D. Antonio o chamára seu filho; felicidade que ás vezes parecia-lhe um sonho encantador que ia esvaecer-se.

As duas moças haviam chegado ao vale, e seguiam por entre as moitas de arvoredos que bordavam o campo formando um gracioso labirinto. A's vezes Cecilia desprendia-se do braço de sua prima, e correndo pela vereda sinuosa

imprimiu nella um beijo suave; a moça respondeu afetuosamente á caricia de sua prima.

— Não trouxeste o teu bracelete? exclamou ella reparando no braço de Cecilia.

— E' verdade! replicou a menina com um gesto de enfado.

Izabel julgou que este gesto era produzido pelo esquecimento; mas a verdadeira cauza foi o receio que teve Cecilia de se traír.

— Vamos busca-lo?

— Oh! não! ficaria tarde, e perderíamos o nosso passeio.

— Então devo tirar o meu; já não estamos irmãs.

— Não importa; quando voltarmos prometo-te que ficaremos bem irmãs.

Dizendo isto Cecilia sorria maliciosamente.

Tinham chegado á frente da caza. D. Lauriana conversava com seu filho D. Diogo, enquanto D. Antonio de Mariz e Alvaro passeavam pela esplanada conversando.

Cecilia dirijiu-se a seu pai, levando Izabel, que ao aproximar-se do joven cavalheiro sentiu fugir-lhe a vida.

— Meu pai, disse a menina, nós queremos dar um passeio. A tarde está tão linda! Se eu vos pedisse e ao Sr. Alvaro para que nos acompanhassem?

— Nós faríamos como sempre que tu pedes, respondeu o fidalgo galanteando; cumpriríamos a tua ordem.

— Oh! ordem, não, meu pail Dezejo apenas!

— E o que são os desejos de um lindo anjinho como tu?

— Assim, nos acompanhais?

— De certo.

— E vós, Sr. Alvaro?

— Eu... obedeço.

Cecilia falando ao moço não pôde deixar de córar; mas venceu a perturbação e seguiu com sua prima para a escada que descia ao vale.

Alvaro estava triste; depois da conversa que tivera com Cecilia, vira-a durante o jantar; a menina evitava os seus olhares, e nem uma só vez lhe dirigira a palavra. O moço supunha que tudo isto era resultado da sua imprudencia da vespera, mas Cecilia mostrava-se tão alegre e satisfeita que parecia impossivel ter conservado a lembrança da ofensa de que elle se acuzava.

A maneira por que a menina o tratava tinha mais de indiferença do que de resentimento; dir-se-ia que esquecera tudo que havia passado; nem guardava já a minima lembrança da manhã. Era isto o que tornára Alvaro triste apesar da felicidade que sentira quando D. Antonio o chamára seu filho; felicidade que ás vezes parecia-lhe um sonho encantador que ia esvaecer-se.

As duas moças haviam chegado ao vale, e seguiam por entre as moitas de arvoredos que bordavam o campo formando um gracioso labirinto. A's vezes Cecilia desprendia-se do braço de sua prima, e correndo pela vereda sinuosa

que recortava as moitas de arbustos, escondia-se por detraz da folhagem, e fazia com que Izabel a procurasse debalde por algum tempo. Quando sua prima por fim conseguia descobri-la, riam-se ambas, abraçavam-se e continuavam o inocente folguedo.

Uma ocasião porém Cecilia deixou que D. Antonio e Alvaro se aproximassem; a menina tinha um olhar tão travesso e um sorriso tão brejeiro, que Izabel ficou inquieta.

— Esqueci-me dizer-vos uma couza, meu pai.

— Sim! E o que é?

— Um segredo.

— Pois vem contar-m'ó.

Cecilia separou-se de Izabel; chegando-se para o fidalgo, tomou-lhe o braço.

— Tende paciencia por um instante, Sr. Alvaro, disse ella voltando-se; conversai com Izabel; dizei-lhe vossa opinião sobre aquelle lindo bracelete... Ainda não o vistes?

E sorrindo afastou-se ligeiramente com seu pai; o segredo que ella tinha, era a travessura que acabava de praticar, deixando Alvaro e Izabel sós, depois de lhes ter lançado uma palavra, que devia produzir o seu efeito.

A emoção que sentiram os dois moços ouvindo o que dissera Cecilia é impossivel de descrever.

Izabel suspeitou o que se tinha passado; conheceu que Cecilia a enganára para obriga-la a aceitar o presente de Alvaro; o olhar que sua

prima lhe lançára afastando-se com seu pai, lh'ó tinha revelado.

Quanto a Alvaro, não comprehendia couza alguma, senão que Cecilia tinha-lhe dado a maior prova do seu desprezo e indiferença; mas não podia adivinhar a razão por que ella associára Izabel a esse ato que devia ser um segredo entre ambos.

Ficando sós em face um do outro, não ouzavam levantar os olhos; a vista de Alvaro estava cravada no bracelete; Izabel, tremula, sentia o olhar do moço, e sofria como se um anel de ferro em braza cinjisse o seu braço mimozo.

Assim estiveram tempo esquecido; por fim Alvaro desejozo de ter uma explicação, animou-se a romper o silencio:

— Que significa tudo isto, D. Izabel? perguntou elle suplicante.

— Não sei!... Fui escarnecida! respondeu Izabel balbuciando.

— Como?

— Cecilia fez-me acreditar que este bracelete vinha de seu pai, para me fazer aceita-lo; pois se eu soubesse...

— Que vinha de minha mão! Não aceitarieis?

— Nunca!... exclamou a moça com fogo.

Alvaro admirou-se do tom com que Izabel proferiu aquella palavra; parecia dar um juramento.

— Qual o motivo? perguntou depois de um momento.

A moça fitou nelle os seus grandes olhos negros; havia tanto amor e tanto sentimento nesse olhar profundo, que se Alvaro o comprehendesse teria a resposta á sua pergunta. Mas o cavalleiro não comprehendeu nem o olhar nem o silencio de Izabel; adivinhava que havia nisto um misterio, e dezejava esclarece-lo.

Aproximou-se da moça e disse-lhe com a voz doce e triste:

— Perdoai-me, D. Izabel; sei que vou cometer uma indiscrição; mas o que se passa exige uma explicação entre nós. Dizeis que fostes escarnecida; tambem eu o fui. Não achais que o melhor meio de acabar com isto, seja o falarmos francamente um ao outro?

Izabel estremeceu.

— Falai: eu vos escuto, Sr. Alvaro.

— Escuzo confessar-vos o que já adivinhastes; sabeis a historia deste bracelete, não é verdade?

— Sim! balbuciou a moça.

— Dizei-me pois como elle passou do lugar onde estava ao vosso braço. Não penseis que vos censuro por isso, não; dezejo apenas conhecer até que ponto zombam de mim.

— Já vos confessei o que sabia. Cecilia enganou-me.

— E a razão que teve ella para enganar-vos não atinais?

— Oh! se atino... exclamou Izabel reprimindo as palpitações do coração.

— Dizei-m'a então. Eu vo-lo peço e suplico!

Alvaro tinha deitado um joelho em terra, e tomando a mão da moça implorava della a palavra que devia explicar-lhe o ato de Cecilia, e revelar-lhe a razão que tivera a menina para rejeitar a prenda que elle havia dado.

Conhecendo esta razão talvez pudesse desculpar-se, talvez pudesse merecer o perdão da menina; e por isso pedia com instancia a Izabel que lhe declarasse o motivo porque Cecilia a havia enganado.

A moça vendo Alvaro a seus pés, suplicante, tinha-se tornado livida; seu coração batia com tanta violencia que via-se o peito do seu vestido elevar-se com as palpitações fortes e apressadas: o seu olhar ardente caía sobre o moço e o fascinava.

— Falai! dizia Alvaro, falai! Sois boa; e não me deixeis sofrer assim, quando uma palavra vossa póde dar-me a calma e o socego.

— E se essa palavra vos fizesse odiar-me? balbuciou a moça.

— Não tenhais esse receio; qualquer que seja a desgraça que me annunciardes, será bem vinda pelos vossos labios; é sempre um consolo receber-se a má nova de voz amiga!

Izabel ia falar, mas parou estremecendo:

— Ah! não posso! seria preciso confessar-vos tudo!

— E porque não confessais? Não vos mereço confiança? Tendes em mim um amigo.

— Se fosseis!...

E os olhos de Izabel sintilaram.

— Acabai!

— Se me fosseis amigo, me haviéis de perdoar.

— Perdoar-vos, D. Izabel! Que me fizestes vós para que eu vos perdôe? disse Alvaro admirado.

A moça teve medo do que havia dito; cobriu o rosto com as mãos.

Todo este dialogo, vivo, animado, cheio de reticencias e hezitações da parte de Izabel, tinha excitado a curiozidade do cavalheiro; seu espirito perdia se n'um dedalo de duvidas e incertezas.

Cada vez o misterio se obscurecia mais; a principio Izabel dizia que tinham escarnecido della; agora dava a entender que era culpada: o cavalheiro rezolveu a todo o transe penetrar o que para elle era um enigma.

— D. Izabel!

A moça tirou as mãos do rosto; tinha as faces inundadas de lagrimas.

— Porque chorais? perguntou Alvaro sorprezo.

— Não m'o pergunteis!...

— Escondeis-me tudo! Deixais-me na mesma duvida! O que me fizestes vós? Dizei!

— Quereis saber? perguntou a moça com exaltação.

— Tanto tempo ha que suplico-vos!

Alvaro tomára as duas mãos da moça, e com

os olhos fitos nos della esperava enfim uma resposta.

Izabel estava branca como a cambraia do seu vestido; sentia a pressão das mãos do moço nas suas e o seu halito que vinha bafejar-lhe as faces.

— Me perdoareis?

— Sim! Mas porque?

— Porque...

Izabel pronunciou esta palavra n'uma especie de delirio; uma revolução subita se tinha operado em toda a sua organização.

O amor profundo, veemente que dormia no intimo de sua alma, a paixão abafada e reprimida, por tanto tempo, acordára, e quebrando as cadeias que a retinham erguia-se impetuoza e indomavel.

O simples contato das mãos do moço tinha cauzado essa revolução; a menina timida ia transformar-se na mulher apaixonada: o amor ia trasbordar do coração como a torrente caudaloza do leito profundo.

As faces se abrazaram; o seio dilatou-se; o olhar envolveu o moço, ajoelhado a seus pés, em fluidos luminosos; a boca entreaberta parecia esperar, para pronuncia-la, a palavra que sua alma devia trazer aos labios.

Alvaro fascinado a admirava; nunca a vira tão bela; o moreno suave do rosto e do colo da moça iluminava-se de reflexos doces e tinha ondulações tão suaves, que o pensamento ia, sem

querer, enleiar-se nas curvas graciosas como para sentir-lhe o contato, espreguiçar-se pelas fôrmas palpitantes.

Tudo isto passára rapidamente emquanto Izabel hezitava ao proferir a primeira palavra.

Por fim vacilou: reclinando sobre o hombro de Alvaro, como uma flor desfalecida sobre a haste murmurou:

— Porque... vos amo!

As mensajens de Pery

Alvaro ergueu-se como se os labios da moça tivessem lançado nas suas veias uma gota do veneno subtil dos selvajens que matava com um atomo.

Palido, atonito, fitava na menina um olhar frio e severo; seu coração leal exajerava a afeição pura que votava a Cecilia a tal ponto, que o amor de Izabel lhe parecia quazi uma injuria; era ao menos uma profanação.

A moça com as lagrimas nos olhos, sorria amargamente; o movimento rapido de Alvaro tinha trocado as pozições; agora era ella que estava ajoelhada aos pés do cavalheiro.

Sofria horriavelmente; mas a paixão a domi-
nava; o silencio de tanto tempo queimava-lhe os labios; seu amor precisava respirar, expandir-se, embora depois o desprezo e mesmo o odio o viessem recalcar no coração.

— Prometestes perdoar-me!... disse ella suplicante.

— Não tenho que perdoar-vos, D. Izabel, res-

pondeu o moço erguendo-a; peço-vos unicamente que não falemos mais de semelhante couza.

— Pois bem! Escutai-me um momento, um instante só, e juro-vos por minha mãe, que não ouvireis nunca mais uma palavra minha! Se quereis, nem mesmo vos olharei! Não preciso olhar para ver-vos!

E acompanhou estas palavras com um gesto sublime de resignação.

— Que dezejais de mim? perguntou o moço.

— Dezejo que sejais meu juiz. Condenai-me depois; a pena vindo de vós será para mim um consolo. M'ò negareis?

Alvaro sentiu-se comovido por essas palavras soltas com o grito de um desespero surdo e concentrado.

— Não cometestes um crime, nem precisais de juiz; mas se quereis um irmão para consolar-vos, tendes em mim um dedicado e sincero.

— Um irmão!... exclamou a moça. Seria ao menos uma afeição.

— E uma afeição calma e serena que vale bem outras, D. Izabel.

A moça não respondeu; sentiu a doce exprobração que havia naquellas palavras; mas sentia também o amor ardente que enchia sua alma, e a sufocava.

Alvaro tinha-se lembrado da recomendação de D. Antonio de Mariz; o que a principio fôra uma simples paixão tornou-se simpatia. Izabel era desgraçada desde a infancia; devia pois

consola-la, e desde já cumprir a ultima vontade do velho fidalgo, a quem amava e respeitava como pai.

— Não recuzeis o que vos peço, disse elle afetuosamente, aceitai-me por vosso irmão.

— Assim deve ser, respondeu Izabel tristemente, Cecilia me chama sua irmã; vós deveis ser meu irmão. Aceito! Sereis bom para mim?

— Sim, D. Izabel.

— Um irmão não deve tratar sua irmã pelo seu nome simplesmente? perguntou ella com timidez.

Alvaro hezitou.

— Sim, Izabel.

A moça recebeu essa palavra como um gozo supremo; parecia-lhe que os labios do cavalheiro, pronunciando assim familiarmente o seu nome, o acariciavam.

— Obrigada! Não sabeis que bem me faz ouvir-vos chamar-me assim. E' preciso ter sofrido muito para que a felicidade esteja em tão pouco.

— Contai-me as vossas mágoas.

— Não: deixai-as comigo; talvez depois as conte; agora só quero mostrar-vos que não sou tão culpada como pensais.

— Culpada! Em que?

— Em querer-vos, disse Izabel córando.

Alvaro tornou-se frio e reservado.

— Sei que vos incomodo: mas é a primeira e a ultima vez; ouvi-me, depois ralhareis comigo, como um irmão com sua irmã.

A voz de Izabel era tão doce, seu olhar tão suplicante, que Alvaro não pôde rezistir.

— Falai, minha irmã.

— Sabeis o que eu sou, uma pobre orfan que perdeu sua mãe muito cedo, e não conheceu seu pai. Tenho vivido da compaixão alheia; não me queixo, mas soffro. Filha de duas raças inimigas devia amar a ambas; entretanto minha mãe desgraçada fez-me odiar a uma, o desdem com que me tratam fez-me desprezar a outra.

— Pobre moça! murmurou Alvaro lembrando-se outra vez das palavras de D. Antonio de Mariz.

— Assim izolada no meio de todos, alimentando apenas o sentimento amargo que minha mãe deixára no meu coração, sentia a necessidade de amar alguma couza. Não se pôde viver sómente de odio e desprezo!...

— Tendes razão, Izabel.

— Inda bem que me aprovais. Precizava amar; precisava de uma afeição que me prendesse á vida. Não sei como, não sei quando, comecei a amar-vos; mas em silencio, no fundo de minha alma.

A moça embebeu um olhar nos olhos de Alvaro.

— Isto me bastava. Quando vos tinha olhado horas e horas, sem que o percebesseis, julgava-me feliz; recolhia-me com a minha doce imajem, e conversava com ella, ou adormecia, sonhando bem lindos sonhos.

O cavalheiro sentia-se perturbado; mas não ousava interromper a Izabel.

— Não sabeis que segredos tem esse amor que vive só de suas iluzões, sem que um olhar, uma palavra o alimente. A mais pequenina couza é um prazer, uma ventura suprema. Quantas vezes não acompanhava o raio de lua que entrava pela minha janela e que vinha a pouco e pouco se aproximando de mim; julgava ver naquella doce claridade o vosso semblante, e esperava tremula de prazer como se vos esperasse. Quando o raio se chegava, quando a sua luz assetinada caía sobre mim, sentia um gozo imenso; acreditava que me sorrieis, que vossas mãos apertavam as minhas, que vosso rosto se reclinava para mim, e vossos labios me falavam. . .

Izabel pendeu a cabeça languida sobre o hombro de Alvaro; o cavalheiro palpitando de emoção passou o braço pela cintura da moça e apertou-a ao coração; mas de repente afastou-se com um movimento brusco.

— Não vos arreceieis de mim, disse ella com melancolia, sei que não me deveis amar. Sois nobre e generoso; o vosso primeiro amor será o ultimo. Podeis-me ouvir sem temor.

— Que vos resta a dizer-me ainda? perguntou Alvaro.

— Resta a explicação que ha pouco me pedeis.

— Ah! emfim!

Izabel contou então como apesar de toda a

força de vontade com que guardava o seu segredo se havia traído; contou a conversa de Cecilia, e o modo por que a menina lhe fizera aceitar o bracelete.

— Agora sabeis tudo; o meu afeto vai de novo entrar no meu coração, donde nunca saíria se não fosse a fatalidade que fez com que vos aproximasseis de mim, e me dirijissem algumas palavras doces. A esperança para as almas que não a conheceram ainda, ilude tanto e fascina, que devo merecer-vos desculpa. Esquecei-me, meu irmão, antes que lembrar-vos de mim para odiar-me!

— Fazeis-me uma injustiça, Izabel; não posso, é verdade, ser para vós senão um irmão, mas esse titulo sinto que o mereço pela estima e pela afeição que me inspirais. Adeus, minha boa irmã.

O moço pronunciou estas ultimas palavras com uma terna efusão, e, apertando a mão de Izabel, desapareceu: precisava estar só para reflectir sobre o que lhe acontecia.

Estava agora convencido que Cecilia não o amava, e nunca o havia amado; e esta descoberta tinha lugar no mesmo dia em que D. Antonio de Mariz lhe dava a mão de sua filha!

Sob o pezo da mágoa dolorosa, como é sempre a primeira mágoa do coração, o cavalheiro afastou-se distraído, com a cabeça baixa; caminhou sem direção, seguindo a linha que traçavam os grupos de arvores, destacados aqui e ali sobre a campina.

Estava quasi a anoitecer: a sombra palida e

descórada do crepusculo estendia-se como um manto de gaze sobre a natureza; os objetos iam perdendo a fôrma, a côr, e ondulavam no espaço vagos e indecizos.

A primeira estrela engolfada no azul do céu luzia a furto como os olhos de uma menina que se abrem ao acordar, e cerram-se outra vez temendo a claridade do dia: um grilo escondido no toco de uma arvore começava a sua canção; era o trovador inseto saudando a aproximação da noite.

Alvaro continuava o seu passeio, sempre pensativo, quando de repente sentiu um sopro vivo bafejar-lhe o rosto; erguendo os olhos viu diante de si uma longa flexa fincada no chão, e que ainda oscilava com o movimento que lhe tinha imprimido o arco.

O moço recuou um passo e levou a mão á cinta; logo refletindo aproximou-se da seta e examinou a plumagem de que estava ornada; eram de um lado penas de azulão e do outro penas de garça.

Azul e branco eram as côres de Pery; eram as côres dos olhos e do rosto de Cecilia.

Um dia a menina, semelhante a uma gentil castelã da media idade, tinha-se divertido em explicar ao indio, como os guerreiros que serviam uma dama, costumavam uzar nas armas de suas côres.

— Tu dás a Pery as tuas côres, senhora? disse o indio.

— Não tenho, respondeu a menina; mas vou tomar umas para te dar; queres?

— Pery te pede.

— Quaes achas mais bonitas?

— A de teu rosto, e a de teus olhos.

Cecilia sorriu.

— Toma-as; eu t'as dou.

Desde este dia, Pery enramou todas as suas setas de penas azues e brancas; seus ornatos, além de uma faixa de plumas escarlates que fôra tecida por sua mãe, eram ordinariamente das mesmas côres.

Foi por esta razão que Alvaro, vendo a plumagem da seta, tranquilizou-se; conheceu que era de Pery, e compreendeu o sentido da frase simbolica que o indio lhe mandava pelos ares.

Com efeito aquella flecha na linguagem de Pery não era mais do que um avizo dado em silencio e de uma grande distancia; uma carta ou mensajeira muda, uma simples interjeição: *Alto!*

O moço esqueceu os seus pensamentos e lembrou-se do que Pery lhe havia dito pela manhã; naturalmente o que acabava de fazer tinha relação com esse misterio que apenas deixára entrever.

Correu os olhos pelo espaço que se estendia diante d'elle, e sondou com o olhar as moitas que o cercavam; não viu nada que merecesse atenção, não percebeu um sinal que lhe indicasse a presença do indio.

Alvaro rezolveu pois esperar; e parando junto da flecha, cruzou os braços, e com os olhos fitos na linha escura da mata que se recortava no fundo azul do horizonte, esperou.

Um instante depois uma pequena seta açoutando o ar veiu cravar-se no tope da primeira, e abalou-a com tal força que a haste inclinou-se; Alvaro compreendeu que o indio queria arrancar a flecha, e obedeceu á ordem.

Imediatamente terceira seta caía dois passos á direita do cavalheiro, e outras foram se succedendo na mesma direção de duas em duas braças até que uma mergulhou-se n'um arvoredado basto que ficava a trinta passos do lugar onde parára a principio.

Não era difficil desta vez comprehender a vontade de Pery; Alvaro, que acompanhava as setas á proporção que caíam, e que sabia indicarem ellas o lugar onde devia parar, apenas viu a ultima sumir-se no arvoredado, escondeu-se por entre a folhagem.

Dai, com pequeno intervalo, viu trez vultos que passavam pouco mais ou menos pelo lugar que ha pouco havia deixado; Alvaro não os pôde conhecer por cauza da ramagem das arvores, mas viu que caminhavam cautelozamente, e pareceu-lhe que tinham as pistolas em punho.

Os vultos afastaram-se dirigindo-se á caza; o cavalheiro ia segui-los, quando as folhas se abriram, e Pery resvalando como uma sombra, sem

fazer o menor rumor, aproximou-se d'elle, e disse-lhe ao ouvido uma palavra.

— São elles.

— Elles quem?

— Os inimigos brancos.

— Não te entendo.

— Espera: Pery volta.

E o indio desapareceu de novo nas sombras da noite que avançava rapidamente.

Trama

Tornemos ao lugar onde deixámos Loredano e seus dois companheiros.

O italiano, depois que Alvaro e Pery se afastaram, levantou-se; passada a primeira emoção, sentira um acesso de raiva e desespero por lhe escaparem os seus inimigos.

Um instante lembrou-se de chamar os cúmplices para atacar o cavalheiro e o indio; mas essa idéa desvaneceu-se logo; o aventureiro conhecia os homens que o seguiam; sabia que podia fazer delles assassinos, mas nunca homens de energia e resolução.

Ora, os dois inimigos que tinha a combater, eram respeitaveis; e Loredano temeu comprometer ainda mais a sua cauza, já muito mal parada. Devorou pois em silencio a sua raiva, e começou a refletir nos meios de sair da posição difficil em que se achava.

Neste meio tempo Ruy Soeiro e Bento Simões vinham se aproximando receiozos do que tinham visto, e temendo o menor incidente que complicasse a situação.

Loredano e seus companheiros olharam-se em silencio um momento; havia nos olhos desses ultimos uma interrogação muda e inquieta, a que respondia perfeitamente o rosto palido e contraído do italiano.

— Não era elle!... murmurou o aventureiro com a voz surda.

— Como sabeis?

— Se fosse, acreditais que me deixasse a vida?

— É verdade; mas quem foi então?

— Não sei; porém agora pouco importa. Quem quer que fosse, é um homem que sabe o nosso segredo, e póde denuncia-lo se já não o fez.

— Um homem?... murmurou Bento Simões, que até então se conservára silenciozo.

— Sim; um homem. Quereis que fosse uma sombra?

— Uma sombra não, mas um espirito! acudiu o aventureiro.

O italiano sorriu de escarneo.

— Os espiritos têm mais que fazer para se occuparem com o que vai por este mundo; guardai as vossas abuzões, e pensemos seriamente no partido que devemos tomar.

— Lá quanto a isso, Loredano, é escuzado; ninguem me tira que anda em tudo isto uma couza sobrenatural.

— Quereis calar-vos, estúpido carola! replicou o italiano com impaciencia.

— Estúpido!... Estúpido sois vós que não

vistes que não ha ouvido de creatura que pudesse ouvir as nossas palavras, nem voz humana que saia da terra. Vinde! E vou mostrar-vos se o que digo é ou não a verdade.

Os dois acompanharam Bento Simões e voltaram á touça de cardos, onde tivera lugar a sua entrevista.

— Ide, Ruy, e falai á guela despegada para ver se Loredano ouve uma palavra sequer.

Com efeito a experiencia mostrou-lhes o que Pery tinha conhecido; que o som da voz entaipado dentro daquella especie de tubo, se elevava e perdia no ar, sem que dos lados se pudesse perceber a menor fraze. Se porém o italiano se tivesse colocado sobre o formigueiro que penetrava até ao chão onde ha pouco estavam sentados, teria tido a explicação da sena anterior.

— Agora, disse Bento Simões, entrai; eu gritarei e vereis que a palavra vos passará pela cabeça e não sairá da terra.

— Quanto a isto pouco se me dá, respondeu o italiano. A outra observação, sim, tranquilizame. O homem que nos ameaçou não ouviu; desconfia apenas.

— Ainda insistis em que fosse um homem?

— Escutai, amigo Bento Simões; ha uma couza de que tenho mais medo do que de uma cobra; é de um homem vizionario.

— Vizionario! dizei crente!

— Um vale outro. Vizionario ou crente, se me

falais outra vez em espiritos e milagres, prometo-vos que ficareis neste lugar onde servireis de carniça aos urubús.

O aventureiro tornou-se esverdinhado; não era a idéa da morte e sim da pena eterna que, segundo uma crença religiosa, sofrem as almas cujos corpos ficam insepultos, o que mais o horrorizava.

— Pensastes ?

— Sim.

— Admitis que fosse um homem ?

— Admito tudo.

— Jurais ?

— Juro.

— Sobre . . .

— Sobre minha salvação.

O italiano soltou o braço do miseravel, que caíu de joelhos pedindo ao Deus que ofendia perdão para o perjúrio que acabava de cometer.

Ruy Soeiro voltou: os trez seguiram calados o caminho que tinham feito; Loredano pensativo, seus companheiros cabisbaixos.

Sentaram-se á sombra de uma arvore; aí permaneceram quazi uma hora, sem saber o que deviam fazer, nem o que podiam esperar. A posição era critica; reconheciam que se achavam n'um desses lances da vida, em que um passo, um movimento, precipita o homem no fundo do abismo, ou o salva da morte que vai cair sobre elle.

Loredano media a situação com a audacia e enerjia que nunca o abandonava nas ocasiões

extremas; uma luta violenta se travára neste homem; só tinha agora um sentimento, uma fibra; era a sêde ardente do gozo, sensualidade exacerbada pelo ascetismo do claustro e o isolamento do dezerto. Comprimida desde a infancia, a sua organização se expandira com veemencia no meio desse paiz vigoroso, aos raios do sol ardente que fazia borbulhar o sangue.

Então, no delirio dos instintos materiais, surgiram duas paixões violentas.

Uma era a paixão do ouro; a esperança de poder um dia deleitar-se na contemplação do tezouro fabuloso que como Tantaló elle ia tocar e fugia-lhe.

A outra era a paixão do amor; a febre que lhe requeimava o sangue quando via aquella menina inocente e candida, que parecia não dever inspirar, senão afeições castas.

A luta que naquelle momento o agitava dava-se entre essas duas paixões. Devia fugir e salvar o seu tezouro, perdendo Cecilia? Devia ficar e arriscar a vida para saciar o seu desejo infrene?

A's vezes dizia comsigo que bastava-lhe a riqueza para poder escolher no mundo uma mulher que amasse: outras parecia-lhe que o universo inteiro sem Cecilia ficaria dezerto, e inutil lhe seria todo o ouro que ia conquistar.

Por fim ergueu a cabeça. Seus companheiros esperavam uma palavra sua como o oraculo do seu destino; prepararam-se para ouvi-lo.

— Só ha duas couzas a fazer, ou entrarmos na caza, ou fujirmos daqui mesmo; é preciso rezolver. Que pensais vós?

— Eu penso, disse Bento Simões tremulo ainda, que devemos fugir quanto antes, e andar dia e noite sem parar.

— E vós, Ruy, sois do mesmo avizo?

— Não; fugir é nos denunciar e perder. Trez homens sós neste sertão, obrigados a evitar o povoado, não podem viver; temos inimigos por toda a parte.

— Que propondes então?

— Que entremos em caza como se nada se tivesse passado; ou estamos descobertos, e neste cazo ainda faltam as provas para nos condemnarem; ou ignoram tudo e não corremos o menor risco.

— Tendes razão, disse o italiano, devemos voltar; nessa caza está a nossa fortuna, ou a nossa ruina. Achamo-nos n'uma posição em que devemos ganhar tudo ou perder tudo.

Houve longa pausa durante que o italiano refletia.

— Com quantos homens contaes, Ruy? perguntou elle.

— Com oito.

— E vós, Bento?

— Sete.

— Decididos?

— Prontos ao menor sinal.

— Bem, disse o italiano com o desempenho

de um chefe dispondo o plano da batalha; trouxe cada um os vossos homens amanhã a esta hora; é preciso que á noite esteja tudo concluido.

— E agora o que vamos fazer? perguntou Bento Simões.

— Vamos esperar que escureça; á boca da noite nos achegaremos da caza. Um de nós á sorte entrará primeiro; se nada houver, dará sinal aos outros. Assim, quando um se perca, dois ao menos terão ainda esperança de salvar-se.

Os aventureiros resolveram passar o dia no mato; uma caça, algumas frutas silvestres deram-lhes simples mas abundante refeição.

Por volta de cinco horas da tarde se encaminharam á caza, a fim de sondarem o que passava, e realizarem o seu projeto.

Antes de partirem, Loredano carregou a clavicina, mandou seus companheiros carregar as suas, e disse-lhes:

— Assentai bem nisto. Na posição difficil em que estamos, quem não é nosso amigo é nosso inimigo. Póde ser um espião, um denunciante; em todo o cazo será depois menos um que teremos contra nós.

Os dois compreenderam a justeza dessa observação, e seguiram com as armas engatilhadas, olho vivo e ouvido alerta.

Apezar porém da sua atenção, não viram ajitar-se as folhas a dois passos delles, e esten-

der-se pelos arbustos uma ondulação que parecia produzida pela correnteza do vento.

Era Pery; havia um quarto d' hora que elle acompanhava os aventureiros como a sua sombra; o indio deixando D. Antonio dera pela sua auzencia, e conjeturando que elles tramavam alguma couza, lançou-se em sua procura.

O italiano e seus companheiros caminhavam já havia pedaço, quando Bento Simões parou:

— Quem entrará primeiro?

— A sorte decidirá, respondeu Ruy.

— Como?

— Desta maneira, disse o italiano. Vêdes aquella arvore? O que primeiro chegar a ella será o ultimo a entrar; o ultimo será o primeiro.

— Está dito!

Os trez meteram as armas á cinta, e prepararam-se para a corrida.

Pery ouvindo-os teve uma inspiração: os aventureiros iam separar-se; como Loredano, elle tambem disse, comsigo:

— O ultimo será o primeiro.

E tomando trez flechas, esticou a corda do arco; mataria os aventureiros sem que um percebesse a morte dos outros.

Os trez partiram; mas não tinham feito uma braça de caminho quando Bento Simões tropeçando, foi de encontro a Loredano, e estendeu-se no chão ao fio comprido do lombo.

Loredano soltou uma blasfemia, Bento gritou

mizericórdia; Ruy que já ia adiante, voltou julgando que alguma couza sucedia.

O plano de Pery tinha gorado.

— Sabeis, disse Loredano, que no pareo perde aquelle que se deixou cair. Sereis o primeiro, amigo Bento.

O aventureiro não replicou.

Pery não perdera a esperança de lhe deparar a fortuna outra ocasião favoravel para realizar o seu projeto; seguiu-os. Foi então que de lonje por baixo das arvores avistou Alvaro na mesma direção em que iam os aventureiros; despedindo uma seta por elevação dera ao cavalheiro o primeiro sinal, e os outros que o fizeram afastar-se.

Deixando Alvaro, a intenção do indio era atalhar os aventureiros, espera-los junto á cerca; e quando elles se separassem para entrar a um e um, mata-los.

Mas uma fatalidade parecia perseguir o indio, e protejer os inimigos.

Quando Bento Simões, destacando-se dos companheiros entrou na cerca, Pery ouviu naquella direção a voz de Cecilia que voltava do passeio com seu pai e sua prima.

A mão do indio, que nunca tremera no meio do combate, caiu inerte; escapou-lhe o arco, só com a idéa de que a seta que ia atirar pudesse assustar a menina, quanto mais ofende-la.

Bento Simões passou incolume.

A chacara

Pery viu passar pouco depois Loredano e Ruy Soeiro.

Era a terceira vez que os aventureiros depois de estarem na sua mão lhe escapavam por uma especie de fatalidade.

O indio refletiu alguns momentos, e tomou uma resolução definitiva; modificou inteiramente o seu plano. A principio decidira não atacar os trez inimigos de frente, não porque os temesse, mas sim porque receiava que morrendo pudessem realizar a salvo o projeto, cujo segredo só elle sabia.

Conheceu porém que não havia remedio se não recorrer a este expediente; o tempo corria; de um momento para outro podia o italiano executar a sua trama.

O que precisava era achar um meio para no cazo de succumbir prevenir a D. Antonio de Mariz do perigo que o ameaçava; este meio havia já acudido ao pensamento do indio.

Foi ter com Alvaro que o esperava.

O moço já o tinha esquecido; pensava em Ce-

cia, na sua afeição quebrada, na sua mais doce esperança murcha, e talvez perdida para sempre.

A's vezes tambem apresentava-se ao seu espirito a imajem melancolica de Izabel; lembrava-se que ella tambem amava, e não era amada. Esta lembrança creava certo laço entre elle e a moça; ambos sofriam pela mesma cauza, ambos sentiam o mesmo pezar, e curtiam igual dezen-gano.

Depois vinha a idéa de que era a elle que Izabel amava; sem querer repassava na memoria as ternas palavras; revia o sorrizo triste e os olhares de fogo que se aveludavam com a languidez do amor.

Parecia-lhe que sentia ainda o halito perfumado da moça, a pressão da cabeça desfalecida em seu hombro, o contato das mãos tremulas, e o éco das queixas murmuradas pela voz mavioza.

O coração lhe palpitava com violencia; esquecia-se revendo a bela imajem, de um moreno suave, a que o amor dava reflexos e uma aureola esplendida.

Mas de repente estremecia, como se a moça ainda estivesse perto d'elle; passava a mão pela fronte para arrancar as reminiscencias que o incomodavam; e tornava á indiferença de Cecilia e ao dezen-gano de suas esperanças.

Quando Pery se aproximou, Alvaro estava n'um dos momentos de tedio e dezapecto da vida, que sucedem ás dôres profundas.

— Diz-me, Pery. Falaste de inimigos?

— Sim; respondeu o indio.

— Quero conhece-los.

— Para que?

— Para ataca-los.

— Mas são trez.

— Melhor.

O indio hezitou:

— Não; Pery quer combater só os inimigos de sua senhora; se elle morrer tu saberás tudo; acaba então o que Pery tiver começado.

— Para que este misterio? Não podes dizer já quem são esses inimigos?

— Pery póde; mas não quer dizer.

— Porque?

— Porque tu és bom e pensas que os outros tambem são; tu defenderás os maus.

— Oh! que não. Fala!

— Ouve. Se Pery não apparecer amanhã, tu não tornarás a vê-lo: mas a alma de Pery voltará para te dizer os nomes delles.

— Como?

— Tu verás. São trez; querem ofender a senhora, matar seu pai, a ti, a todos da caza. Têm outros que os seguem.

— Uma revolta!... exclamou Alvaro.

— O primeiro delles quer fujir e levar Cecy, que tu amas; mas Pery não deixará.

— E' impossivel! disse o moço surpreendido.

— Pery te diz verdade.

— Não creio!...

Com efeito o cavalheiro attribuindo as desconfianças do indio a uma exajeração filha da sua dedicação extrema pela filha de D. Antonio, não podia acreditar no horrivel attentado: sua direitura de sentimentos repelia a possibilidade de um crime tal.

O fidalgo era amado e respeitado por todos os aventureiros: nunca durante dez annos que o moço o acompanhava se tinha dado na banda um só ato de insubordinação contra a pessoa do chefe; havia faltas de disciplina, rixas entre os companheiros, tentativas de dezerção; mas não passava disto.

O indio sabia que Alvaro duvidaria do que se passava; e por isso se obstinava em guardar parte do segredo, receiando que o moço com o seu cavalheirismo não tomasse o partido dos trez aventureiros.

— Tu duvidas de Pery?

— Quem faz uma acuzação tal, precisa prova-la. Tu és um amigo, Pery; mas os outros tambem o são, e têm o direito de se defenderem.

— Quando um homem vai morrer, tu julgas que elle mente? perguntou o indio com firmeza.

— Que queres dizer com isto?

— Pery vai vingar sua senhora; vai se separar de tudo quanto ama; se elle perder a vida dirás ainda que se engana?

Alvaro foi abalado pelas palavras do indio.

— Melhor é que fales a D. Antonio de Mariz.

— Não; elle e tu servem para combater homens que atacam pela frente; Pery sabe caçar o tigre na floresta, e esmagar a cobra que vai lançar o bote.

— Mas então o que queres de mim?

— Que se Pery morrer, acredites no que elle te diz e faças o que elle fez; que salves a senhora!

— Assassinar?... Nunca, Pery; nunca o meu braço brandirá o ferro senão contra o ferro!

O indio lançou ao moço um olhar que vibrou nas trevas.

— Tu não amas Cecyl!

Alvaro estremeceu.

— Se tu a amasses, matarias teu irmão para livra-la de um perigo.

— Pery, talvez não comprehendas o que vou dizer-te. Daria a minha vida sem hezitar por Cecilia; mas a minha honra pertence a Deus e à memoria de meu pai.

Os dois homens olharam se um momento em silencio; ambos tinham a mesma grandeza de alma, e a mesma nobreza de sentimento; entretanto as circumstancias da vida haviam creado nelles um contraste.

Em Alvaro, a honra e um espirito de lealdade cavalheiresca dominavam todas as suas ações; não havia afeição ou interesse que pudesse quebrar a linha invariavel, que elle havia traçado, e era a linha do dever.

Em Pery a dedicação subrepujava tudo; vi-

ver para sua senhora, crear em torno della uma especie de providencia humana, era a sua vida; sacrificaria o mundo se possivel fosse, comtanto que pudesse, como o Noé dos indios, salvar uma palmeira onde abrigar Cecilia.

Entretanto essas duas naturezas, uma filha da civilização, a outra filha da liberdade selvajem, embora separadas por distancia imensa, compreendiam-se: a sorte lhes traçara um caminho diferente; mas Deus vazára em suas almas o mesmo germen de heroismo, que nutre os grandes sentimentos.

Pery conheceu que Alvaro não cederia; Alvaro sabia que Pery apesar de sua recusa, cumpriria exatamente o que tinha rezolvido.

O indio a principio pareceu impressionado pela obstinação do cavalheiro; porém ergueu a cabeça com um gesto altivo, e batendo com a mão no peito largo e vigorozo, disse em tom de enerjia:

— Pery só, defenderá sua senhora: não preciza de ninguem. É forte; tem como a andorinha as azas de suas flechas; como a cascavel o veneno das setas; como o tigre a força de seu braço; como a ema a velocidade de sua carreira. Só póde morrer uma vez; mas uma vida lhe basta.

— Pois bém, amigo, respondeu o cavalheiro com nobreza, vais realizar o teu sacrificio; eu cumprirei o meu dever. Tenho uma vida tambem, e a minha espada. Farei de uma a sombra

— Não; elle e tu servem para combater homens que atacam pela frente; Pery sabe caçar o tigre na floresta, e esmagar a cobra que vai lançar o bote.

— Mas então o que queres de mim ?

— Que se Pery morrer, acredites no que elle te diz e faças o que elle fez; que salves a senhora !

— Assassinar?... Nunca, Pery; nunca o meu braço brandirá o ferro senão contra o ferro !

O indio lançou ao moço um olhar que vibrou nas trevas.

— Tu não amas Cecy !

Alvaro estremeceu.

— Se tu a amasses, matarias teu irmão para livra-la de um perigo.

— Pery, talvez não comprehendas o que vou dizer-te. Daria a minha vida sem hesitar por Cecilia; mas a minha honra pertence a Deus e á memoria de meu pai.

Os dois homens olharam se um momento em silencio; ambos tinham a mesma grandeza de alma, e a mesma nobreza de sentimento; entretanto as circumstancias da vida haviam creado nelles um contraste.

Em Alvaro, a honra e um espirito de lealdade cavalheiresca dominavam todas as suas ações; não havia afeição ou interesse que pudesse quebrar a linha invariavel, que elle havia traçado, e era a linha do dever.

Em Pery a dedicação subrepujava tudo; vi-

ver para sua senhora, crear em torno della uma especie de providencia humana, era a sua vida; sacrificaria o mundo se possivel fosse, comtanto que pudesse, como o Noé dos indios, salvar uma palmeira onde abrigar Cecilia.

Entretanto essas duas naturezas, uma filha da civilização, a outra filha da liberdade selvajem, embora separadas por distancia imensa, comprehendiam-se: a sorte lhes traçára um caminho diferente; mas Deus vazára em suas almas o mesmo germen de heroismo, que nutre os grandes sentimentos.

Pery conheceu que Alvaro não cederia; Alvaro sabia que Pery apesar de sua recuza, cumpriria exatamente o que tinha rezolvido.

O indio a principio pareceu impressionado pela obstinação do cavalheiro; porém ergueu a cabeça com um gesto altivo, e batendo com a mão no peito largo e vigorozo, disse em tom de enerjia:

— Pery só, defenderá sua senhora: não precisa de ninguem. É forte; tem como a andorinha as azas de suas flechas; como a cascavel o veneno das setas; como o tigre a força de seu braço; como a ema a velocidade de sua carreira. Só póde morrer uma vez; mas uma vida lhe basta.

— Pois bem, amigo, respondeu o cavalheiro com nobreza, vais realizar o teu sacrificio; eu cumprirei o meu dever. Tenho uma vida tambem, e a minha espada. Farei de uma a sombra

de Cecilia; com a outra traçarei em torno della um circulo de ferro. Podes ficar certo que os inimigos que passarem por cima de teu corpo acharão o meu antes de chegarem á tua senhora.

— Tu és grande; podias ter nascido no deserto, e ser o rei das florestas; Pery te chamaria irmão.

Apertaram as mãos e dirigiram-se á caza; em caminho Alvaro lembrou-se que ainda não conhecia os homens contra os quais tinha de defender Cecilia; perguntou seus nomes; Pery recusou formalmente e prometeu que o cavalleiro saberia, quando fosse tempo.

O indio tinha a sua idéa.

Chegando á caza os dois separaram-se; Alvaro ganhou o apozento que ocupava; Pery encaminhou-se para o jardim de Cecilia.

Eram então oito horas da noite, toda a familia se achava reunida na ceia; o quarto da menina estava ás escuras. Pery examinou os arredores para ver se tudo estava tranquilo e em socego; e sentou-se n'um banco do jardim.

Meia hora depois uma luz esclareceu a janela do quarto, e a porta abrindo-se deixou ver o corpinho gracioso de Cecilia que se destacava no vão esclarecido.

A menina avistando o indio correu para elle:

— Meu pobre Pery, disse ella; tu sofreste hoje muito, não é verdade? E achaste tua senhora bem má e bem ingrata, porque te mandou

partir! Mas agora, meu pai disse: Ficarás conosco para sempre.

— Tu és boa senhora: tu choravas quando Pery ia partir; pediste para elle ficar.

— Então não tens queixa de Cecy? disse a menina sorrindo.

— O escravo póde ter queixa de sua senhora? tornou o indio simplesmente.

— Mas tu não és escravo!... respondeu Cecilia com um gesto de contrariedade; tu és um amigo sincero e dedicado. Duas vezes me salvaste a vida; fazes impossiveis para me veres contente e satisfeita; todos os dias te arriskas a morrer por minha cauza.

O indio sorriu:

— Que queres que Pery faça de sua vida, senhora?

— Quero que estime sua senhora e lhe obedeça, e aprenda o que ella lhe ensinar, para ser um cavalheiro, como meu irmão D. Diogo e o Sr. Alvaro.

Pery abanou a cabeça.

— Olha, continuou a menina; Cecy vai te ensinar a conhecer o Senhor do céu, e a rezar tambem e ler bonitas historias. Quando souberes tudo isto, ella bordará um manto de seda para ti; terás uma espada, e uma cruz no peito. Sim?

— A planta precisa de sol para crescer, a flor precisa de agua para abrir; Pery precisa de liberdade para viver.

— Mas tu serás livre; e nobre como meu pai.

— Não!... O passaro que vôa nos ares cai, se lhe quebram as azas; o peixe que nada no rio morre, se o deitam em terra; Pery será como o passaro e como o peixe, se tu cortares as suas azas e o tirares da vida em que nasceu.

Cecilia bateu com o pé em sinal de impaciencia.

— Não te zanga, senhora.

— Não fazes o que Cecy pede?... Pois Cecy não te quer mais bem; nem te chamará mais seu amigo. Vê; já não guardo a flor que me déste.

E a linda menina, machucando a flor que arrancou dos cabelos, correu para o seu quarto, e bateu a porta com violencia.

O indio voltou pezarozo á sua cabana.

De repente cortou o silencio da noite voz argentina, que cantava uma antiga chacara portugueza, com sentimento e expressão arrebatadora. Os sons doces de uma guitarra hespanhola faziam acompanhamento da muzica.

A chacara dizia assim:

Foi um dia. — Infância mouro
Deixou
Alcaçar de prata e ouro.

Montado no seu corcel,
Partiu
Sem pajem, sem anadel.

Do castelo á barbacã
Chegou
Viu formosa castelã.

Aos pés daquella a quem ama
Jurou
Ser fiel á sua dama.

A gentil dona e senhora
Sorriu;
Ai! que izenta ella não fora.

«Tu és mouro; eu sou cristã:»
Falou
A formosa castelã.

«Mouro, tens o meu amor;
Cristão,
Serás meu nobre senhor.»

Sua voz era um encanto,
O olhar
Quebrado, pedia tanto!

«Antes de ver-te, senhora,
Fui rei;
Serei teu escravo agora.

«Por ti deixo meu alcaçar
Fiel;
Meus paços d'ouro e de nacar.

«Por ti deixo o paraizo;
Meu céu
E' teu mimozo sorrizo.»

A dona em um doce enleio
Tirou
Seu lindo colar do seio.

E duas almas cristãs,
Na cruz
Um beijo tornou irmãs.

A voz suave e meiga perdeu-se no silencio do
ermo; o éco repetiu um momento as suas doces
modulações.

FIM DA SEGUNDA PARTE

NOTAS

DO TOMO PRIMEIRO

PAG. 1. — Guarany.

O titulo que damos a este romance significa o *indijena brasileiro*. Na ocazião da descoberta, o Brazil era povoado por nações pertencentes a uma grande raça, que conquistára o paiz havia muito tempo, e expulsára os dominadores. Os cronistas ordinariamente dezinavam esta raça pelo nome *Tupi*-mas esta denominação não era uzada senão por algumas nações. Entendemos que a melhor dezinnação que se lhe podia dar era a da lingua geral que falavam e naturalmente lembrava o nome primitivo da grande nação.

PAG. 5. — O Paquequer.

Para se conhecer a exatidão dessa dezinnação do rio Paquequer naquella epoca, leia-se B. da Silva Lisboa, *Annaes do Rio de Janeiro*, 1.º tomo, pag. 162. Hoje as grandes plantações de café transformaram inteiramente aquelles lugares outr'ora virjens e dezertos.

PAG. 9. — Brazão d'armas.

Este brazão da caza dos *Marizes* é historico; nos mesmos *Annaes do Rio de Janeiro*, tomo 1.º, pag. 329, acha-se a sua dezinnação que copiei literalmente.

5

PAG. 12. — D. Antonio de Mariz.

Este personagem é historico, assim como os fatos que se referem ao seu passado, antes da epoca em que começa o romance.

Nos *Annaes do Rio de Janeiro*, tomo 1.º, pag. 328, leia-se uma breve noticia sobre sua vida.

PAG. 13. — D. Pedro da Cunha.

Deste projeto de transportar ao Brazil a corôa portugueza, fala Warnhagen na sua historia do Brazil.

PAG. 16. — Aventureiros.

O costume que tinham os capitães daquelle tempo de manterem uma banda de aventureiros ás suas ordens, é referido por todos os cronistas. Esse costume tinha o quer que seja dos uzos da media idade, e a necessidade o fez reviver em nosso paiz onde faltavam tropas regulares para as conquistas e explorações.

PAG. 18. — D. Lauriana.

Segundo B. da S. Lisboa a mulher de D. Antonio de Mariz chamava-se Lauriana Simoa, e era natural de S. Paulo.

PAG. 18. — D. Diogo de Mariz.

Este personagem tambem é historico. Em 1607 era provedor da alfândega do Rio de Janeiro, cargo que tinha servido seu pai alguns anos antes. S. Lisboa. — *Annaes*.

PAG. 20 — Pistoletes.

Ou arcabuzes pequenos. Pela ord. n.º 5.º, tit. 80, s. 13.º, era defeza trazê-los armados ou tê-los em caza.

PAG. 30. — Um indio.

O tipo que descrevemos é inteiramente copiado das observações que se encontram em todos os cronistas. Em um ponto porém variam os escritores; uns dão aos nossos selvagens uma estatura abaixo da regular; outros uma estatura alta. Neste ponto preferi guiar-me por Gabriel Soares que escreveu em 1580, e que nesse tempo devia conhecer a raça indijena em todo o seu vigor, e não dejenerada como se tornou depois.

PAG. 36. — Forcado.

Esta maneira de caçar uma onça, que a muitos parecerá extraordinaria, é referida por Ayres do Casal. Ainda hoje no interior ha sertanejos que caçam deste modo, e sem o menor risco ou dificuldade, tão habituados já estão.

PAG. 36. — Ticum.

O ticum é uma palmeira de cujos filamentos os indios uzavam como os europeus do linho. Della se serviam para suas redes de pesca, para cordas de arco e outros misteres; o fio preparado por elles com a rezina de almocega era fortissimo.

PAG. 37. — Biribá.

Era a arvore com que os indijenas tiravam fogo por meio do atrito, roçando fortemente um fragmento de encontro ao outro. B. da S. Lisboa. — *Annaes*.

PAG. 39. — Gardenia.

Nome scientifico que Fr. Velozo na sua *Flora Fluminense* dá á açucena silvestre; nos nossos campos encontra-se essa flor de varias côres; a mais comum é a branca e es-carlate.

PAG. 43. — Pery.

Palavra da lingua guarany que significa ^{leud} *junco silvestre*.

PAG. 76. — Oleo.

É uma das arvores mais elevadas de nossas florestas; cresce a mais de cem palmos, e o tronco chega a uma extraordinaria grossura.

PAG. 82. — Hirára.

Especie de gato selvajem, indijena do Brazil.

PAG. 87. — Soffrer.

É um lindo passaro do Brazil, côr de ouro, com os entros de um negro brilhante. O seu canto doce imita a palavra *soffrer*, razão por que os primeiros colonos lhe deram esse nome.

PAG. 87. — Cecy.

É um verbo da lingua guarany que significa *magoar, doer*.

PAG. 92. — Sapucaia.

Arvore de alta grandeza, que dá um fruto do tamanho e da confeição de um côco.

PAG. 93. — Pequiá.

Arvore de mais de cem palmos de altura, que tem uma pequena flor de brilhante escarlata; florece nos mezes de setembro e outubro.

PAG. 97. — O cactus.

Temos diferentes especies de cactus; os mais lindos são

o branco, o roza e o amarelo, a que os indijenas chamavam *urumbeba*. Todos elles abrem á meia noite e fecham ao despontar do sol.

PAG. 97. — Graciola.

É o nome scientifico que Fr. Velozo na sua *Flora Fluminense* dá á pequena flor azul de um arbusto indijena.

PAG. 97. — Malvaisco.

Assim deizna Saint-Hilaire uma especie de malva indijena brazileira, cuja flor é escarlate.

PAG. 97. — Viuvinha.

Pequeno passaro negro que canta ao amanhecer; dizem ser o primeiro que saúda o nascimento do dia.

PAG. 98. — Jasmineiro.

Ha uma especie de jasmineiro indijena do Brazil; assim o dizem os dois botanicos que citamos acima.

PAG. 99. — Colhereira.

E' uma das aves aquaticas mais lindas do Brazil; suas penas são de uma bela cõr de roza.

PAG. 103. — Cabuiba.

A cabuiba ou cabureiba, *Balsamum Peruvianum* de Pison, *Cabuibaiba* de Marcgrave e *Miroxilim Cabriuva* de outros naturalistas, é uma arvore das nossas matas de mais de cem palmos, e a que vulgarmente se chama arvore do balsamo.

Distila um licor louro de um cheiro agradável, que dizem milagroso para cura de feridas frescas. (Gabriel Soares, S. Lisboa e Ayres do Casal.)

PAG. 125. — O cão.

Diz o Sr. Warnhagen na sua historia do Brazil que o cão era o companheiro constante do nosso indijena, ainda mais do que do europeu.

PAG. 133. — Formigueiro.

No sertão encontram-se frequentemente essas excavações subterraneas, feitas por uma formiga, a que os indios chamaram *taciahy*.

PAG. 138. — Garcia Ferreira.

Garcia Ferreira foi provido no officio de tabelião do Rio de Janeiro por Salvador Corrêa de Sá, em 15 de Fevereiro de 1588. (B. da Silva Lisboa.)

PAG. 141. — Roberio Dias.

Roberio Dias ofereceu a Felipe II o segredo de uma grande mina de prata, descoberta por elle nos sertões de Jacobina, provincia da Bahia; pedia em troca o titulo de marquez das Minas, que não lhe foi dado. Essas minas, falsas ou verdadeiras, nunca se descobriram.

Roberio morreu pobre e desgraçado, recuzando revelar o segredo das minas. (B. da S. Lisboa.)

PAG. 149. — Convento do Carmo.

«Logo que os carmelitas se estabeleceram em Santos pela doação de José Adorno, de 1589, se passou ao Rio de

Janeiro o padre Fr. Pedro, para fundar aqui o convento do Carmo. Suposto não conste com certeza o ano da fundação é indisputavel todavia que fora entre 1589 e 1590, pois que já estava aquelle feito em 1595. Corria por tradição geralmente ter sido o seu começo em 1590.» (B. da S. Lisboa, tom. VII.º, cap. 2.º, § 6.)

PAG. 164. — Arvores de ouro.

A sapucaia perde a folha no tempo da florescencia, e cobre-se de tanta flor amarela que não se vê nem tronco, nem galhos; o mesmo succede á embaiba, ao pau d'arco e outras arvores. (G. Soares, *Roteiro do Brazil*, e B. da S. Lisboa, *Annaes*).

Sendo epoca da florescencia dessas arvores em setembro, a fraze figurada do indio traduz-se da seguinte maneira: «Era o mez de setembro.»

PAG. 164. — O mais forte.

É sabido que entre as nossas tribus, o chefe era sempre aquelle que tinha maior reputação de valor e fortaleza. O principio de hereditariedade, se algumas vezes regulava a sucessão do mando, era ephemero.

PAG. 165. — Taba dos brancos.

Alude-se á colonia da Vitoria, hoje capital da provincia do Espirito Santo, que foi duas vezes arrasada pelos Goytacazes Tupiniquins. É um desses combates que o indio conta de passagem.

PAG. 165. — Senhora dos brancos.

Pela descrição seguinte conhece-se que o selvagem viu na igreja, na ocação do incendio que devorou a vila da

Vitoria, uma imagem de Nossa Senhora, que o impressionou vivamente.

PAG. 166. — A estrela grande.

O que dizem alguns cronistas, a respeito da ignorancia absoluta dos indijenas sobre a astronomia, me parece inexatto. Os Guarany's tinham os conhecimentos rudes, filhos da observação. Chamavam a estrella *jacy-tato*, fogo da lua; supunham pois que a lua é que transmitia a luz ás estrelas. Conheciam as quatro fazes da lua: a lua nova, *jacy-peçaçu*; o quarto crescente, *jacy-jemorotuçu*; a lua cheia, *jacy-caboçu*; e o quarto minguate, *jacy-jearoca*. Dividiam o ano em duas estações: a estação do sol, *coaracyara*, e a estação da chuva, *ama'na-ara*; são as mesmas que hoje conhecemos, e as unicas que realmente existem no Brazil. Muitas outras observações podiamos fazer, que omitimos para evitar prolixidade.

PAG. 166. — Grande rio.

Esta palavra é relativa: todas as nações chamavam assim o maior rio que havia no territorio que ellas conheciam; é por isso que se encontram tantos *rios grandes* nos nomes dos rios do nosso paiz. Para os Goytacazes o Rio-Grande era o Parahyba.

PAG. 168. — A nação goytacaz.

Esses fatos lêem-se em qualquer dos escritores que se têm occupado dos primeiros tempos coloniaes do Brazil, e especialmente em G. Soares, que foi contemporaneo delles.

PAG. 216. — Cipós.

Diz Gabriel Soares: «Deu a natureza ao Brazil, por en-

tre os arvoredos, umas cordas muito rijas, muitas que nascem aos pés das arvores e atrepam por ellas acima, a que chamam cipós, com que os índios atam a madeira de suas cazas e os brancos que não podem mais. Nestes mesmos matos se criam outras cordas mais delgadas e primas a que os índios chamavam «timbós», que são mais rijas que os cipós acima.»

A quantidade infinita de cipós é uma das orijinalidades das florestas do Brazil, e admirou os naturalistas estrangeiros que o visitaram.

PAG. 221. — Candeia.

Diz o mesmo autor: «Ha uma arvore meã que se chama «ibiriba» a qual os índios fazem em fios para fachos, com que vão para mariscar e para andarem de noite; e ainda que seja verde, cortada daquella hora, pega o fogo nella como em alcatrão, e não apaga o vento os fachos della; e em caza servem-se os índios de achas dessa madeira, como de candeias

PAG. 224. — Cauan.

É uma ave que devora as cobras, pelo que ellas fojem della. Os índios, segundo afirma Ayres do Casal, imitavam o seu canto, quando andavam á noite pelo mato, e assim preservavam-se de serem mordidos.

PAG. 283. — Setta por elevação.

A destreza e a habilidade com que os índios atiravam a seta era tal, que os europeus a admiravam. Para atirarem por elevação, deitavam-se, seguravam o arco com os dois dedos dos pés e lançavam ao ar a seta, que, subindo, descrevia uma parabola e ia cair no alvo. Ainda ha pouco tempo no Pará se viam, nas aldeias de índios já catequiza-

dos, pareos deste jogo, em que o alvo era um tronco de bananeira decepado. O tenente Pimentel, filho do presidente de Mato-Grosso, foi assassinado pelos indios deste modo, cavalgando no meio de muitos cavaleiros. Nenhum foi ferido: e todas as setas abateram-se sobre o moço de quem os selvajens se queriam vingar.

FIM DAS NOTAS DO TOMO PRIMEIRO

INDICE

PRIMEIRA PARTE

OS AVENTUREIROS

I. — Senario	5
II. — Lealdade	12
III. — A bandeira	20
IV. — A luta	30
V. — Loura e morena	39
VI. — A volta	49
VII. — A prece	60
VIII. — Trez linhas	70
IX. — Amor	78
X. — Ao alvorecer	86
XI. — No banho	95
XII. — A onça	104
XIII. — Revelação	113
XIV. — A india	124
XV. — Os trez	134

SEGUNDA PARTE

PERY

I. — O Carmelita	147
II. — Yára!	160

III. — Genio do mal	171
IV. — Cecy	180
V. — Vilania	192
VI. — Nobreza.	207
VII. — No precipicio	213
VIII. — O bracelete	224
IX. — Testamento	234
X. — Despedida	244
XI. — Travessura.	254
XII. — As mensajens de Pery	265
XIII. — Trama	275
XIV. — A chacara	284
NOTAS	295
